

“MINHA MÃE ESPEROU 37 DIAS POR UMA UTI”

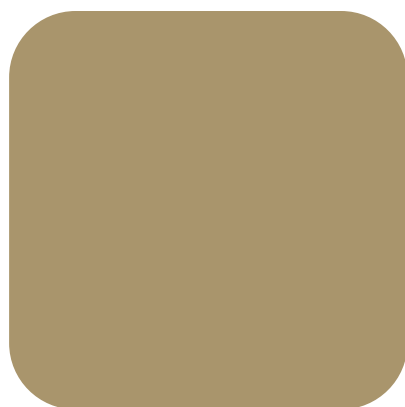
A aposentada Maria Lucia morreu, como tantos brasileiros,
enquanto aguardava um leito que nunca viria

O pedido de
socorro feito
pelos médicos
da mãe de Priscila
Sambrana foi
recusado mais
de 120 vezes
por diferentes
hospitais
de São Paulo

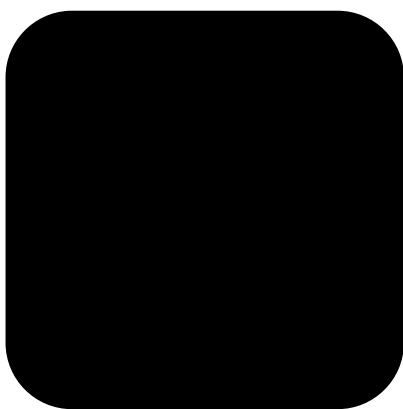




**Tem aplicativo
para pedir comida_**



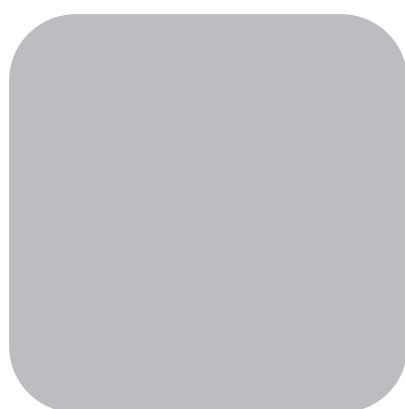
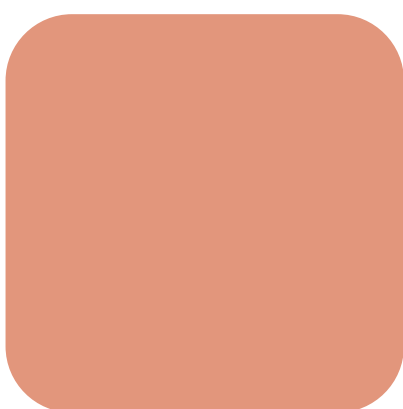
**Tem outro
para mandar
mensagem_**



**Tem aquele
para ver filmes_**



**Tem um para
achar o melhor
caminho_**



**Tem outro para
chamar táxi_**



**Agora pense
num banco
que sempre teve
cara de app_**

**Pode reparar, o Itaú nasceu para ser digital.
Vem aí o novo app Itaú. Aguarde_**

SUMÁRIO

EDIÇÃO 976 | 6 DE MARÇO DE 2017

PRIMEIRO PLANO

DA REDAÇÃO 12

PERSONAGEM DA SEMANA 13

A criatividade de Paulo Barros e da Portela representam o lado bom do Brasil

A SEMANA EM NOTAS 16

A SEMANA EM FRASES 18

GULHERME FIUZA 20

Não vá para a rua sem óculos

EXPRESSO 22

Lula encomenda plano econômico para usar em possível candidatura ao Planalto em 2018

SUA OPINIÃO 24

NOSSA OPINIÃO 26

TEMPO

TEATRO DA POLÍTICA

Marcelo Odebrecht confirma a distribuição de caixa dois na campanha de 2014 32

Sem Padilha, Temer assume ele mesmo a Coordenação Política do governo 36

ENTREVISTA 40

José Mariano Beltrame, ex-secretário de Segurança do Rio de Janeiro



62

DESTRUIÇÃO CRIADORA 44

O cofundador do Uber, Travis Kalanick, tem de lidar com acusações de espionagem industrial e acobertamento de assédio

CRÔNICAS FRANCESAS 48

Pela primeira vez em 60 anos, os partidos tradicionais ficarão fora do governo francês. Haverá consequências para toda a Europa

IDEIAS

FRONTEIRAS DA SANIDADE 52

Como garantir que Donald Trump, o homem mais poderoso da Terra, é mentalmente sã?

DEBATES E PROVOCAÇÕES 56

Indenizar presos é justo? Oscar Vilhena e Roberto de Lucena discutem o assunto

HELIO GUROVITZ 60

Fé, fanatismo, "islamofobia" e humor no livro do cartunista Charb

VIDA

CASO EXTRAORDINÁRIO 62

A paciente que passou um mês entubada em um pronto-socorro, enquanto governo e Justiça trocavam ofícios

BRUNO ASTUTO 72

Ivete Sangalo foi a prefeita da Sapucaí

WALCYR CARRASCO 75

Ovo choco

MENTE ABERTA 76

Em *Uma confissão*, Tolstói conta como os camponeses o ajudaram a recuperar a fé

GUSTAVO CERBASÍ 79

Usar banco direito exige educação

12 HORAS 80

RUTH DE AQUINO 82

"Ninguém deve ser obrigado a fazer nada"



DIRETOR GERAL Frederic Zoghaib Kachar
DIRETOR DE AUDIÊNCIA Luciano Touguinha de Castro
DIRETORA DE MERCADO ANUNCIANTE Virginia Any

ÉPOCA

Diretor de Redação: João Gabriel de Lima epocadir@edglobo.com.br

Editor-Chefe: Diego Escosteguy

Diretor de Arte Multiplataforma: Alexandre Lucas

Editores Executivos: Alexandre Mansur, Guilherme Evelin, Leandro Loyola, Marcos Coronato

Editores-Colunistas: Bruno Astuto, Murilo Ramos

Editores: Aline Ribeiro, Bruno Ferrari, Flávia Tavares, Flávia Yuri Oshima, Liuca Yonaha, Marcela Buscato, Marcelo Moura

Editores Assistentes: Isabela Kiesel, Bruno Calixto

Repórter Especial: Cristiane Segatto

Colunistas: Eugênio Bucci, Guilherme Fiuza, Gustavo Cerbasi, Helio Gurovitz, Ivan Martins, Jairo Bouer, Marcio Atalla, Ruth de Aquino, Walcyrr Carrasco

Repórteres: Daniel Haidar, Gabriela Varella, Luís Lima, Nina Finco, Paula Soprana, Rafael Ciscati, Rodrigo Capelo, Ruan de Sousa Gabriel, Teresa Perosa

Video: Pedro Schmidt; Web Designer: Giovana Tarakdjian;

Consultora de Marketing: Cássia Chrste

Estagiários: Daniele Amorim, Daniela Simões, Bruna de Alencar, Giovanna Wolf Tadini, Guilherme Caetano, Nelson Niero Neto

SUCURSAIS | RIO DE JANEIRO: epocasuc_rj@edglobo.com.br

Praça Floriano, 19 - 8o andar - Centro - CEP 20031-050

Editor: Sérgio Garcia; Repórteres: Acyr Méra Júnior, Guilherme Scarpa, Marcelo Bortoloti;

Repórteres Especiais: Hudson Corrêa, Samantha Lima;

| BRASÍLIA: epocasuc_bsb@edglobo.com.br

SRTVS 701 - Centro Empresarial Assis Chateaubriand - Bloco 2 - Salas 701/716 - Asa Sul

Diretor: Luiz Alberto Weber;

Repórteres: Alana Rizzo, Ana Clara Costa, Barbara Lobato, Bruno Boghossian, Filipe Coutinho, Nonato Viegas, Talita Fernandes;

FOTOGRAFIA | Editor: André Sarmento; Assistente: Sidinei Lopes

DESIGN E INFOGRAFIA | Editor: Daniel Pastori; Editora Assistente: Aline Chica;

Designers: Cristina Ayumi Kashima, Daniel Graf, Renato Tanigawa;

Estagiárias: Ana Carolina Takano Malavolta, Ana Paula do Prado Ribeiro

Editor de Infografia: Marco Vergotti

SECRETARIA EDITORIAL | Coordenador: Marco Antonio Rangel

REVISÃO | Coordenadora: Araci dos Reis Galvão de França; Revisores: Alice Rejaili Augusto, Elizabeth Tasiro, Silvana Marli de Souza Fernandes, Verginia Helena Costa Rodrigues

CARTAS À REDAÇÃO | epoca@edglobo.com.br;

Assistente Executiva: Jaqueline Damasceno;

ESTRATÉGIA DE CONTEÚDO DIGITAL | Gerente: Sílvia Balieiro;

TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO | Diretor de TI: Rodrigo Gosling;

ESTRATÉGIA DIGITAL | Desenvolvedores: Everton Ribeiro, Fabio Alessandro

Marciano, Jefferson Mendonça, Leandro Paixão, Marcelo Amêndola,

Murilo Amendola, Thiago Previero, William Antunes;

Automação Editorial: Ewerton Paes, Ronaldo Nascimento; Opec On-Line: Rodrigo

Santana Oliveira, Danilo Panzarini, Higor Daniel Chabes, Rodrigo Pecoschi

MERCADO ANUNCIANTE | Segmentos - Financeiro, Imobiliário, TI, Comércio e Varejo

| Diretor de negócios multiplataforma: Emilliano Morad Hansenn; Gerente de negócios

multiplataforma: Ciro Hashimoto; Executivos multiplataforma: Cristiane Paggi, Selma Pina,

Milton Luiz Abrantes, Christian Lopes Hamburg; Segmentos - Moda, Beleza e Higiene Pessoal

| Diretor de negócios multiplataforma: Cesar Bergamo; Executivos multiplataforma: Adriana

Pinesi Martins, Ana Paula Boulos, Eliana Lima Fagundes, Giovana Sellan Perez, Selma Teixeira da

Costa, Soraya Mazerino Sobral; Segmentos - Casa, Construção, Alimentos e Bebidas, Higiene

Doméstica e Saúde | Diretora de negócios multiplataforma: Luciana Menezes; Executivos

multiplataforma: Fatima Ottaviani, Paula Santos, Rodrigo Girodo Andrade, Taly Czeresnia

Wakrat, Valeria Glanzmann; Segmentos - Mobilidade, Serviços Públicos e Sociais, Agro e

Indústria | Diretor de negócios multiplataforma: Renato Augusto Cassis Siniscalco; Executivos

multiplataforma: Diego Fabiano, Cristiane Soares Nogueira, Jessica de Carvalho, João Carlos

Meyer, Priscila Ferreira da Silva; Segmentos - Educação, Cultura, Lazer, Esporte, Turismo,

Mídia, Telecom e Outros | Diretora de negócios multiplataforma: Sandra Regina de Melo Pepe;

Executivos multiplataforma: Ana Silvia Costa, Lilian de Marcho Noffs, Dominique Petroni de

Freitas; EGCN - Consultora de marcas EGCN: Olívia Cipolla Bolonha; Escritórios Regionais

| Gerente multiplataforma: Larissa Ortiz; Executiva multiplataforma: Babila Garcia Chagas

Arantes; Gerente de Eventos: Daniela Valente; Opec Off-Line: Carlos Roberto de Sá, Douglas Costa,

Eduardo Ramos; Estratégia Comercial: Guilherme Inegawa Sugio; Unidades de Negócio - Rio de

Janeiro - Gerente multiplataforma: Rogerio Pereira Ponce de Leon; Executivos multiplataforma:

Daniela Nunes, Lopes Chahim, Juliane Ribeiro Silva, Maria Cristina Machado, Pedro Paulo Rios Vieira

dos Santos; Unidades de Negócio - Brasília - Gerente multiplataforma: Barbara Costa Freitas

Silva; Executivos multiplataforma: Camilla Amaral da Silva, Jorge Bicalho Felix Junior; Estúdio

Globo: Caio Henrique Caprioli, Vera Ligia Rangel Cavalieri, Luiz Claudio dos Santos Faria



ÉPOCA é uma publicação semanal da EDITORA GLOBO S.A. - Avenida 9 de Julho, 5229, São Paulo (SP), Jardim Paulista - CEP 01407-907. Distribuidor exclusivo para todo o Brasil: Dinap - Distribuidora Nacional de Publicações GRÁFICAS: Plural Indústria Gráfica Ltda. - Avenida Marcos Penteado de Ulhoa Rodrigues, 700 - Tamboré - Santana de Parnaíba, São Paulo, SP - CEP 06543-001.



O Bureau Veritas Certification, com base nos processos e procedimentos descritos no seu Relatório de Verificação, adotando um nível de confiança razoável, declara que o Inventário de Gases de Efeito Estufa - Ano 2012, da Editora Globo S.A., é preciso, confiável e livre de erro ou distorção e é uma representação equitativa dos dados e informações de GEE sobre o período de referência, para o escopo definido; foi elaborado em conformidade com a NBR ISO 14064-1:2007 e Especificações do Programa Brasileiro GHG Protocol.

Deseja falar com a Editora Globo?

ATENDIMENTO
4003-9393

VENDAS
CORPORATIVAS
E PARCERIAS
11 3767-7226
parcerias@edglobo.com.br

PARA ANUNCIAR
SP: 11 3736-7128 | 3767-7447
3767-7942 | 3767-7889
3736-7205 | 3767-7557
RJ: 21 3380-5930 | 3380-5923
BSB: 61 3316-9584

NA INTERNET
www.assinieglobo.com.br/sac
4003-9393

ASSINATURAS
4003-9393
www.sacglobo.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES

O pedido será atendido através do jornaleiro ao preço da edição atual, desde que haja disponibilidade de estoque. Faça seu pedido na banca mais próxima.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO

11 3767-7005
venda_conteudo@edglobo.com.br

Para se corresponder com a Redação: Endereçar cartas ao Diretor de Redação, ÉPOCA. Caixa Postal 66260, CEP 05315-999 - São Paulo, SP. Fax: 11 3767-7003 - E-mail: epoca@edglobo.com.br

As cartas devem ser encaminhadas com assinatura, endereço e telefone do remetente. ÉPOCA reserva-se o direito de selecioná-las e resumi-las para publicação.

Só podem ser incluídas na edição da mesma semana as cartas que chegarem à Redação até as 12 horas da quarta-feira.

Banho com óleos Florais

é com Francis

O AROMA, A NÉVOA PERFUMADA, AQUELE MOMENTO SÓ SEU. ASSIM É UM BANHO FLORAL COM A NOVA LINHA DE SABONETES FRANCIS. FEITA COM ÓLEOS FLORAIS EXTRAÍDOS DAS MELHORES FLORES DO MUNDO, COM UMA PERFUMAÇÃO EXCEPCIONAL, E FRAGRÂNCIAS ÚNICAS E INUSITADAS. PELE MACIA E PERFUMADA POR MAIS TEMPO*. FRANCIS AGORA TAMBÉM NA VERSÃO LÍQUIDA, TRÊS FRAGRÂNCIAS QUE VÃO SURPREENDÊ-LA, EXPERIMENTE.

BANHO COM ÓLEOS FLORAIS É COM FRANCIS.

ÓLEOS
FLORAIS



AGORA
NA VERSÃO
LÍQUIDA



*COMPARADA COM A LINHA ANTERIOR DE FRANCIS.

BANCO ORIGINAL, JUSTO E TRANSPARENTE.

1

Aqui você só paga R\$ 9,90 mensais para usar seu banco à vontade no Pacote Original Ilimitado.

2

Parte dos seus gastos no cartão voltam em dinheiro para você. Agora também no débito.

3

Cada amigo indicado, vale até R\$ 40 na sua conta.



ORIGINAL.COM.BR

100% DIGITAL

BAIXE O APLICATIVO E ABRA
SUA CONTA PELO CELULAR.



vigorgrego.com.br

Sabia que Vigor Grego

Saborear

Existem muitos momentos do dia para

logurte grego é da Vigor.

VIGOR
GREGO

Flocos vai muito bem na

mesa?

Tucker

saborear Vigor Grego. Que tal agora?



NO CAPRICHIO
É COM O PRESUNTO SEARA.
ELE É ROSADINHO, FRESQUINHO
E TEM SÓ 12 CALORIAS POR FATIA.



Imagens ilustrativas.

A QUALIDADE
VAI TE SURPREENDER.



WMCANN | SEARA



CONTINUA COM MENOS SÓDIO
E MENOS GORDURA.*

*Quando comparado à antiga formulação do presunto cozido Seara, em atendimento à RDC nº 54 de 2012.

Nunca foi tão fascinante contar histórias

Um jornalista é, antes de tudo, um contador de histórias. A história narrada pela repórter especial Cristiane Segatto nesta edição é triste. Sua protagonista é a aposentada Maria Lucia Machado, de 62 anos. Um mês depois de ter um infarto, Maria Lucia foi internada num hospital público com pneumonia e pressão altíssima. O quadro se agravou com duas paradas cardíacas em quatro dias. Maria Lucia necessitava de tratamento numa Unidade de Terapia Intensiva. O hospital, no entanto, não tinha vagas na UTI. Os médicos assumiram o risco de colocá-la num respirador artificial na sala de emergência. A família tentou transferir a paciente para outro hospital. Foram mais de 120 pedidos, e igual número de negativas, todas elas por falta de vagas. O périplo durou 37 dias. Ao fim desse período, Maria Lucia contraiu uma infecção hospitalar e acabou morrendo.

Um jornalista é, antes de tudo, um contador de histórias. No jornalismo de revista – como o que é praticado em *ÉPOCA* –, é fundamental ir além dos fatos. Aprofundar-se. O caso de Maria Lucia não é isolado. É tragicamente recorrente no país, devido a dois problemas crônicos da saúde pública brasileira. A escassez de vagas em hospitais públicos. E a má gestão das vagas existentes. Em suas reportagens na área de saúde, Cristiane Segatto retrata dramas humanos, mas não se limita às narrativas. Ela faz entrevistas, confere estatísticas e documentos, investiga – e, através da investigação profunda, revela o que há por trás dos dramas humanos que retrata. Com isso, ao longo da carreira, ganhou vários prêmios. Um de seus textos, “O lado oculto das contas de hospital”, publicado em *ÉPOCA* em maio de 2014, foi reconhecido no Brasil e no exterior – foi um dos três finalistas do Prêmio Gabriel García Márquez, o mais importante da América Latina.

Um jornalista é, antes de tudo, um contador de histórias. Na era digital, no entanto, não pode se limitar à plataforma impressa. Ele precisa usar todos os recursos à disposição. A reportagem sobre UTIs é um exemplo. Textos publicados na revista impressa e, nos próximos dias, nas plataformas digitais

contam a história da paciente. Narram o drama dos médicos que precisam decidir quem salvar. E incluem uma discussão sobre a insistência em tratamentos fúteis – até que ponto se está apenas prolongando o sofrimento de um paciente?

Na era multiplataforma, textos não bastam – mesmo que sejam bem escritos, instigantes, explicativos. A reportagem inclui vídeos que mostram a rotina de uma UTI pública. Vídeos com depoimentos da filha da paciente, da defensora

pública e de vários médicos ligados ao universo das UTIs. A reportagem compreende também gráficos digitais interativos sobre a distribuição de leitos de UTIs no Brasil e a reprodução de vários documentos – entre eles as mais de 120 negativas dos hospitais que se recusaram a receber Maria Lucia.

ÉPOCA é uma revista. E já há algum tempo uma revista é muito mais que um caderno de papel. É uma central de produção de conteúdo em várias plataformas. Desde que preserve, em todas elas, a essência do jornalismo de revista: aprofundar-se sobre os assuntos de que trata. Como diz a lendária re-

pórter americana Lillian Ross, a boa reportagem é uma forma de produzir conhecimento tão rica – e tão legítima – quanto uma tese acadêmica.

Um jornalista é, antes de tudo, um contador de histórias. Nunca foi tão fascinante contar histórias como hoje. Sorte nossa – e sorte sua, que pode usufruir do trabalho da repórter Cristiane Segatto em diferentes plataformas.



CONHECIMENTO
A reportagem em diferentes plataformas. A essência é o conteúdo aprofundado

João Gabriel de Lima
Diretor de Redação

**PRIMEIRO
PLANO**

PERSONAGEM DA SEMANA

PAULO BARROS

O TALENTO EM MEIO AO DESASTRE

O Carnaval reúne o melhor e o pior do Brasil. A criatividade de Paulo Barros e a tradição da Portela representam nosso lado bom

PRESSÃO
Paulo Barros
festeja o título
na quadra
da Portela.
Criticado no ano
passado, ele
chorou quando
o desfile acabou

João Gabriel de Lima

Na linhagem nobre dos carnavalescos, Paulo Barros descende de Joãozinho Trinta e Fernando Pamplona. Pamplona está para o Carnaval carioca como Stravinsky para a música clássica, ou Marcel Duchamp para as artes plásticas. Ele inaugurou a era moderna dos desfiles das escolas de samba. Antes dele, os enredos homenageavam heróis militares, glórias nacionais, riquezas do Brasil. Os sambas eram bons, mas seus assuntos eram enfadonhos e previsíveis como estátuas equestres. Desde 1960 – primeiro Carnaval de Pamplona, primeiro título da história do Salgueiro – o samba passou a contar histórias. Os enredos passaram a ser efetivamente enredos, como se as escolas fossem livros coloridos que, em vez de capítulos, tivessem alas e carros alegóricos. Surgia o que o diretor teatral José Celso Martinez Correa batizou de “ópera de Carnaval”. Uma forma de arte 100% brasileira, criativa e sofisticada. Em uma de suas últimas entrevistas – Pamplona morreu em 2013, aos 87 anos –, o salgueirense ungiu Paulo Barros como um de seus sucessores. E disse: “Ele só precisa olhar menos para si próprio e mais para as escolas onde trabalha”.

Neste Carnaval, Paulo Barros olhou para a Portela e, combinando a tradição da escola com sua criatividade oceânica, regeu um desfile de antologia. O Carnaval congrega o que há de melhor e pior no Brasil. Neste ano, o bom e o ruim atingiram extremos. O lado mau se fez representar pelos acidentes em carros alegóricos, que deixaram dezenas de feridos. No desabamento do carro da Unidos da Tijuca, ninguém teve coragem de parar o desfile para atender os foliões machucados – e a imagem das alas fechando o caminho das ambulâncias, que, no desespero, tentavam partir para o hospital mais próximo, representa com eloquência o descaso brasileiro. Outro motivo de vergonha foi a decisão tomada pela Liga das Escolas de Samba. Em vez de punir exemplarmente a Paraíso do Tuiuti, responsável pelo pior acidente, além da Unidos da Tijuca, a Liesa decidiu que nenhuma das duas escolas seria rebaixada. A impunidade é outro dos piores costumes de nosso país.

Do outro lado, o bom, estiveram Paulo Barros e a Portela. E o bom, na Marquês de Sapucaí, foi mais que bom. Foi incrível, fantástico, extraordinário, como dizia a letra de um velho samba da escola azul e branca. Paulo tirou a Portela de uma fila de 33 anos, e cravou seu nome na dinastia de Joãozinho e Pamplona. As trajetórias dos três mestres têm várias semelhanças. Os três surgiram em escolas sem tradição vencedora e as elevaram de patamar – Pamplona no Salgueiro, Joãozinho na Beija Flor e Paulo na Unidos da Tijuca. Os três inauguraram procedimentos que revolucionaram o Carnaval e foram copiados por todas as escolas. Se Pamplona inventou o enredo como compreendemos hoje, Joãozinho fez do Carnaval um espetáculo monumental e luxuoso, transformando a Avenida Presidente



Vargas – e posteriormente o Sambódromo da Marquês de Sapucaí – numa espécie de Broadway ao ar livre.

Paulo, por seu turno, mudou radicalmente a maneira com que as escolas narram suas histórias. Se Pamplona era romance clássico e Joãozinho tocava as raias do surrealismo, Paulo se aproxima do realismo fantástico. Ele valorizou como nenhum outro as Comissões de Frente, que sob sua batuta incorporaram até truques de ilusionismo – e se tornaram uma espécie de prólogo grandioso da história a ser contada. Os carros deixaram de ter apenas luxo e, com as “alegorias humanas”, tornaram-se verdadeiros palcos onde atores interpretam uma história. Um dos melhores de sua lavra passou no desfile da Portela deste ano. Num protesto eloquente contra a tragédia de Mariana, um ator solitário sujava as mãos numa fonte de lama, enquanto esculturas expressionistas encenavam um grito mudo de dor. Tais procedimentos, inaugurados por Paulo, são hoje comuns em todas as escolas. No ano passado, o Salgueiro colocou uma companhia de balé sobre um carro, interpretando personagens da *Ópera do malandro*. Dizer que um artista foi o marco de uma era, dividindo-a em antes e depois dele, costuma ser um clichê da crítica cultural. No caso de Paulo – como nos de Pamplona e Joãozinho – significa a pura realidade.

Também como Pamplona e Joãozinho em suas épocas, Paulo enfrenta a ira dos conservadores e a incompreensão



LAMA
O carro de
protesto sobre
a tragédia de
Mariana. Um
grito mudo de
dor na Marquês
de Sapucaí

Com Paulo Barros, os carros alegóricos tornaram-se palcos onde atores interpretam histórias

dos jurados. Ele estreou na Portela no ano passado. Criou um desfile esfuziante, destinado a disputar o título quesito a quesito com a melhor passagem da Mangueira nos últimos dez anos. Os julgadores, no entanto, ceifaram décimos decisivos da Portela em Mestre-Sala e Porta-Bandeira. Eles viram – só eles – um escorregão dos bailarinos na pista molhada. Pouco antes da entrada do casal, Paulo Barros havia mostrado à Sapucaí uma das melhores Comissões de Frente da história. Ela incluía um ator que voava sobre jatos de água, representando Netuno, o deus dos mares. O asfalto da Sapucaí realmente ficou molhado – mas a nota baixa dos jurados era como uma punição ao carnavalesco por sua ousadia.

A ansiosa Madureira, que esperava um título já no primeiro ano, ficou decepcionada. Paulo foi criticado em território azul e branco. Trabalhou o ano todo sob pressão, agravada pelo assassinato de Marcos Falcon, presidente da Portela e seu esteio na escola. Depois que tudo deu certo, chorou na Sapucaí à passagem da última ala. O desfile deste ano mostrou que, desentendimentos à parte, Paulo e a Portela nasceram um para o outro. A mais orgulhosa das escolas – a maior campeã da história do Carnaval, agora com 22 títulos – se acostumou a encarar os fracassos das últimas três décadas com desdém e humor. O lendário Monarco chegou a compor um samba em forma de piada, que celebrava um título fictício da Portela. O lado do desdém fica claro em qualquer ida à quadra da Portela. Os portelenses perguntam: “Que importam títulos, se já temos tantos? Que importam títulos, se temos em nossas fileiras Monarco, o maior cantor do samba, Paulinho da Viola, o maior compositor, e nossas façanhas são tema de um documentário conduzido por Marisa Monte? Que importam os títulos, se nosso barracão agrega tanta gente talentosa, e nossas feijoadas são eventos badalados na cidade?”

Para além da soberba azul e branca, os títulos importam – e muito. Entre outras coisas, para renovar a torcida – que, como disse o cantor Zeca Pagodinho, vai se aproximando da idade do octogenário Monarco. Em busca do primeiro lugar, a Portela se dedicou, nos últimos anos, a um plano de responsabilidade fiscal. Cortou gastos. Passou a gerir de forma mais profissional os ensaios e as feijoadas, com o intuito de aumentar a arrecadação. Criou programas de fidelidade e se tornou relevante nas redes sociais. Há quatro anos, a dívida era acachapante e, como resultado, a escola ia para a Avenida com fantasias perdendo plumas e carros soltando pedaços. Hoje, as contas da escola estão praticamente zeradas. O fator decisivo para o título, no entanto, foi mesmo a criatividade de Paulo Barros. Com a vitória de Donald Trump nos Estados Unidos e do Brexit na Inglaterra, e com os bons índices de Marine Le Pen na França, fala-se muito numa onda conservadora no mundo. Pelo menos na Marquês de Sapucaí a ousadia triunfou – bailando ao ritmo da mais sofisticada tradição do samba. ♦



Delúbio de volta à cadeia

Na quinta-feira, dia 2, o juiz Sergio Moro condenou **Delúbio Soares**, ex-tesoureiro do PT, a cinco anos de prisão em regime fechado por lavagem de R\$ 6 milhões. Preso em novembro de 2013, Delúbio foi condenado a seis anos e oito meses por corrupção ativa no mensalão, mas foi autorizado a cumprir o restante da pena em prisão domiciliar em setembro de 2014.



Execução na Mancha

Na madrugada da quinta-feira, dia 2, **Moacir Bianchi**, um dos fundadores da torcida organizada Mancha Verde, foi executado com 22 tiros na Zona Sul de São Paulo. Bianchi foi alvejado ao parar em um semáforo entre dois carros, ocupados pelos criminosos. A torcida organizada do Palmeiras anunciou que suas atividades ficarão encerradas por tempo indeterminado. A polícia investiga o caso.

SEM LEI

A Operação Lava Jato na Argentina tem na mira

98

EMPRESAS

O código penal do país, entretanto, só prevê punições por corrupção para pessoas físicas.

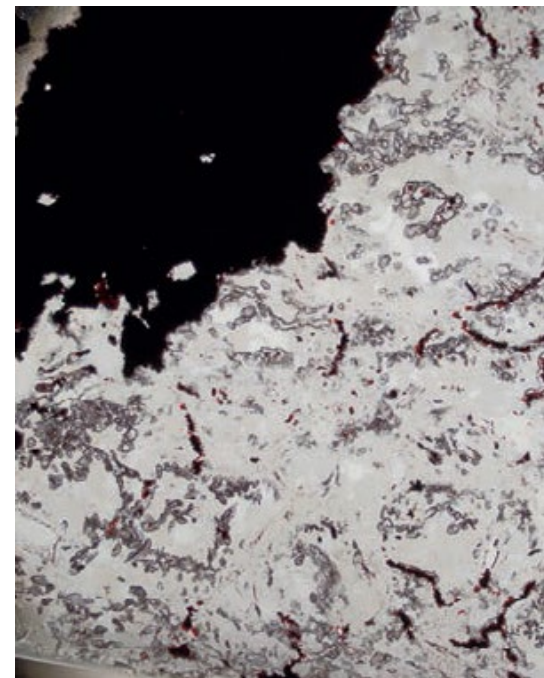
Alguém acredita?

Na quinta-feira, dia 2, o ex-embaixador da Coreia do Norte na ONU **Ri Tong Il** negou que o meio-irmão do ditador Kim Jong-un tenha sido morto por envenenamento. O diplomata afirmou que Kim Jong-nam sofria de pressão alta e problemas cardíacos e que há indícios de um ataque do coração. A autópsia preliminar indicou que a morte ocorreu pelo contágio com o agente tóxico VX, uma arma de destruição em massa.



A origem de tudo

Pesquisadores da Universidade College, na Inglaterra, acreditam ter encontrado os fósseis mais antigos do mundo, que podem ter se formado entre 3,7 bilhões e 4,28 bilhões de anos atrás. As rochas estudadas estão no cinturão Nuvvuagittuq, em Québec, no Canadá. A descoberta pode indicar que a vida surgiu na Terra bem antes do que se pensava.





PELO MENOS TEVE GRAÇA Jordan Horowitz, produtor de *La La Land*, entrega a estatueta do Oscar ao verdadeiro dono, Barry Jenkins, diretor de *Moonlight*, após erro no anúncio do prêmio de Melhor Filme. E o tropeço deu à artificial cerimônia do Oscar um ar fresco de comédia, digno dos irmãos Marx.



Os do contra

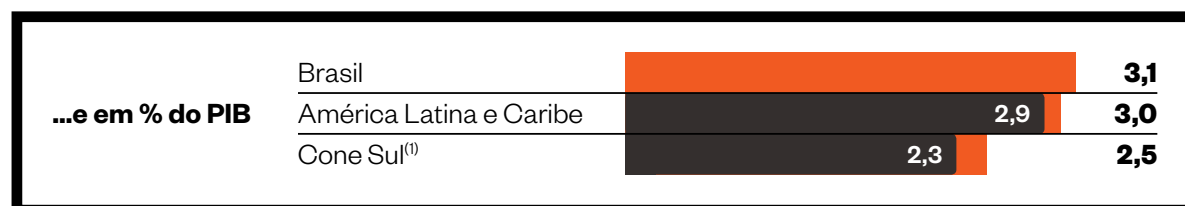
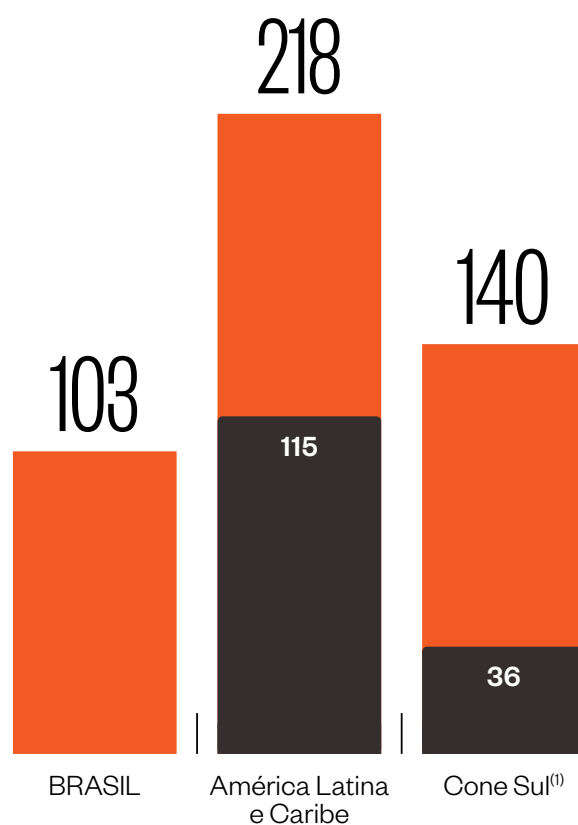
Na segunda-feira, dia 27, o governo da Colômbia anunciou as primeiras anistias concedidas aos guerrilheiros das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (Farc). Um dia antes, o Exército de Libertação Nacional (ELN) reivindicou a autoria de um atentado contra uma patrulha policial. O governo enfatizou que eventos violentos colocam em risco a manutenção dos acordos de paz, assinados em dezembro passado.

A criminalidade custa caro

Em 2014, a violência custou ao Brasil US\$ 103 bilhões, segundo o relatório do Banco Interamericano de Desenvolvimento. O valor corresponde a 3,14% do PIB brasileiro. Apenas Honduras (5,67%), El Salvador (5,28%), Bahamas (3,94%) e Jamaica (3,49%) apresentam percentuais mais elevados.

Custo da violência em US\$ bilhões...

Sem a participação do Brasil



Fonte: Banco Interamericano de Desenvolvimento

(1) Região composta de Argentina, Chile e Uruguai

QUINZE FRASES

QUE RESUMEM A SEMANA

“Minha avó sempre dizia: ‘Se você tem US\$ 1, tem muito o que dividir’”

Rihanna,
cantora, escolhida ativista
do ano de 2017 pela
Universidade Harvard



“Eu não era o dono do governo, eu era o otário do governo. Era o bobo da corte”

Marcelo Odebrecht,

ex-presidente da Odebrecht, em depoimento à Justiça Eleitoral. Ele diz que era chamado a resolver situações de emergência, como obras da Copa do Mundo e da Olimpíada

“É mentirosa a informação de que Dilma Rousseff teria pedido recursos ao senhor Marcelo Odebrecht”

Dilma Rousseff,

ex-presidente, em nota

“Houve o jantar, mas não falaram de valores durante o encontro”

Michel Temer,

presidente, em nota. Ele confirmou um jantar com Odebrecht em 2014 no Palácio do Jaburu, residência oficial do então vice-presidente

“Ninguém é obrigado a fazer nada”

Marcelo Crivella,

prefeito do Rio de Janeiro, ao justificar sua ausência dos eventos oficiais do Carnaval

“O tempo para o pensamento pequeno acabou. O tempo para as brigas triviais ficou para trás”

Donald Trump,

presidente dos Estados Unidos. Em seu primeiro discurso ao Congresso, um Trump conciliador defendeu a união de democratas e republicanos

“Somente ao tomar conhecimento dos documentos que instruem a presente ação penal é que o acusado teve ciência”

Defesa de Henrique Eduardo Alves,

ex-ministro de Michel Temer e ex-presidente da Câmara. Ele disse que não sabia da existência de US\$ 830 mil em uma conta sua na Suíça

“A melhor atriz, Emma Stone, nos bastidores!”

Brian Cullinan,

consultor da PwC, ao publicar uma foto no Twitter. Cullinan era encarregado de entregar aos apresentadores o envelope com o ganhador da categoria “Melhor Filme”

“Vamos! *La La Land*!”

Faye Dunaway,

apresentadora do Oscar de Melhor Filme, quando seu parceiro, Warren Beatty, hesitou diante do cartão com o nome do vencedor. Ela puxou o envelope e fez o anúncio

“A propósito, nós perdemos, sabe como é”

Fred Berger,

produtor do filme *La La Land*. Durante o discurso de agradecimento, ele foi informado pela organização do Oscar que o vencedor era outro

“*Moonlight*, vocês ganharam. Não é uma piada”

Jordan Horowitz,

produtor de *La La Land*. No palco para agradecer a vitória, ele acabou anunciando a vitória de um filme concorrente

“Por isso eu olhei tanto para Faye e para vocês. Não estava tentando ser engraçado”

Warren Beatty,

ator. Ele disse que seu envelope tinha o nome de Emma Stone, Melhor Atriz pelo filme *La La Land*

“Foi bagunçado, mas fantástico. Tivemos as equipes de dois filmes, juntas no palco, por um segundo”

Barry Jenkins,

produtor de *Moonlight*, ganhador do Oscar de Melhor Filme

DEDO NA CARA

“O torneio de Roma foi o primeiro a me convidar. Isso significa muito para mim”

Maria Sharapova,

tenista, sobre seu retorno após 15 meses de suspensão por doping. Convidada, ela poderá participar sem passar por torneios classificatórios

“Acho que você deveria batalhar seu caminho de volta”

Andy Murray,

tenista número 1 do mundo





GUILHERME FIUZA

Não vá para a rua sem óculos

Dizem que março será o mês da volta das manifestações, do novo grito das ruas. Aparentemente, serão manifestações em defesa da Lava Jato. Essa é uma causa irretocável. Mas o sismógrafo da opinião pública brasileira – essa entidade exótica – parece registrar também uma tendência ao reaparecimento do “fora todo mundo”. É o famoso saco de gatos cívico, aquele “basta” genérico que o Brasil tanto ama. Nesse caso, por incrível que pareça, as ruas podem não fazer bem à Lava Jato.

Um instituto de pesquisa apurou que, para a maioria dos brasileiros, Eduardo Cunha é um vilão mais nocivo que José Dirceu. Cada vez mais se observa que as pesquisas de opinião ensejam desconfiança – infelizmente, e sem nenhuma teoria conspiratória. Há muitas formas de induzir o resultado – tipo de pergunta, momento da sondagem etc. – e vários institutos andaram levando surra da realidade por causa disso. É natural que Cunha seja mais citado que Dirceu, já que sua saga esteve em cartaz mais recentemente. A pesquisa sublinha a síndrome da memória curta – o que não deixa de ser um fato real.

Em outras palavras: pode não ser o mais honesto você pesquisar com um corintiano na saída do estádio, após uma derrota do Corinthians, o nível de satisfação dele com qualquer coisa no planeta Terra; mas também é verdade que boa parte das manifestações públicas brasileiras tem a profundidade de uma ressaca futebolística.

Os famosos protestos de junho de 2013 continuam sendo descritos por narradores diversos – o que não falta por aqui é narrador – como um divisor de águas na política nacional. É uma espécie de alquimia historiográfica. Basta dizer que aquele mar de gente nas ruas não fez cócegas nos principais responsáveis pela insatisfação geral.

A causa inicial contra o aumento das passagens de ônibus, que depois se ampliou com o slogan “Não é só por 20 centavos”, denotava a perda de poder aquisitivo e a deterioração das condições de vida em geral – primeiros sinais da recessão profunda que se instalou no país. Como se sabe hoje (e já era fácil enxergar na época), a derrocada econômica foi obra exclusiva da quadrilha que governava o Brasil – com direito à façanha de jogar a maior empresa

nacional na lona. Você pode deixar o narrador sonhar que ali o PT começou a cair, mas você sabe que é mentira.

Dilma, Mercadante, Rossetto, Ananias e todo aquele estado-maior de picadeiro fizeram a festa: pronunciamentos, coletivas, anúncios de reforma política, promessas de plebiscito e doces reminiscências dos seus tempos de militância de rua, o que os igualava aos manifestantes de 2013. Os delinquentes federais saíram sem nenhum arranhão da Primavera Burra – e ainda contrataram para a campanha eleitoral do ano seguinte os bravos ativistas de mídia e de quebra-quebra que estavam nas ruas por um mundo melhor (para os seus cofrinhos particulares).

O problema deste março de 2017, com Cunha desbançando Dirceu entre os vilões da Lava Jato, é parte da multidão tirar do foco as obras completas do PT (já faz tanto tempo...) e partir para o “fora todo mundo” – inclusive quem está consertando (e bem, segundo todos os indicadores) o desastre.

Vamos ser didáticos: todos os pilantras do PMDB merecem cadeia, e a força-tarefa da Lava Jato jamais deu qualquer sinal de que pretenda aliviar os partidários do presidente, ou mesmo o próprio; mas o gigantesco esquema do petrolão, articulado ao mensalão, que sequestrou o coração do estado brasileiro e permitiu o maior assalto

da República, não foi liderado e regido por nenhum desses coadjuvantes. A Lava Jato só terá sido bem-sucedida se condenar e prender a cúpula populista que virou dona do Brasil por 13 anos. Se a opinião pública aceitar qualquer coisa diferente disso, estará desautorizada a reclamar da corrupção.

Se as manifestações de março de 2017 partirem para o “fora todo mundo”, provavelmente vão se desmanchar na história como as de 2013. Se servirem para atrapalhar a equipe econômica de Temer, que é reconhecida tecnicamente no mundo todo e está arrumando a casa, o tiro sairá pela culatra. Os parasitas que estão de boca aberta para herdar, em 2018, a lenda coitada do PT saberão reabrir devidamente todas as boquinhas e bocarras que a Lava Jato conseguiu fechar. ♦

Guilherme Fiuza é jornalista. Publicou os livros *Meu nome não é Johnny*, que deu origem ao filme, *3.000 dias no bunker* e *Não é a mamãe – Para entender a Era Dilma*. Escreve quinzenalmente em ÉPOCA gfiuza@edglobo.com.br

ADRIANA
BIROLI

ALINE
RISCADO

RAPHAEL
VIANNA

RÔMULO
ARANTES NETO

LETICIA
BIRKHEUER

JOAQUIM
LOPES

JESUS
LUZ

Paixão
de Cristo 50
ANOS

NOVA JERUSALÉM | PERNAMBUCO | BRASIL

08 A 15 DE ABRIL

EM ATÉ 12X NO SITE: NOVAJERUSALEM.COM.BR

FOTOS: JOÃO TAVARES

oficina

APOIO CULTURAL:



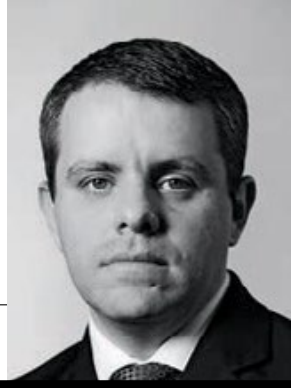
SECRETARIA DE
CULTURA, PATRIMÔNIO
E LAZER

Pernambuco
AMPAZ, PATRIMÔNIO
E LAZER

um
telecom

PATROCÍNIO:





Magoou

“Bobo da corte”

Marcelo Odebrecht tem certa razão ao dizer que foi o “bobo da corte” do governo. Primeiro, nunca se deu bem com a ex-presidente **Dilma Rousseff** – ela chegou a expulsá-lo da sala em 2007 durante uma discussão sobre a licitação para a construção da Usina Hidrelétrica de Santo Antônio. Voltaram a se falar em 2012, quando foram juntos a Cuba e ao Haiti. Marcelo, então, ofereceu de graça máquinas da Odebrecht, que estavam na República Dominicana, para ajudar na reconstrução do Haiti após o terremoto. Dilma aceitou e fez propaganda de seu governo ao dizer que as máquinas eram uma ajuda do governo brasileiro ao pobre país. Faturou em cima da Odebrecht.

3, 2, 1... gravando

O agente da Polícia Federal **Newton Ishii**, o Japa da Federal, deu uma mãozinha para a produção do filme sobre a Lava Jato durante gravações na Superintendência da PF em Curitiba. Ele corrigiu excessos cometidos por figurantes que insistiam em usar o coldre da arma na parte de frente da perna – e não na parte lateral, que é o jeito recomendado. Nem assim Ishii será interpretado no filme.



Último ato

Antes de deixar a Lava Jato, o delegado **Márcio Anselmo** finalizará o inquérito contra o ex-presidente **Luiz Inácio Lula da Silva** que apura se o sítio no município de Atibaia, em São Paulo, pertence ao petista. Márcio está concentrado em analisar a perícia realizada e relatos de testemunhas.

Ajuda dos ex

Paulo Okamoto, presidente do Instituto Lula, quer requisitar informações de entidades ligadas aos ex-presidentes **José Sarney**, **Itamar Franco** e **Fernando Henrique Cardoso** no processo em que Lula é suspeito de receber favores de empreiteiras em troca de ajuda no governo. Tudo para provar que receber doações empresariais é algo mais que normal.

Perdeu o bonde

O ex-diretor de Serviços da Petrobras **Renato Duque** tanto enrolou que não consegue firmar um acordo de delação premiada. As informações que tinha guardado já foram ditas por outros e as que acrescentou subitamente não consegue provar.

Sem barreiras

Depois de quase dois meses sem encontrá-la, **Eduardo Cunha** recebeu a visita de sua mulher, **Cláudia Cruz**, há duas semanas. A ausência de Cláudia deveu-se a um acidente de bicicleta, que lhe causou lesões graves no joelho e problemas de locomoção. Cláudia apareceu no Complexo Médico de Pinhais, onde Cunha está preso, de cadeiras de rodas.

É a economia

Assessores do presidente Michel Temer acreditam que o relator do processo da cassação da chapa Dilma-Temer, o ministro do TSE Herman Benjamin, vai votar pelo impedimento do peemedebista à frente do Planalto. No entanto, têm a esperança de que o julgamento será empurrado com a barriga porque o afastamento de Temer geraria instabilidade política e econômica.

A história

O presidente Michel Temer sabe que, se conseguir permanecer no poder, dificilmente atingirá níveis altos de popularidade. Ainda assim insiste em aprovar as polêmicas reformas da Previdência e trabalhista. Diz que se a história lhe fizer Justiça já será bom demais.

Isolamento

O fim da convivência com Eliseu Padilha e Geddel Vieira Lima deixou o presidente mais isolado e errático na tomada de decisões. Ninguém entendeu por que demorou tanto para manter o PSDB (escolheu o senador Aloysio Nunes) no Itamaraty após a saída de José Serra e por que nomeou Osmar Serraglio para o Ministério da Justiça.



Na algibeira

Rascunho

O ex-presidente Lula rascunha um plano econômico para apresentar se realmente for candidato à Presidência da República. No curto prazo, diz um petista envolvido com o documento, Lula adotaria políticas anticíclicas para voltar a aquecer a economia, incluindo o uso de bancos públicos. Também, de acordo com o plano, diminuiria o déficit da Previdência por meio da arrecadação. Tudo para não atingir os trabalhadores com uma reforma previdenciária tão “cruel”, como é classificada a proposta de Temer.

Tô fora

Lula, no entanto, veta em seu projeto ideias mais heterodoxas, como a taxa de grandes fortunas.

Mexe-mexe

Depois de tentar se tornar ministro da Justiça e não conseguir, o subchefe de Assuntos Jurídicos da Casa Civil, Gustavo Rocha, se mexe para tentar ocupar o lugar de Eliseu Padilha, caso ele não retorne. Rocha tem a simpatia de caciques do PMDB e até fez serão no Planalto no Carnaval para impressionar o chefe. Rocha é ligadíssimo a Eduardo Cunha.

Vácuo de poder

Os assessores Sandro Mabel e Rodrigo Rocha Loures também tentam se aproveitar da ausência de amigos de Temer para crescer no conceito do presidente. Para Mabel ficou mais difícil após levar o ministro do STF Alexandre de Moraes para uma sabatina informal com senadores numa lancha localizada à beira do Lago Paranoá.

Dúvidas

Senadores da oposição contabilizam 30 assinaturas para criar uma CPI da Previdência, tentativa de melar a reforma proposta pelo Planalto. Uma das alegações é a necessidade de investigar os números apresentados pelo governo para justificar a reforma. Resta saber se o presidente Eunício Oliveira levará o pedido de CPI adiante.

Guerra de vistos

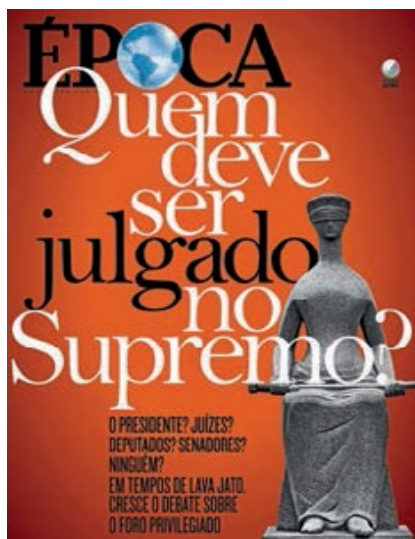
A liberação de vistos para turistas de quatro nacionalidades encontra forte resistência do Itamaraty. Se Temer não encampar a ideia por meio de uma medida provisória encaminhada ao Congresso, o Ministério do Turismo vai partir para um plano B: apostar num projeto de lei na Câmara dos Deputados, que independe dos diplomatas.

No seco

No fim de 2016, preocupado com o baixo nível dos reservatórios de água em Brasília, o governador do Distrito Federal, Rodrigo Rollemberg, buscou ajuda da Fundação Cacique Cobra Coral, entidade esotérica, para pedir chuva. Desde dezembro, no entanto, Rollemberg deixou a Cobra Coral de lado e a questão hídrica em Brasília piorou. Mais de 20 regiões do Distrito Federal enfrentam racionamento de água. Apesar do abandono, o assessor da Cobra Coral, Osmar Santos, diz que ainda dá tempo de resolver o problema.



SUA OPINIÃO



Escreva para:
epoca@edglobo.com.br

FORO PARA QUEM?

Em “Quem deve ser julgado no Supremo?” (975/2017), ÉPOCA mostrou que o Brasil é o país onde há o maior número de pessoas com direito a foro privilegiado

O foro privilegiado se tornou uma blindagem para a cúpula política. Qual o sentido de julgar, em instâncias superiores, indivíduos que obtiveram o tal “foro por prerrogativa de função”, mesmo em casos que ocorreram antes de alcançarem o cargo que lhes forneceu o privilégio?

Marcos Giovani Bonavigo,
por e-mail

O foro privilegiado virou sinônimo de impunidade e proteção às elites políticas. Em pleno século XXI, é inadmissível que tenhamos de manter privilégios para uma classe política que é nociva e corrupta. Que recorre ao foro privilegiado após seus desmandos e falcaturas. O que era para ser uma coisa séria virou uma imoralidade.

Luiz Thadeu Nunes e Silva,
São Luís, MA

Se perante a Constituição Brasileira somos todos iguais, ter privilégio de julgamento por atos criminosos soa, no mínimo, como algo descabido, incoerente, contraditório.

Fabiano Ziem,
via Facebook



COMENTÁRIO DA SEMANA

“O verdadeiro sentido do foro privilegiado foi desvirtuado. Sua existência torna muito difícil – ou quase impossível – levar Suas Excelências às barras da lei”

Luís Fernando,
Laguna, SC

CIRURGIA DELICADA

Em “Retorno de Eliseu Padilha na próxima segunda-feira ao Planalto é incerto”, a coluna EXPRESSO contou como a licença médica do ministro, citado na Lava Jato, deixou o governo aliviado

Haja atestado médico daqui para a frente.

Ademir Souza,
via Facebook



A internet que você
compartilha é a mesma
que junta a família.



Baixe o app
Meu Vivo



4GB

4GB

Telefônica

A oferta acima se refere à aquisição do plano titular Vivo Pós de até 16 GB que possui até 4 (quatro) dependentes MultiVivo gratuitos. A configuração da franquia de internet, por linha, deverá ser do plano, a internet será interrompida. A velocidade de transmissão de dados em internet móvel pode variar, entre outros motivos, por fenômenos naturais, deslocamento, distância da Estação

UMA ODE À VADIAGEM

“Tem drag no samba” (975/2017) conta como a drag queen Pablo Vittar desbancou as marchinhas para cantar o hit do Carnaval

 É verdade que muita gente desconhece as drag queens. Mas trata-se de um grupo social que existe, que deve ser respeitado. Afinal, estamos falando de seres humanos.

Ted Mota,
via Facebook

 Num país preconceituoso, homofóbico e racista, uma drag queen subiu ao palco de um bloco de Carnaval para ser aplaudida. Você pode gostar disso ou não,

mas tem de admitir que é uma quebra de paradigma. Pablo vai dar visibilidade a quem antes se escondia em becos e para quem a única opção era a prostituição.

Ítalo Andrade,
via Facebook

FORAGIDO E PERIGOSO

“Muito longe da prisão” (975/2017) conta como a Justiça mandou soltar Gegê do Mangue, segundo na hierarquia do PCC

 A sensação é que se trabalha contra a segurança do cidadão.

Ricardo Rebello,
via Facebook



MAIS COMENTADAS

- 1 **Por que Marco Aurélio mandou soltar o ex-goleiro Bruno**
- 2 **Foro privilegiado – quem deve ser julgado no Supremo?**
- 3 **A suruba não é só do Jucá**
Ruth de Aquino
- 4 **Não deixe o samba falir**
- 5 **Moro quer que PF conclua análise de material**
EXPRESSO



MAIS LIDAS

- 1 **Flamengo paga até contas de luz atrasadas**
ÉPOCA Esporte Clube
- 2 **O aniversário de Regina Casé, a avó do ano**
Bruno Astuto
- 3 **Entidade que contesta déficit da Previdência irrita**
EXPRESSO
- 4 **“Nunca imaginei desfilar em Milão, foi um sonho”**
Bruno Astuto
- 5 **Professor brasileiro concorre a Melhor Professor do Mundo**



MAIS COMPARTILHADAS

- 1 **Professor brasileiro concorre a Melhor Professor do Mundo**
- 2 **Moro quer que PF conclua análise de material**
EXPRESSO
- 3 **O aniversário de Regina Casé, a avó do ano**
Bruno Astuto
- 4 **Flamengo paga até contas de luz atrasadas**
ÉPOCA Esporte Clube
- 5 **Não deixe o samba falir**



PLANOS FAMÍLIA ATÉ **16 GB** DE INTERNET 4G
ATÉ 4 DEPENDENTES GRÁTIS

Vá até uma loja ou acesse **vivo.com.br/pos**

3GB 3GB 2GB

DPZ&T

realizada pelo titular por meio do Meu Vivo (aplicativo ou Web). As linhas MultiVivo adicionais serão tarifadas em R\$ 79,99/linha por mês. Ao atingir o limite de dados Rádio Base e picos de tráfego. Consulte mais informações, cobertura e condições para navegar na velocidade 4G em www.vivo.com.br/pos. Oferta válida até 31/3/2017.

viva  tudo

A ameaça populista

As eleições francesas mostram como as paixões mobilizadas pelos populistas precisam ser canalizadas para fortalecer as democracias

Um espectro ronda a Europa – o espectro do populismo. Todos os líderes da velha Europa estão unidos numa Santa Aliança para conjurá-lo: a chanceler da Alemanha, Angela Merkel, os governantes dos países engajados na preservação da União Europeia, os dirigentes dos partidos políticos tradicionais, à esquerda e à direita, os empresários de todos os setores. Apesar dessa formidável união de forças, o fantasma que apareceu em junho passado, no referendo que decidiu pela saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit) e, em novembro, na eleição presidencial americana que consagrou a vitória de Donald Trump, pode reemergir novamente neste ano. Um teste decisivo se dará quando os eleitores franceses se dirigirem às urnas para escolher o próximo presidente do país nos dias 23 de abril (primeiro turno) e 7 de maio (em caso da provável realização de um segundo turno).

Em sua versão francesa, o fantasma populista é encarnado por Marine Le Pen, de 48 anos, deputada do Parlamento Europeu e líder do partido de extrema-direita Front National (Frente Nacional). Com uma campanha que ecoa o discurso ferventemente nacionalista de Trump – antiglobalização, anti-imigração, antiestablishment e de restauração da lei e da ordem num país pintado pela Frente Nacional como à beira do caos e da distopia –, Le Pen vem

liderando as pesquisas pré-eleitorais. É bem provável que Le Pen dispute o segundo turno contra Emmanuel Macron, um candidato centrista, pró-globalização, que aparece hoje como o favorito para vencer um confronto tête-à-tête.

A hipótese de uma vitória de Le Pen não pode, porém, ser descartada. Surpresas já ocorreram no Brexit e na vitória de Trump – e podem se repetir numa eleição presidencial francesa já marcada por guinadas impactantes, como o inesperado derretimento do candidato François Fillon, do partido Os Republicanos. Até ser atingido por um escândalo de nepotismo, no começo deste ano, Fillon, ex-primeiro-ministro e da oposição de direita tradicional ao governo socialista do atual presidente, François Hollande, aparecia como o favorito para vencer Le Pen num segundo turno. Como fez questão de dizer Marine Le Pen, em seu discurso inaugural de campanha, em fevereiro, referindo-se à surpreendente vitória de Trump nos Estados Unidos, há ocasiões em que o “impossível se torna possível”. A consultoria política internacional Eurasia já estima as chances de vitória de Le Pen em respeitáveis 40%.

Além disso, à semelhança do que ocorreu no Reino Unido e nos Estados Unidos, esta eleição se desenvolve num ambiente de raiva e revolta contra as elites políticas, percebidas por expressiva parcela da população francesa como insen-



síveis a seus problemas (*leia mais à página 48*). A frustração com os partidos políticos explica por que, pela primeira vez, desde a fundação da V República francesa, em 1958, as duas correntes políticas mais tradicionais, os republicanos de direita e os socialistas, deverão estar ausentes de um segundo turno.

Como Le Pen, Macron, a sua maneira, pode ser considerado também um outsider. Embora tenha sido ministro do governo de Hollande, Macron não é um socialista, nunca disputara antes uma eleição e fundou seu próprio movimento político *En Marche* (Em Marcha) para se candidatar. Além da raiva contra as elites políticas, imersas em vários escândalos, há dois outros elementos presentes na França comuns a outros países ocidentais atingidos pelo vagalhão populista: uma sensação de declínio econômico e uma crise de identidade nacional provocada pelo afluxo de imigrantes e, no caso francês, agravada por três atentados terroristas perpetrados por radicais islâmicos num intervalo de 18 meses.

Uma vitória de Le Pen terá consequências drásticas. Ela é uma crítica acerba da União Europeia e dos “burocratas de Bruxelas”. Ela promete realizar um plebiscito para consultar a população sobre a permanência da França na União Europeia e no euro, nos moldes do realizado no Reino Unido. O Brexit já foi um abalo conside-

rável na União Europeia. Um *Frexit*, vindo de um dos países fundadores da União e que sempre foi um de seus principais motores, equivaleria a uma sentença de morte desse projeto político.

Uma eventual chegada de Le Pen ao poder na França representará também mais um desafio ao modelo de democracia liberal que vigorou no Ocidente desde o fim da Segunda Guerra Mundial e está sendo colocado agora em xeque pela onda populista, como já alertaram vários acadêmicos e especialistas. Um dos mais proeminentes, o alemão Yascha Mounk, professor da Universidade Harvard, num ensaio premonitório sobre a ameaça populista à democracia liberal, publicado pela revista *Foreign Affairs* em 2014, escreveu que a ascensão dos populistas não deve ser vista como um reflexo de uma crise temporária, mas sim como o resultado de uma série de transformações que diminuíram a capacidade dos governos democráticos de satisfazer seus cidadãos. Os populistas oferecem soluções fáceis – e erradas – para problemas reais que afligem os cidadãos das democracias ocidentais. Como escreveu Mounk, está na hora de as elites políticas do Ocidente, ao mesmo tempo que denunciam as ilusões vendidas pelos populistas, prestarem atenção às queixas e canalizarem as paixões mobilizadas pelos populistas para o bem e para tentar corrigir o que está errado. ♦

**VENDEDORA
DE ILUSÕES
A candidata
Marine Le Pen, da
Frente Nacional,
que deve estar
no segundo turno
das eleições
presidenciais
francesas.
Soluções fáceis –
e erradas – para
problemas reais**

OS MELHORES ESPAÇOS PARA O SEU EVENTO

Conheça nossas casas!



Inspirada na cultura dos cowboys do western, a casa possui 06 ambientes que remetem o visitante ao velho oeste americano. Essa versatilidade a torna uma ótima opção para seu evento.



www.villacountry.com.br

  /villacountryoficial  @villacountry



expobarrafunda

TOTALMENTE MODERNIZADA E AINDA MELHOR!

Depois de passar por uma grande reforma, o Expo Barra Funda está com suas instalações modernizadas e ampliadas, pronta para o seu evento!



saopauloeventos.com.br/expobarrafunda



Já conhecido e consagrado pelos grandes shows e eventos, conta com amplo espaço para acomodação dos seus convidados.



www.espacodasamericas.com.br

  /espacodasamericas

Excelência reconhecida pelo mercado!

- Casas multifuncionais para atender todas as necessidades do seu público;
- Localização privilegiada em região nobre, segura e de fácil acesso, próximo ao metrô e terminal rodoviário;
- Buffet exclusivo com diversas opções de cardápio;
- Completa infraestrutura para fazer do seu evento um grande sucesso!

Consulte-nos: Central de Eventos: 55 11 3864.5566 | www.saopauloeventos.com.br





ESPAÇO DAS AMÉRICAS

APRESENTA

ROBERTA MIRANDA - GRAVAÇÃO DO DVD

PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS:
SIMONE & SIMARIA | SOLANGE ALMEIDA
MARILIA MENDONÇA | MAIARA E MARAISA
NAIARA AZEVEDO

08 MAR



CHARLES AZNAVOUR

UM ESPETÁCULO EMOCIONANTE

ingresso rápido
POLADIAN PRODUÇÕES

16 MAR



A MÚSICA DE VINÍCIUS DE MORAES

NAS VOZES DE FILIPE CATTO, TOQUINHO E DANIELA MERCURY



19 MAR

REALIZAÇÃO
BARRAVENTOS

DIONNE WARWICK

50 ANOS DE SUCESSOS

ingresso rápido
POLADIAN PRODUÇÕES

23 MAR



BRUNO & MARRONE E CHITÃOZINHO & XORORÓ

CLÁSSICO

24 E 25 MAR
SHOW EXTRA 26 MAR



ZAZ

NOVO SHOW "MISE EN SCÈNE"

02 ABR

REALIZAÇÃO
CAMARÁ



LUAN 1977

LANÇAMENTO DA NOVA TURNÊ

08 ABR
SHOW EXTRA 09 ABR



VICTOR & LEO

22 ABR



EVANESCENCE

IN CONCERT

23 ABR



ALEXANDRE PIRES

DNA MUSICAL
INTERPRETANDO GRANDES SUCESSOS
DA MPB EM UM PROJETO INÉDITO

05 MAI



DIANE SCHUUR

I REMEMBER YOU
WITH LOVE TO
FRANK SINATRA AND
STAN GETZ

ERNIE WATTS
PARTICIPAÇÃO ESPECIAL

10 MAI



O GRANDE ENCONTRO - 20 ANOS

ALCEU, ELBA E GERALDO

13 MAI
SHOW EXTRA 14 MAI



RENAISSANCE

SONGS FOR ALL
OUR TIMES

25 MAI



CABARÉ - NIGHT CLUB

LEONARDO E EDUARDO COSTA
LANÇAMENTO DA NOVA TURNÊ

26 MAI



10.000 MANIACS

01 JUN



ROUPA NOVA

ESPECIAL DIA DOS NAMORADOS

10 JUN



NEY MATOGROSSO

ATENTO AOS SINAIS

SHOW EXTRA 08 JUL



FAÇA SEU EVENTO CONOSCO!

CENTRAL DE EVENTOS: 11 3864.5566 | contato@saopauloeventos.com.br

ESPAÇO DAS AMÉRICAS

ebf

VILLA COUNTRY

// RUA TAGIPURU, 795 // AO LADO DO METRÔ BARRA FUNDA



/ESPACODASAMERICAS

Vendas: ticket360.com

Apoio:

Azul

Budweiser



Com a Multiplus e a Editora Globo,
você tem o **melhor da vida**
e **da informação**



Concorra a **um milhão de pontos**
e escolha entre **mais de 500 mil itens** para resgatar!

Saiba como em **euqueroummilhaodepontos.com.br**



SELEÇÃO
O empreiteiro
Marcelo Odebrecht.
Sobre a campanha
de 2014, ele
atacou Dilma
Rousseff e poupou
Michel Temer
e Aécio Neves

CAIXA DOIS E PROPINA NA ELEIÇÃO

Diante do que disseram Marcelo Odebrecht e seus auxiliares, o governo de Michel Temer vai procurar ganhar tempo contra a ameaça de cassação

Talita Fernandes e Bruno Boghossian

O ministro Herman Benjamin já tinha deixado a sala do Tribunal Regional Federal no Rio de Janeiro quando a defesa do senador Aécio Neves, do PSDB de Minas Gerais, pediu que o nome do parlamentar fosse suprimido das gravações. O advogado do partido, José Eduardo Alckmin, alegou que o relator havia impedido um dos depoentes, Benedicto Barbosa Silva Júnior, de continuar seu relato, no qual mencionou o pagamento de caixa dois para o tucano, à época candidato à Presidência da República. Benjamin interrompeu o delator porque o caso apura se houve abuso de poder político e econômico pela chapa Dilma Rousseff e Michel

Temer na eleição de 2014. Aécio, portanto, não era objeto da apuração. Na ausência de Benjamin, o juiz auxiliar Bruno Lorencini disse que não era possível retirar a menção a Aécio das gravações. Uma resposta definitiva ficou de ser dada pelo ministro. Naquela tarde, Benjamin ouvira, por mais de três horas, dois dos 77 delatores da Odebrecht: Benedicto Júnior, ex-presidente da Odebrecht Infraestrutura, e Fernando Cunha Reis, ex-presidente da Odebrecht Ambiental. No dia anterior, prestara depoimento o patrão deles, o empreiteiro Marcelo Odebrecht, todos como parte de uma ação tocada no Tribunal Superior Eleitoral (TSE) que investiga irregularidades na campanha que elegeu Dilma e Temer. ►



Os três depoimentos deixaram claro mais uma vez o enorme valor da delação da Odebrecht na Operação Lava Jato para clarear também o subterrâneo da campanha eleitoral de 2014. Marcelo Odebrecht afirmou ter dado R\$ 300 milhões ao PT entre 2008 e 2014. Só na disputa de 2014 injetou algo como R\$ 150 milhões – parte por fora, no caixa dois. Confirmou que uma parte foi depositada em contas na Suíça para pagar serviços prestados ao PT pelo marqueteiro João Santana, que já passou uma temporada preso em Curitiba. Durante quatro horas, Marcelo afirmou, entre outras coisas, que Dilma sabia do pagamento de dinheiro ilegal a sua campanha. Ele disse que tratava de repasses ao PT com dois ex-ministros da Fazenda, Antonio Palocci e Guido Mantega. Em nota, Dilma disse que Marcelo Odebrecht mente.

Os depoimentos da semana passada aniquilam Dilma, mas ela já está fora do jogo. O potencial destrutivo recai, portanto, sobre Michel Temer. Marcelo

**UNIDOS
Temer e Dilma
na campanha
de 2014. Diante
do perigo, o
Planalto joga
para adiar o
julgamento**

Odebrecht confirmou que jantou com Temer em 2014 no Palácio do Jaburu para tratar de doações de campanha. Evitou, no entanto, comprometer o presidente. Disse que um de seus executivos, Cláudio Melo Filho, ex-diretor de Relações Institucionais, havia acordado antes com o hoje ministro da Casa Civil, Eliseu Padilha, o pagamento de R\$ 10 milhões para a campanha do PMDB. Disse que nenhum valor foi tratado diretamente com Temer e deixou no ar qual o total repassado.

Em uma audiência feita para que os executivos falassem sobre a chapa Dilma-

Temer, sobraram estilhaços até para Aécio Neves, presidente do PSDB. Logo após a campanha de 2014, quando iniciou a ação judicial contra a chapa PT-PMDB, o PSDB jamais imaginava que a Lava Jato chegaria aos segredos da Odebrecht. De acordo com Marcelo Odebrecht, Aécio o procurou três vezes ao longo da campanha e pediu R\$ 15 milhões para o partido. Marcelo não disse como seria a contribuição. Disse que inicialmente negou o dinheiro, mas depois repassou a tarefa a Sérgio Neves, executivo da empresa em Minas Gerais. O valor bate com o que foi registrado numa das planilhas feitas pela empreiteira apreendidas pela Polícia Federal. A defesa do tucano nega qualquer irregularidade.

No dia seguinte ao depoimento de Marcelo Odebrecht, Temer discutiu o assunto com alguns de seus conselheiros no Palácio do Planalto. Sem rodeios, admitiu aos aliados que o trecho do relato do presidente da empreiteira que o cita era verdadeiro. Disse que ambos, de fato, se



SOBROU ATÉ
PARA ELE
**O senador Aécio
Neves, candidato
a presidente em
2014. A ação contra
o PT se virou
contra ele mesmo**

reuniram no Palácio do Jaburu em 2014 em um contexto claro de captação de doações eleitorais para o PMDB na disputa daquele ano, mas ponderou que a conversa se deu de maneira genérica, sem menção específica de valores ou de origem do dinheiro. Na fachada, o Palácio do Planalto fingiu dar de ombros diante da fala do empreiteiro. No conforto dos bastidores, auxiliares de Temer admitem que o depoimento de Marcelo Odebrecht é absolutamente arrasador, porque estabelece as ligações entre o financiamento da campanha presidencial e favores do governo à empresa. O empreiteiro disse que R\$ 50 milhões dados à chapa presidencial eram o pagamento pela edição da Medida Provisória do Refis, enviada ao Congresso em 2009.

O primeiro receio da equipe de Temer é que fique comprovado que o dinheiro que o delator Cláudio Melo Filho disse ter mandado entregar a Eli-seu Padilha tenha origem nesse “bolo” de R\$ 50 milhões. Essa narrativa po-

deria gerar implicações criminais graves ao grupo de Temer. Cláudio Melo Filho prestará depoimento ao TSE nesta semana.

A primeira estratégia da equipe de Temer diante do cenário pós-depoimento é reforçar as investidas no TSE para que o plenário da Corte aceite a tese de divisão de chapa – isto é, que tudo recai sobre Dilma e nada sobre Temer. Caso essa tentativa não seja bem-sucedida, os auxiliares presidenciais acreditam que será difícil salvar Temer da cassação. O Planalto trabalha ainda com outro aliado de sempre, a lentidão. Os depoimen-

tos dos delatores da Odebrecht vão tomar tempo, e novas testemunhas podem ser requisitadas. Com isso, o cronograma prevê a liberação do caso para julgamento no TSE apenas no segundo semestre. O governo contaria ainda com a boa vontade do presidente do Tribunal, ministro Gilmar Mendes, para ganhar tempo. Até lá, Temer terá indicado dois novos ministros para a Corte, que podem pedir vista da ação e empurrar o desfecho para 2018. Sem um movimento nas ruas, como ocorreu antes do impeachment de Dilma, não seria uma tarefa complicada. Ministros do governo e advogados têm uma série de cartas para adiar a conclusão do processo, incluindo recursos ao TSE e ao Supremo Tribunal Federal. Sua defesa só espera não ter de usar essa última manobra. A avaliação é que, mesmo que recorra ao Supremo caso o TSE decida por sua cassação, Temer continuaria no cargo amparado apenas por uma liminar, algo insuficiente para alguém governar. ♦



Sob a ameaça da solidão

O afastamento de Eliseu Padilha deixa claro que a Lava Jato pode enfraquecer o governo Temer no momento em que muitos acreditavam na recuperação



**QUASE SÓ
O presidente
Michel Temer
no Planalto. Seu
núcleo de confiança
se reduziu a um
ministro – Moreira
Franco, também
ameaçado pela
Lava Jato**

Bruno Boghossian

Na primeira metade de dezembro, quando começaram a ser revelados os primeiros detalhes da delação de Cláudio Melo Filho, ex-diretor de Relações Institucionais da Odebrecht, o então assessor especial José Yunes procurou auxiliares do presidente Michel Temer para avisar que procuraria o Ministério Público Federal e prestaria um depoimento. Dizia que seus advogados recomendavam que ele se antecipasse à provável investigação que seria iniciada a partir da declaração do ex-executivo da empreiteira, de que ele havia recebido, em seu escritório em São Paulo, um envelope com R\$ 4 milhões durante a campanha eleitoral de 2014. Aborrecido, Yunes dizia aos interlocutores de Temer que não havia negociado nenhum repasse financeiro com a Odebrecht e que só recebeu o envelope por solicitação de Eliseu Padilha, então ministro do governo Dilma Rousseff e hoje ministro-chefe da Casa Civil.

Yunes acabou desmovido da ideia naquela ocasião, após muita conversa. Aliados o convenceram de que corria o risco de revelar aos investigadores mais do que eles sabiam e até cair em contradição, já que a delação da Odebrecht não era completamente conhecida. Dias depois, Yunes pediu demissão do cargo de assessor especial. O assunto ficou engavetado, mas o episódio revelou que os primeiros vazamentos da megadelação da Odebrecht deixavam uma espada prestes a cair sobre as cabeças dos principais nomes do governo Temer. Em fevereiro, Yunes procurou o presidente para avisar que decidira falar aos procuradores. Ficou acertado que Temer seria isentado de qualquer participação no episódio e que a responsabilidade pelo tal pacote seria atribuída exclusivamente a Padilha. A espada começou a cair.

Nos últimos três meses, a Lava Jato e outras suspeitas de corrupção têm movimentado o mercado imobiliário

do Palácio do Planalto. Ocupantes dos principais endereços da sede do governo, a poucos passos do gabinete presidencial, foram despejados e substituídos. A última baixa – por ora temporária – foi o afastamento de Padilha do principal ministério do governo, responsável pela linha de frente política do Planalto, para uma cirurgia na próstata. Seu retorno permanece incerto, tanto pelas complicações médicas quanto pela iminência de que as declarações de Yunes sejam comprovadas quando a Procuradoria-Geral da República solicitar a abertura de um inquérito sobre o caso, provavelmente nesta semana.

Temer passou a enfrentar um sensível vazio operacional em sua vizinhança e se viu obrigado a se afastar de boa parte de seus principais conselheiros em um

momento crucial da gestão: em um ponto estratégico da tramitação da reforma da Previdência no Congresso e diante dos primeiros sinais de recuperação da economia, após uma longa recessão. Quando o governo parecia ganhar fôlego, corre o risco de afundar nas

águas caudalosas da Lava Jato. Em um momento como este, faz uma diferença enorme para Temer que os suspeitos de corrupção não sejam mais inquilinos de gabinetes na Esplanada ou no Planalto.

Um bom exemplo ocorreu na semana passada, quando o ex-ministro do Turismo Henrique Eduardo Alves, também do PMDB, admitiu à Justiça manter uma conta na Suíça, como as investigações da Lava Jato descobriram meses atrás. Os procuradores suspeitam que foi nessa conta que Alves recebeu propina da empreiteira Carioca Engenharia, pela obra do Porto Maravilha, no Rio de Janeiro. Alves, no entanto, sustentou no depoimento uma versão difícil de acreditar, pela qual os US\$ 829 mil – equivalentes a R\$ 2,3 milhões – foram movimentados na conta por outras pessoas, sem seu conhecimento. Se Henrique Alves ainda fosse ministro, Temer teria a incômoda ►

A LAVA JATO PODE FRUSTRAR OS PLANOS DO GOVERNO DE TER UM BOM MOMENTO GRAÇAS À ECONOMIA

incumbência de corroborar essa historinha. Foi para evitar desgastes assim ao presidente que Alves deixou o governo em junho do ano passado, logo que ficou claro que ele seria um investigado com muitos pontos a esclarecer.

Michel Temer já sabe que, no momento em que o procurador-geral da República, Rodrigo Janot, enviar ao Supremo Tribunal Federal as dezenas de pedidos de abertura de inquérito contra ministros e políticos aliados como desdobramento das delações da Odebrecht, sua gestão enfrentará a mais grave paralisia. O presidente estabeleceu como regra que apenas ministros denunciados deverão deixar o governo, justamente para proteger gente mais próxima como Padiha, mas já confidenciou a aliados que espera que ao menos um ou dois auxiliares peçam licença ou afastamento de seus cargos para se defender das acusações que virão à tona com os pedidos de investigação. Esse não será necessariamente o caso dos dois principais auxiliares presidenciais – Padiha e Moreira Franco, da Secretaria-Geral –, mas o Planalto dá como certo que eles passarão a ser formalmente investigados na Lava Jato. Como principais pilares do núcleo do governo, ficarão um tanto fragilizados para tocar as articulações políticas de Temer.

A principal dificuldade do Planalto nesse cenário será contornar o jogo duro feito pela base aliada já nos primeiros passos da reforma da Previdência no Congresso. Os próprios deputados de partidos da coalizão de Temer rejeitam pontos centrais da proposta enviada pelo governo, em especial a exigência de uma idade mínima de 65 anos para aposentadoria. Difícil de aprovar em qualquer circunstância, uma mudança na Previdência faz de um governo enfraquecido alvo fácil de pancadas e chantagens de parlamentares. Entre os rebelados do momento estão deputados do PMDB de Temer. O partido reclama da perda de espaço – ministérios com verbas – e interlocução com o Planalto – liberação de cargos e recursos para seus redutos. Para acalmar a base, Temer pediu a seus auxiliares que agilizem a liberação dos desejados cargos e emendas, em especial para os peemedebistas.



Com o afastamento temporário de Padiha, principal artífice da reforma e um especialista nesse tipo de negociação, Temer deslocou para a linha de frente da articulação política o ministro Antônio Imbassahy, da Secretaria de Governo. Indicado pelo PSDB para o cargo, Imbassahy foi promovido a peça central desse processo e ganhou a confiança de Temer – tanto que foi um dos poucos auxiliares que visitaram o presidente em seu recluso descanso de Carnaval na base militar de Aratu, na Bahia.

As cúpulas do Congresso e do Executivo apostam na pequena melhora econômica que muitos divisam no cenário como um antídoto para a crise política. Na leitura de políticos do comando do Congresso, a Lava Jato ganhou a opinião pública, especialmente da classe média, devido ao descontentamento provocado pela crise econômica que assola o país. Para os dirigentes, os integrantes do Ministério Público Federal trabalharam a imagem de que a corrupção é a principal





TROCAS
Os ministros Eliseu
Padilha e Aloysio
Nunes (abaixo).
O primeiro pode
sair, o segundo
chega para manter
o apoio do PSDB
que Temer precisa



responsável pelo baixo crescimento do Produto Interno Bruto (PIB), desemprego e inflação. O desejo é reverter esse cenário e mostrar que a aprovação das reformas é a principal saída para a crise, e não simplesmente a apuração dos atos de corrupção cometidos por agentes públicos e empresários.

A ampliação do prestígio e do espaço do PSDB no governo é parte da estratégia de reforço das vigas de sustentação de Temer no poder. Na quinta-feira, dia 2, o presidente acertou a indicação do senador tucano Aloysio Nunes Ferreira para o Ministério das Relações Exteriores, em substituição a José Serra, também citado na delação da Odebrecht, que deixou o cargo por problemas na coluna. Tudo foi acertado com a cúpula do PSDB, incluindo uma série de conversas com o presidente nacional da legenda, Aécio Neves, e até aval do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Aécio, aliás, tem sido presença constante no gabinete presidencial do Palácio do Planalto e em conversas reservadas na residência oficial de Temer – a ponto de despertar ciúmes em alguns peemedebistas que já tiveram trânsito mais frequente com o presidente.

A queda em sequência de tantos auxiliares tão próximos do presidente da República revela o potencial estrago que a delação da Odebrecht ainda pode causar ao governo. Temer se vê isolado. Alguns dos principais ministros e assessores que assumiram o poder com ele em maio de 2016 estão fora de jogo. Agora, Temer tenta improvisar um novo núcleo de confiança. A tentativa mais recente foi a convocação do advogado Antônio Mariz de Oliveira, amigo de Temer, para ocupar uma assessoria especial da Presidência, sob o pretexto de cuidar da crise penitenciária e da segurança pública no país. Mariz chegou a ser convidado duas vezes para o Ministério da Justiça, que foi entregue a um deputado do PMDB, e foi cotado para a cadeira de Teori Zavascki no Supremo, que ficou com um nome filiado ao PSDB. Deve acabar no 3º andar do Palácio do Planalto, a poucos passos do gabinete presidencial. A urgência de Temer ao tentar improvisar um amigo próximo no modesto posto de conselheiro é um sintoma do vazio de poder provocado pela Lava Jato. ♦

JOSÉ MARIANO BELTRAME

“A segurança pública está ruindo”

O ex-secretário de Segurança do Rio de Janeiro atesta que os governos estão paralisados diante do avanço da criminalidade no Brasil

Ruth de Aquino

Sondado por deputados do PMDB para ser secretário nacional de Segurança do governo Michel Temer, José Mariano Beltrame recusou. Diz querer distância do serviço público para sempre. Aposentado da Polícia Federal, está satisfeito como consultor da mineradora Vale. “Na iniciativa privada, tudo é mais ágil”, diz. Em dez anos como secretário de Segurança do Rio de Janeiro, ele criou as UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora) e reduziu os índices de criminalidade, que voltaram a crescer de forma alarmante. “Só uma união de esforços pode mudar o quadro. Nessa luta do bem contra o mal, não pode haver tantas barreiras constitucionais”, afirma nesta entrevista a **ÉPOCA**. Dos tempos de governo, Beltrame mantém apenas dois guarda-costas, devido às 51 ameaças de morte que colecionou. E duas ações judiciais contra o ex-governador Anthony Garotinho, que insinuou haver ligação dele com o esquema de propinas do ex-governador Sérgio Cabral, preso por corrupção.

ÉPOCA – Seus seguranças são da secretaria ou da Vale?

José Mariano Beltrame – Da secretaria. É padrão. Ando só com dois agora. O resto eu dispensei. Estou pensando em desmamar esses também. Mantenho por enquanto a segurança porque é mais fácil acontecer algo comigo agora, eu saí com muito recadinho, 51 ameaças de morte. Foram muitas punições, muitas expulsões de policiais que não se conformam.

ÉPOCA – O senhor sente mais medo de policial que de bandido?

Beltrame – Dos milicianos, que eu também considero bandidos. Policial que se desvia de conduta é pior que bandido comum. O traficante, quando perde, entende e aceita. O policial em desvio não.

ÉPOCA – O senhor foi convidado a integrar o governo Michel Temer?

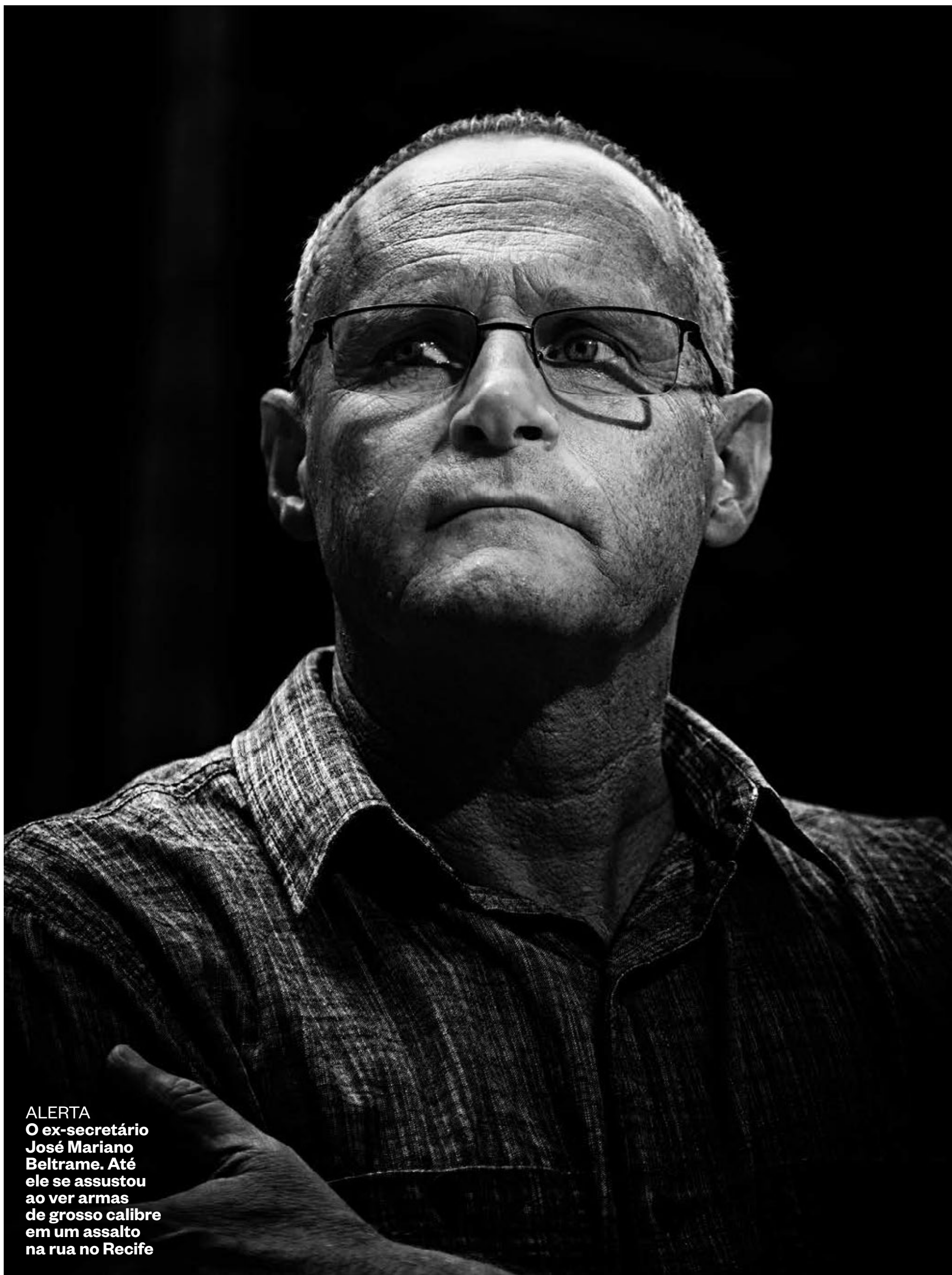
Beltrame – O convite formal do governo Temer não houve, apenas sondagem e muita especulação. Não aceitaria nem aceitarei. Não tenho mais interesse no serviço público. Foram 36 anos de serviço – e os últimos dez, como secretário no Rio, eu vivi de maneira muito intensa. Posso até um dia contribuir, mas não quero mais vínculo. No Rio, se forem situações sérias, transparentes e objetivas, estou sempre disposto a ajudar caso precisem de mim. Em São Paulo, faço parte do conselho de segurança do prefeito João Doria, sem remuneração.

ÉPOCA – Como o senhor vê o acirramento da violência no Rio de Janeiro?

Beltrame – Vejo com muita tristeza. Porque é uma realidade nacional. A atuação do PCC (*Primeiro Comando da Capital, a maior facção criminosa do país*) no Recife, o túnel que os presos escavavam no Rio Grande do Sul... o serviço público brasileiro está ruindo, a segurança em primeiro lugar. Infelizmente, não vejo nenhuma atuação concreta para que isso seja evitado e repensado. Acho que o governo federal precisa entrar, mas corre do problema e vê tudo à distância. Os estados terão cada vez mais dificuldade de fazer frente a isso.

ÉPOCA – O que pode mudar isso?

Beltrame – Só uma união de esforços. Iniciamos no Rio quando juntamos várias entidades em prol de um projeto. Continuo achando que é uma luta do bem contra o mal. Não pode haver muitas fronteiras nem tantas barreiras constitucionais. O Ministério da Defesa tem de entrar nisso para mitigar o ►



ALERTA
O ex-secretário
José Mariano
Beltrame. Até
ele se assustou
ao ver armas
de grosso calibre
em um assalto
na rua no Recife

problema. Que os Ministérios e secretarias conversem entre si e mostrem à população um horizonte ao menos. Sem segurança, nada prospera. A violência barra investimentos, afugenta empresas, impede que as pessoas saiam de casa.

ÉPOCA – A quais barreiras o senhor se refere?

Beltrame – O Exército alega limitações constitucionais, a Polícia Federal também. Não falo de rasgar a Constituição. Mas de unir esforços com a Polícia Rodoviária, a Receita Federal, o Coaf que podem buscar muito para a Segurança na movimentação financeira. O Brasil precisa disso. Quando se quer mudar a Constituição, se muda até de madrugada no Brasil. A luta da segurança não se vence. O que pode dar a vitória a longo prazo é educação e coisas atreladas às causas da violência. No momento, os governos nem pensam em estratégia, estrutura, em planejamento.

ÉPOCA – Qual sua opinião sobre essas convocações-relâmpago das Forças Armadas?

Beltrame – Isso não pode acontecer, esse vaivém eterno. Precisamos perenizar essas atuações junto com as polícias, dividir esse ônus. Temos um contingente imenso dentro do Ministério da Defesa que pode ser somado à Força Nacional, à Polícia Federal, à Polícia Rodoviária, às polícias estaduais. Um mapeamento, uma estratégia, metas. De que adianta dizer que, segundo a Constituição, o problema é dos estados? Essa é uma desculpa que não dá para dar.

ÉPOCA – Greve de policiais é ilegal?

Beltrame – Acho que tudo deve ser feito em ordem e com sensatez. É possível fazer um movimento em que os atendimentos essenciais à população sejam mantidos, para evitar o caos. O que não pode é deixar a população desassistida. No Rio de Janeiro, as polícias se comportaram bem. A paralisação no Espírito Santo não poderia ter acontecido.

ÉPOCA – A ferocidade dos motins em presídios o surpreendeu?

Beltrame – O Brasil tem certas batalhas já avisadas e as atitudes não são tomadas. O sistema carcerário é uma delas. É preciso uma inteligência carcerária que oriente os serviços de segurança. No Rio, nós antecipamos muita coisa nos presídios. Nós mandamos cerca de 90 bandidos para presídios federais. Fundamentalmente, é preciso identificar as lideranças, separá-las e mandar para fora do estado.

ÉPOCA – O PCC se tornou a facção mais poderosa?

Beltrame – Desde setembro principalmente, o PCC formou uma rede muito grande nos presídios. Foi quando mataram as lideranças do tráfico de armas, drogas e munições no Paraguai. Agora, o Brasil está dentro do Paraguai, com o PCC e o Comando Vermelho comprando e remetendo cada vez mais armas para nossas cidades. O assalto ao carro-forte no

Recife, por exemplo. Nunca imaginei ver .50, .30, AK-47 em assalto na rua no Recife. Mas assaltaram a Brinks e levaram R\$ 60 milhões. Essa foi uma ação planejada que tem a cara do PCC. Há coisas anunciadas que a gente não pode ficar esperando acontecer. Na semana passada, foram apreendidos pela Polícia Rodoviária Federal na estrada, escondidos dentro do painel de um carro, 9 mil cartuchos de fuzil 762, a arma automática de maior energia, velocidade e potência que existe. Imagina tudo isso dentro de uma cidade como o Rio.

ÉPOCA – O senhor sente alívio por não chefiar a segurança de um estado falido?

Beltrame – Não, eu não diria isso. Fui muito feliz no período em que estive na secretaria. O que sinto hoje é tristeza. A situação financeira do Rio é gravíssima.

ÉPOCA – Como agir para mexer nos números da violência no estado do Rio de Janeiro?

Beltrame – Ah, eu iria insistir muito na união dos esforços. O estado colocou todas as suas forças na rua. Mas há uma série de limitações. Uma hora falta combustível, outra alimentação para cavalo ou para cães. Ficamos vulneráveis. A crise chegou até ao tráfico. Traficantes apelam para roubo de veículos e de carga, furto de rua.

ÉPOCA – O senhor trabalhou sete anos com o governador Sérgio Cabral, preso por corrupção. Como vê a situação dele?

Beltrame – Vejo com tristeza. Meu contato com ele era no Palácio. Não sabia detalhes da vida dele. Não tínhamos intimidade. Eram despachos, conversas sobre trabalho.

ÉPOCA – Como o senhor se sentiu quando foi publicada sua foto com seus filhos na lancha de Cabral, presenteada pelo empresário Paulo Magalhães Pinto?

Beltrame – Diante dessas pessoas que tentam denegrir minha imagem e de minha família, procuro o caminho racional e democrático, que é a Justiça. Tenho duas ações contra o (*ex-governador Anthony*) Garotinho com sentença já dada. Quando iria imaginar que a lancha que o governador me emprestara não tinha sido comprada legalmente?

ÉPOCA – O apartamento em que o senhor morava pertence ao empresário Paulo Magalhães Pinto, apontado como “laranja” de Cabral?

Beltrame – Uma coisa é o apartamento pertencer a alguém – e esse alguém era um empresário, amigo do governador. Outra coisa é saber se eu pagava o aluguel e as taxas. Garotinho me acusa de viver de favor. E pagará por isso. Tenho todos os documentos provando que sempre paguei e declarei tudo. Esse é outro motivo da ação judicial. Não pode uma pessoa entrincheirada na internet vir com acusações infundadas e perseguir sua família. Exijo de Garotinho na Justiça R\$ 120 mil por danos morais. O que ele fez é crime. ♦

“
Uma hora falta
combustível, outra
alimentação para
cavalo ou para
cães. Ficamos
vulneráveis”

Chegou a nova **Quem** ACONTECE

Mais bonita, mais completa, mais cool.



*Especial
Camarote
QUEM
O GLOBO*

Só uma estrela para você, Travis

O cofundador do Uber era visto como gênio. Agora, desculpa-se por grosseria pública e lida com acusações de espionagem industrial e acobertamento de assédio

Paula Soprana

Na noite de 5 de fevereiro, dia do SuperBowl, final da liga de futebol americano em Houston, no Texas, o motorista do Uber Fawzi Kamel recebeu um chamado pelo aplicativo. Estacionou seu sedã preto de luxo e um homem ladeado por duas mulheres ocupou o banco de trás. Ao som da banda Maroon 5, o passageiro balançava os ombros e a cabeça numa dança esquisita. Falava sobre amenidades num tom de autobajulação. Em dado momento, uma das acompanhantes perguntou sobre a crise pela qual sua companhia passava. Kamel então percebeu que transportava Travis Kalanick, o bilionário cofundador e diretor-presidente do Uber. Ao chegar ao destino, o executivo inclinou o corpo e cumprimentou o motorista, que iniciou um desabafo. Ele pertence à leva inicial de motoristas da rede do aplicativo, lançado em 2010, e reclamou que as condições pioraram com o passar dos anos. “Começamos ganhando US\$ 20 por milha. Quanto é agora, US\$ 2,75?”, perguntou. O empresário usou duas vezes a expressão bullshit (um pouco mais ofensiva do que “besteira”, em inglês) para rebater a crítica, que viera em tom comedido. O condutor revirou: “As pessoas não confiam mais em você (...) Perdi US\$ 97 mil com o Uber.

Estou falido por sua causa”. A reação de Kalanick foi bater a porta e se despedir com a frase: “Algumas pessoas não gostam de pegar para si a responsabilidade por suas próprias m... Colocam a culpa de tudo em suas vidas nos outros. Boa sorte!”. O episódio poderia ficar oculto não fosse o fato de Kamel ter gravado a corrida. Na semana passada, o site da agência de notícias americana Bloomberg divulgou o vídeo.

A reação bruta do empreendedor pegou mal e ele se desculpou publicamente. Reforçou que estava mais do que envergonhado. Para além da grosseria, a discussão evidencia certo excesso de agressividade e falta de empatia no jeito de Kalanick lidar com reclamações alheias, o que reforça acusações recentes de a companhia que ele criou ser tolerante com assédio sexual (voltaremos ao tema mais à frente). O bate-boca com o motorista esclarece também um problema estrutural que a empresa enfrenta, à medida que serviços concorrentes como Lyft, Cabify e aplicativos de táxi crescem.

A insatisfação dos motoristas é perceptível em comunidades em que se reúnem nas redes sociais. Uma das principais reclamações é sobre mudanças frequentes nas regras de remuneração (sentidas principalmente por quem

VISIONÁRIO?
Travis Kalanick,
cofundador
e diretor-
presidente do
Uber. Diante da
saraivada de
acusações, ele
se desculpou e
disse que tem
de “crescer”





adquiriu um carro preto, um investimento alto, no início das operações). Para tentar garantir a liderança entre os aplicativos, o Uber derruba os preços para o usuário, o que impacta o bolso do motorista, já que a empresa fica com 20% a 25% do valor de cada corrida.

Por sua proposta ousada de revolucionar a mobilidade urbana, a empresa construiu uma imagem lustrosa de inovadora e futura potência. A estimativa é que o Uber valha hoje mais de US\$ 68 bilhões. Apesar de ainda enfrentar resistência jurídica (a regulamentação em sua área de atuação permanece nebulosa), a companhia fatura cada vez mais e atrai capital. Em junho de 2016, um fundo da Arábia Saudita investiu US\$ 3,5 bilhões na empresa. Kalanick e seus colegas na cúpula da empresa, porém, parecem ter repousado sobre a fama de inovadores arrojados e bem-sucedidos. A sensibilidade da administração não evoluiu no mesmo ritmo que o crescimento dos números. Como consequência, somaram-se à insatisfação de parte dos motoristas outros problemas gravíssimos e emergenciais. O Uber abriu 2017 como alvo de uma acusação de espionagem industrial, outra de complacência com assédio sexual e um boicote popular e virtual.

Nasceu nos Estados Unidos uma manifestação política que levou 200 mil usuários a excluir suas contas no Uber, no fim de janeiro. A hashtag #DeleteUber foi disseminada pelas redes sociais após o presidente Donald Trump baixar um decreto impedindo a entrada de imigrantes de sete países de maioria muçulmana. Enquanto ativistas protestavam no lado de fora do aeroporto John F. Kennedy, em Nova York, taxistas faziam uma espécie de greve de uma hora em apoio à manifestação. O Uber usou a brecha para conquistar passageiros e desligou a tarifa dinâmica nos ►

arredores, derrubando o preço ao usuário. Os indignados interpretaram a medida como pró-Trump. Dias antes, em uma reunião empresarial em San Francisco, Kalanick afirmara aos colaboradores que a empresa se associaria a qualquer pessoa do mundo desde que pudesse fazer “o transporte nas cidades melhor”. Em um momento de ânimos exaltados pós-eleição, a afirmação foi vista como complacente com as ideias polêmicas do presidente americano. Em ambos os casos, Kalanick se retratou. Em e-mail aos parceiros, esclareceu que compensaria motoristas que pudessem ser vítimas da política de imigração. Diante da pressão, em uma tentativa de eliminar qualquer identificação ideológica com Trump, deixou o grupo de empresários-conselheiros do presidente, que integrava desde dezembro.

Antes que se recuperasse das pancadas que levou no episódio, Kalanick deparou com outras duas crises, ainda mais sérias. Em 19 de fevereiro, a engenheira Susan Fowler usou seu site para relatar a experiência de um ano de trabalho na empresa, encerrada em dezembro. No primeiro dia em que passou a integrar a equipe de sua escolha, ela afirmava, recebera mensagens de um gestor que dizia estar num relacionamento aberto e em busca de parceiras sexuais. “Era claro que ele estava tentando me convencer a fazer sexo com ele, e foi tão claramente fora do contexto que imediatamente fotografei as mensagens e reportei ao Recursos Humanos”, conta. As expectativas da funcionária em relação à cultura de trabalho no Uber ruíram quando ela foi informada de que o gerente só receberia um alerta e seria chamado para uma conversa séria. O executivo era de “alto desempenho”, segundo outro superior, que acrescentou que o assediador não seria punido devido a um erro “provavelmente inocente da parte dele”. As opções de Susan se reduziram a trocar de equipe e não ter mais contato com o abusador ou a permanecer no time e compreender que ele poderia avaliá-la mal. Ela afirma ter sofrido retaliação após o episódio e relatou que a parcela de engenheiras de seu núcleo caiu de 25% para 3% no tempo em que esteve lá. Ao jornal britânico *The Guardian*, afirmou na semana pas-

CRISES EM SÉRIE

Uma sucessão de erros em poucos meses arranhou a imagem do Uber



Descontentamento de motoristas

Numa corrida, um motorista do Uber reclamou da mudança constante nas regras com o fundador da empresa, Travis Kalanick. O executivo disse: “Alguns não gostam de assumir a responsabilidade pelo próprio fracasso”. A grosseria, gravada, tornou-se pública

Espionagem industrial

A Waymo, unidade de carros autônomos da empresa-mãe do Google, anunciou em fevereiro que processou o Uber. Pela acusação, um ex-funcionário da Waymo roubou documentos relacionados a uma patente e fundou uma empresa chamada Otto, em seguida comprada pelo Uber



Assédio sexual

No fim de fevereiro, a engenheira **Susan Fowler** anunciou que deixara a companhia por motivos que incluíam assédio sexual disseminado. Numa carta aberta, acusou o Departamento de Recursos Humanos do Uber de proteger os chefes assediadores

Campanha #DeleteUber

Em janeiro, o Uber foi visto como “furador” de uma manifestação contra o governo Trump e seu veto parcial à entrada de imigrantes. E Kalanick era conselheiro de Trump. A hashtag #DeleteUber bombou no Twitter. Em seis dias, mais de 200 mil usuários apagaram o aplicativo

sada que seu antigo empregador contratou advogados para investigá-la. No Uber, uma investigação interna foi aberta para apurar o caso, com a contratação de um ex-promotor como consultor. Em sua conta no Twitter, Kalanick publicou o relato de Susan e afirmou que qualquer um que pense que tal comportamento é permissível será demitido. Mas não era a última crise no inferno que 2017 virou para a companhia.

Dias depois, a divisão de carros autônomos Waymo, da Alphabet, empresa-mãe do Google, divulgou estar processando o Uber, em uma novela corporativa que pode se prolongar. A Waymo acusa o Uber de infringir leis de defesa de segredos comerciais e violar patentes. As duas empresas estão entre as líderes nas pesquisas sobre carros autônomos. Segundo a Waymo, Anthony Levandowski, ex-funcionário do Google, copiou secretamente 14 mil arquivos confidenciais um mês antes de pedir demissão. Ele usou as informações para criar uma empresa chamada Otto, no nicho de caminhões autônomos. Em agosto de 2016, o Uber comprou a startup por US\$ 680 milhões. Kalanick não se manifestou publicamente sobre o caso. “Levamos as alegações feitas contra empregados da Otto e do Uber muito a sério e iremos rever esse caso com cuidado”, informou o Uber.

Em um mês, a companhia se tornou alvo de duas acusações com possíveis consequências judiciais e Kalanick precisou se retratar publicamente duas vezes. Depois da discussão com o motorista, confessou que o vídeo reflete sua personalidade. Explicou como vê as críticas recentes que recebe: “Um forte alerta de que preciso mudar como líder e crescer”. Os dons de Kalanick como empreendedor não devem ser subestimados. Ele criou um modelo de negócios que inspirou concorrentes e levou sua empresa a 500 cidades mundo afora em menos de uma década. Há alguns anos, definiu-se como um “pequeno empreendedor brigão”. Brigão ele ainda é. Falta perceber que não é mais pequeno. Como líder de uma organização multinacional, Kalanick merece, no momento, uma estrelinha só, como os piores passageiros e motoristas do Uber. ♦

NOVO APP ÉPOCA

A história por trás de tudo que acontece no Brasil e no mundo, na palma da sua mão.



Tenha acesso às edições semanais e a todo conteúdo de ÉPOCA em seu celular ou tablet, totalmente adaptados à tela.

ENVIE UM SMS GRÁTIS COM A PALAVRA ÉPOCA PARA 30133 E BAIXE O APLICATIVO

DISPONÍVEL PARA  

LEIA
ÉPOCA
E FAÇA PARTE DA HISTÓRIA

Uma eleição que definirá o futuro da Europa

Pela primeira vez em quase 60 anos, os partidos tradicionais da França devem ficar fora do governo. A opção dos franceses deve determinar o rumo da União Europeia

NA DIANTEIRA
Marine Le Pen, a
candidata da Frente
Nacional. Líder nas
intenções de voto no
primeiro turno, a
habilidosa Le Pen tornou
real a possibilidade de
vitória da extrema-
direita na França

“Eu não vou desistir, eu não vou me render, não vou me retirar.” Foi nesses termos que François Fillon, ex-primeiro-ministro e candidato à Presidência da França, reagiu, na última quarta-feira, dia 1º, à notícia de que será formalmente acusado em uma investigação de mau uso da dinheiro público – Fillon é acusado de ter pagado à mulher, Penelope, € 680 mil em salários, usando sua verba parlamentar, por serviços de assistente em seu gabinete, cargo que ela nunca teria exercido. Seus filhos também são acusados de ser “funcionários-fantasmas” que embolsaram centenas de milhares de euros. Em uma entrevista convocada às pressas, Fillon acusou a Justiça e a imprensa de atuarem quase em conluio em um “assassinato político” e recuou da promessa de abandonar a campanha presidencial se fosse formalmente acusado. “Só o voto popular, não um procedimento legal enviesado, pode decidir quem será o próximo presidente francês.”

Pelo que indicam as pesquisas, o eleitor francês já tomou a decisão de desembarcar da campanha de Fillon. Desde que as acusações vieram a público, em janeiro, Fillon e seu partido – Os Republicanos (ex-UMP), a tradicional legenda de centro-direita na França – despencaram nos levantamentos de intenção de voto. Até o começo do ano, Fillon era visto como incorruptível. Diante da impopularidade do governo do atual presidente, o socialista François Hollande, aparecia também como o favorito para vencer a eleição, num segundo turno contra Marine Le Pen, a líder do partido de extrema-direita Frente Nacional, hoje na liderança das pesquisas para o primeiro turno. Sua queda abrupta, em meio a um escândalo de nepotismo, é mais um indicativo de que o eleitor francês, à semelhança do americano, está farto dos políticos tradicionais e suas práticas e deve demonstrar seu repúdio nas urnas em abril.

Pela primeira vez nos quase 60 anos da V República Francesa, as duas mais tra-

dicionais legendas partidárias da França, o Partido Socialista e o Republicano, que dominaram a política do país desde 1958, devem ficar fora do segundo turno presidencial. Pelas pesquisas, Le Pen disputará o Palácio do Eliseu com o centrista Emmanuel Macron, o jovem e exuberante ex-ministro da Economia de Hollande, que se apresentou na corrida como independente. Apesar de estarem na vida política há anos (ela mais do que ele), ambos são vistos como “novos” e pessoas “de fora” do jogo político tradicional de Paris. Deverão, assim, ser recompensados pela onda de revolta contra as elites políticas, que tomou de assalto as democracias dos Estados Unidos e da Europa no último ano. “Os dois líderes nas pesquisas são aqueles que precisamente denunciam o domínio do poder que republicanos e socialistas têm mantido. Macron e Le Pen têm discursos diferentes, mas eles compartilham o sentimento de anties-

tablishment”, diz Pol Morillas, cientista político do Centro para Relações Internacionais de Barcelona (Cidob). “Os dois usam como plataforma o fato de não serem parte dos partidos tradicionais.”

FARTO DE ESCÂNDALOS, O ELEITOR FRANCÊS DEVE MOSTRAR REPÚDIO A POLÍTICOS TRADICIONAIS NAS URNAS

A exemplo das eleições presidenciais nos Estados Unidos, no ano passado, as eleições francesas configuram praticamente uma tempestade perfeita para a ascensão de “candidatos forasteiros”. Para além do contexto geral de ceticismo em relação à União Europeia, de rejeição aos políticos tradicionais e de frustração com as mudanças provocadas pela globalização da economia, os franceses têm razões adicionais para se encontrar ainda mais desiludidos com seus governantes. Analistas apontam, entre os elementos que colaboram para a crise de confiança e pessimismo, a estagnação econômica do país diante, principalmente, da vizinha Alemanha. Com um crescimento econômico estacionado em médias inferiores a 1% ao ano, o desemprego entre os franceses se mantém na casa dos 10%. Entre os jovens, esse índice chega a 25% – uma parcela expressiva da juventude ►

fica fora da proteção do mercado de trabalho francês. O bom desempenho da Alemanha, onde o desemprego está em 4%, aumenta o ressentimento contra a União Europeia, vista como governada pelos interesses do país comandado pela chanceler Angela Merkel. A estagnação econômica propicia um ambiente fértil para o discurso populista de Le Pen, que explora as frustrações de quem se sente abandonado, sem oportunidades e excluído do ambiente cosmopolita das grandes cidades francesas.

Outra singularidade francesa é a profundidade de uma crise de identidade cultural e nacional. A França, um dos berços do que se convencionou chamar de cultura ocidental, é o país europeu com a maior população proporcional de muçulmanos. Em sua origem, eram imigrantes de ex-colônias. Hoje, são majoritariamente franceses, mas que sofrem problemas de integração social e econômica. Essa crise de identidade foi agravada pela onda de refugiados em direção à Europa e pelos três brutais ataques terroristas perpetrados no país por radicais islâmicos num espaço de 18 meses. Le Pen demoniza os cidadãos de origem islâmica e capitaliza o sentimento de insegurança no país que vai às urnas sob estado de emergência, prolongado desde os ataques em Paris, em novembro de 2015. “Existe um senti-

mento de crise social e de identidade. As pessoas têm medo do futuro e não acreditam mais em políticos ou em partidos para oferecer soluções”, diz Olivier Costa, professor do Instituto de Estudos Políticos da Universidade de Bordeaux. “Deixou de ser tabu votar na Frente Nacional.”

Apesar de explorarem o repúdio ao establishment político, Le Pen e Macron apresentam visões bem díspares para a França. A habilidosa Le Pen logrou limpar a Frente Nacional das tintas antissemitas que o partido carregava por causa de seu pai, Jean-Marie Le Pen. Fundador da Frente Nacional, Jean-Marie foi expulso da legenda. A filha manteve, no entanto, a retórica nacionalista e xenofóbica, anti-imigração e anti-islã. Na visão de Le Pen e da Frente Nacional, os problemas franceses derivam, principalmente, da globalização e da chegada de estrangeiros, acelerada pela integração europeia.

Como solução, Le Pen defende um “patriotismo econômico”, com políticas protecionistas, como a imposição de tarifas a importações, a restrição da entrada de trabalhadores estrangeiros e a “primazia para os empreendimentos franceses”. Ela promete negociar a saída do país da Zona do Euro e da área de livre circulação dos países europeus e convocar um referendo sobre a permanência da França na União Europeia, nos moldes do Brexit.

EMERGENTE
O candidato independente Emmanuel Macron. Ele nunca disputou uma eleição e aparece agora como favorito para vencer no segundo turno

O EMBATE DE VISÕES SOBRE A FRANÇA

Numa França em crise, os dois principais candidatos têm soluções bem diferentes para o país

	ECONOMIA	IMIGRAÇÃO	ISLÃ	UNIÃO EUROPEIA	A FRANÇA NO MUNDO
 EMMANUEL MACRON	Pró-globalização, Macron diz que a ingerência do Estado na economia deve ser reduzida e que as regulações protecionistas não garantirão empregos aos franceses	Macron acredita que a abertura da França para imigrantes tornará o país mais forte economicamente. Ele declarou que a política alemã de acolhimento de refugiados “salvou a dignidade europeia”	Declarou que a participação de jovens muçulmanos em atos terroristas não é uma questão religiosa ou cultural, e sim econômica. Para ele, a França precisa oferecer oportunidades e empregos a esses jovens	É um entusiasta do bloco e pede, em seus discursos, aplausos para a União Europeia. Defende, porém, reformas para atenuar a austeridade fiscal na Zona do Euro e a criação de um fundo de financiamento para os países do bloco em crise	Macron vê a França como parte da Europa, um grupo de países que, para ele, devem estimular a integração econômica, o comércio e a diversidade cultural
 MARINE LE PEN	Protecionista, promete dar preferência para empresas francesas em contratos públicos e taxar importações e contratações de estrangeiros. Defende que o Estado deve garantir o bem-estar social	Le Pen vê os imigrantes como uma ameaça aos empregos e à segurança nacional. Sua lista de medidas contra a imigração inclui deportações e o fim da cidadania para filhos de estrangeiros nascidos no país	Os muçulmanos são o principal alvo de seus discursos xenófobos. Entre suas promessas, estão o fechamento de mesquitas que são consideradas centros de radicalização política de jovens islâmicos	Seguindo o exemplo britânico, pretende realizar um referendo sobre a permanência ou não da França no bloco. Também quer substituir o euro pelo franco francês e retomar o controle das fronteiras francesas	Extremamente nacionalista, Le Pen diz que quer restaurar a soberania nacional dos franceses. Ela quer retirar a França do Tratado de Schengen, que prevê a livre circulação de cidadãos europeus pelos países signatários



Esse discurso populista, embora sem lastro em propostas viáveis, tem atraído antigos eleitores comunistas e socialistas, desiludidos com a incapacidade da esquerda em alavancar o crescimento do país – Le Pen soube de maneira hábil adotar um discurso de proximidade com o “francês comum”, ignorado “pela elite parisiense”. A Frente Nacional também defende a ampliação de benefícios sociais para franceses – termo que, em sua concepção, exclui imigrantes e seus descendentes – e é contra as políticas de austeridade encampadas pelo governo de Hollande. “Le Pen faz um discurso que associa a imigração à situação de pessoas que se sentem desencantadas com a globalização de uma forma que parece uma narrativa convincente”, diz Morillas.

Por ora, as pesquisas mostram Le Pen na liderança do primeiro turno. Mas as

simulações para um segundo turno, no começo de maio, mostram sua derrota – o que seria uma repetição do cenário das eleições regionais de 2015, em que a Frente Nacional saiu na liderança na primeira votação, mas acabou sendo derrotada no segundo turno. Ainda assim, as chances de vitória de Le Pen são reais: a consultoria de risco político internacional Eurasia estima em 40% suas possibilidades de ganhar a eleição. Nem mesmo a investigação aberta contra Le Pen por mau uso de sua verba como deputada do Parlamento Europeu, em benefício de seu partido, afetou sua popularidade.

Com o naufrágio de Fillon, Emmanuel Macron é tido agora como o único capaz de conter Le Pen. De acordo com as pesquisas, ele é o favorito a arrebatá-la maioria dos votos num segundo turno. Num indicativo de sua ascensão, a

campanha de Macron passou a sofrer ataques de hackers russos, aparentemente orquestrados para beneficiar Le Pen. Macron é um personagem peculiar no cenário político francês – casado com sua professora de ginásio, 20 anos mais velha, ele teve uma bem-sucedida carreira num banco de investimentos e como fundador de startup no Vale do Silício. Aos 39 anos, o ex-ministro da Economia é visto como demasiado ambicioso e evasivo e não desfruta muitas simpatias nem no Partido Socialista, onde teve seu início na política, nem entre os republicanos, apesar de sua visão econômica liberal. Suas ambições presidenciais vieram à tona no ano passado, quando fundou o En Marche! (Em Marcha!), um “movimento político” que recusa a alcunha de partido. Era tido como um candidato natural para 2022, mas o esfacelamento da candidatura de Fillon acabou impulsionando sua ascensão precoce. Bom orador, Macron é conhecido por seus discursos empolgados.

Em contraposição à visão fatalista da globalização encampada por Le Pen, Macron quer colocar a França do lado “vencedor” da equação, a partir de reformas econômicas liberais que aqueceriam a economia francesa mediante a flexibilização das leis trabalhistas e o corte de impostos. Ele combina essa plataforma – que já foi tentada pelo governo Hollande e suscitou enormes greves – com promessas de investimentos em educação e moradia popular. No sensível tema da população muçulmana francesa, Macron diz que a melhor forma de combater o radicalismo islâmico são políticas econômicas que promovem a integração social. Seu programa prevê bônus para empresas que contratem pessoas de bairros pobres.

Com a possível chegada de Macron e Le Pen ao segundo turno, a França deverá escolher entre duas visões, uma que projeta um país mais fechado e outra que aposta numa integração virtuosa com o mundo. A escolha entre esses dois projetos impõe uma opção de abertura ou fechamento de fronteiras. As consequências da decisão dos franceses não se circunscreverão aos limites da França e devem se irradiar para toda a Europa. ♦

Com Nelson Niero Neto

DENTRO DA MENTE DE TRUMP

Um grupo de profissionais de saúde mental alerta para traços perturbadores no presidente dos Estados Unidos. Como garantir que o homem mais poderoso da Terra seja equilibrado?

Marcela Buscato

Donald Trump apareceu em um episódio do desenho animado *Os Simpsons*, em 2000, como ex-presidente dos Estados Unidos que deixara o país “quebrado”. Era então apenas um personagem folclórico, o herdeiro bilionário e topetudo que investia em cassinos e concursos de beleza enquanto acumulava divórcios midiáticos. Suas bravatas e a obsessão por nomear negócios com o próprio nome eram só motivo de piada. Quando Trump foi eleito presidente dos Estados Unidos, em 8 de novembro, sua mania de grandeza, suas mentiras e sua arrogância perderam a graça. Psiquiatras e psicólogos se permitiram fazer em público a pergunta que, durante a campanha presidencial, apenas sussurravam: Trump possui perfeitas fa-

culdades mentais? Ou, sem meias palavras, ele é doido? A discussão desembocou em outra, de interesse global: como garantir que o homem mais poderoso da terra seja mentalmente são?

Em meados de fevereiro, um grupo de 35 psiquiatras e psicólogos enviou uma carta ao jornal americano *The New York Times*. Afirmavam que “a grave instabilidade emocional demonstrada nos discursos e nas ações do senhor Trump o tornam incapaz de servir com segurança como presidente”. O psicólogo americano John Gartner, que deu aulas por 28 anos na Universidade Johns Hopkins e ainda atende em seus dois consultórios, é mais incisivo. “Trump não tem apenas um, mas três transtornos descritos no *Manual diagnóstico e estatístico de trans-*

tornos mentais da Associação Americana de Psiquiatria”, afirma. Ele criou uma petição no site Change.org conclamando especialistas em saúde mental a pedir o afastamento do presidente.

Para inferir o diagnóstico, Gartner se baseou na bíblia dos psiquiatras americanos, conhecida pela sigla DSM, usada como referência também em outros países. A publicação descreve as principais doenças mentais e organiza critérios para diagnosticá-las. Após observar comportamentos e características que Trump manifesta em público, o especialista diz ter identificado nele transtornos de personalidade do tipo antissocial, paranoide e narcisista. São distúrbios psiquiátricos permanentes e sem tratamento. “Trump tem o mesmo ►



EM ANÁLISE
Donald Trump
em momentos
diversos, após
eleito. Discute-
se a saúde
mental dele – e
também a ética
dessa discussão

O PRESIDENTE QUE SE AMAVA

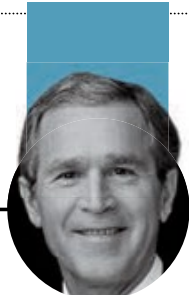
Entre 42 dos últimos líderes americanos – Donald Trump e Barack Obama ficaram fora da análise –, Johnson e Nixon somam mais pontos na escala do transtorno de personalidade narcisista



FRANKLIN ROOSEVELT

DEMOCRATA
1933 | 1945

Assumiu na Grande Depressão e expandiu enormemente a ação do governo na economia. Evitava ao máximo ser fotografado em sua cadeira de rodas



GEORGE W. BUSH

REPUBLICANO
2001 | 2009

Definiu-se como um “presidente de guerra” e declarou guerra ao Iraque acusando o país de abrigar armas de destruição em massa que não existiam



JOHN KENNEDY

DEMOCRATA
1961 | 1963

Ficou famoso também pelo charme e pelos casos. Em seu governo os EUA chegaram ao ponto mais próximo, em toda a história, de entrar numa guerra nuclear



THEODORE ROOSEVELT

REPUBLICANO
1901 | 1909

Levou ao extremo a tática de governar por ordens executivas, em vez de propor leis ao Congresso, e criou uma assessoria para divulgar notícias suas



JOHN ADAMS

FEDERALISTA
1797 | 1801

Antes de assumir, sugeriu que o presidente fosse tratado por “Vossa Majestade”. Tornou traição publicar notícias maliciosas contra o governo

Fonte: *Psychological Science*; Vol. 24, Issue 12, pp. 2379 - 2389

tipo de perfil psicológico de Hitler: é a combinação tóxica desses três distúrbios que forma a psicologia do ditador”, diz.

Quem tem transtorno de personalidade antissocial é frequentemente chamado de sociopata, por ter dificuldade de manifestar empatia e respeitar direitos alheios. O transtorno paranoide é marcado por um padrão de desconfiança constante e generalizada. O presidente já mostrou propensão a crer em teorias da conspiração, como vacinação causar autismo. Já o transtorno de personalidade do tipo narcisista implica arrogância, megalomania e necessidade patológica de ser admirado. Alguns desses traços são comuns, mas tornam-se transtorno se afetarem de modo grave a vida do indivíduo. O narcisismo de Trump não é novidade. “As pessoas brincavam e davam risada sobre Trump ser narcisista bem antes de ele ser presidente”, afirma o psicólogo Joshua Miller, professor da Universidade da Geórgia. “Em minhas palestras, há mais de uma década uso Trump como exemplo de alguém com traços muito destacados de narcisismo.”

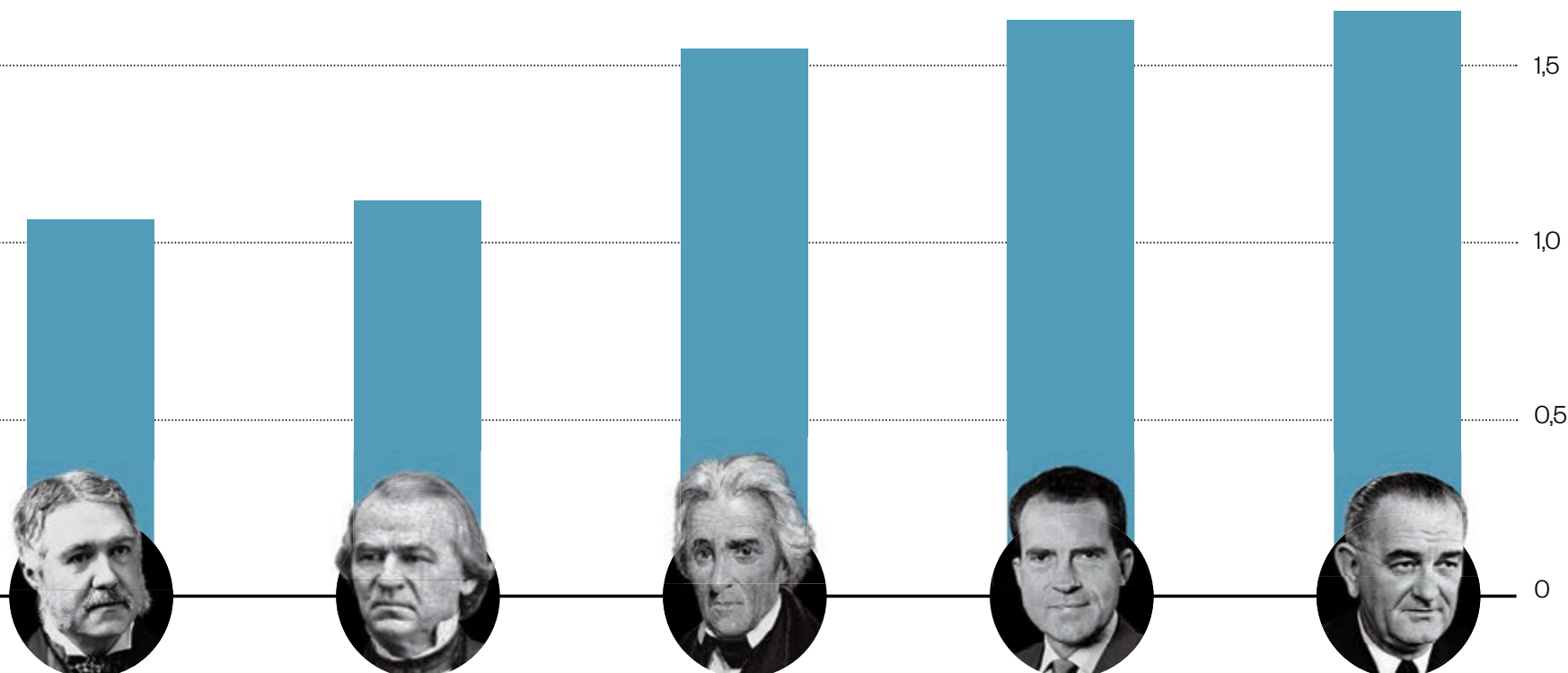
Isso não basta, porém, para indicar um transtorno psiquiátrico.

Traços de narcisismo não indicam, necessariamente, um problema. São comuns entre os que ascendem a cargos de liderança, na política e nos negócios. A postura confiante costuma ajudar esse grupo. Entre presidentes americanos, sintomas descritivos do transtorno de personalidade narcisista são mais frequentes do que na população. A conclusão é de um levantamento com 42 ex-presidentes americanos até George W. Bush. Os pesquisadores usaram uma escala em que zero é a média geral da população (*leia a arte – levando em conta que diferentes comportamentos eram aceitáveis em diferentes contextos históricos*). “O narcisismo é uma faca de dois gumes”, afirma o psicólogo americano Keith Campbell, professor da Universidade da Geórgia e um dos autores do estudo. “Costuma prever boas avaliações, mas, ao mesmo tempo, prevê uma ética pobre.” O narcisismo dá ao indivíduo ímpeto e autoconfiança, mas afeta sua capacidade de se importar com as consequências dos próprios atos.

O debate sobre Trump instiga – e exige

uma autoanálise também dos debatedores. Fazer diagnósticos à distância, sem contato pessoal com o avaliado, é arriscado e desaconselhado pela Associação Americana de Psiquiatria. Em 1964, uma revista publicou uma pesquisa com especialistas sobre a saúde mental do senador Barry Goldwater, então candidato à Presidência. Alguns o qualificaram como paranoico, psicótico e megalomaniaco. Goldwater perdeu a eleição (não se sabe se a pesquisa teve algum papel nisso). Ele processou a revista por difamação – e ganhou. Por isso, a “regra de Goldwater”, definida em 1973, proíbe os profissionais de fazer diagnósticos publicamente.

A favor dos profissionais que manifestaram publicamente preocupação com o equilíbrio de Donald Trump está a farta documentação sobre o modo de o presidente agir: são anos de exposição na mídia, entrevistas, biografias e tuítes. Ainda assim, sem contato pessoal não é possível saber se a *persona* pública de Trump corresponde a sua verdadeira personalidade. “O que vemos é o recorte do que aparece na imprensa e o personagem que ele quer mostrar”, diz



CHESTER ARTHUR

REPUBLICANO
1881 | 1885

Era vice e assumiu sob baixas expectativas após a morte de James Garfield. Surpreendeu (e desagradou) a muitos ao dificultar indicações políticas no governo

ANDREW JOHNSON

DEMOCRATA
1865 | 1869

Sofreu processo de impeachment, acusado de substituir o secretário de Guerra sem consultar o Senado. Escapou do impedimento por um único voto

ANDREW JACKSON

DEMOCRATA
1829 | 1837

Ao vetar leis, seus antecessores tentavam usar argumentos constitucionais. Jackson não hesitava em vetar leis simplesmente porque discordava delas

RICHARD NIXON

REPUBLICANO
1969 | 1974

Gostava de confronto e de exercer o poder presidencial. Tinha boa vantagem na campanha de 1972. Mesmo assim, seu partido espionou ilegalmente os rivais

LYNDON JOHNSON

DEMOCRATA
1963 | 1969

Era conhecido pela mania de perseguição. Temia complôs de comunistas e da família Kennedy. Sensível a críticas, achava que a mídia queria sabotá-lo

o psiquiatra Claudio Cohen, professor da Universidade de São Paulo.

Gartner, o psicólogo da petição que pede o afastamento de Trump, diz que a postura antiética é a de seus colegas que se mantêm calados. “Trump é um perigo iminente para qualquer um no planeta”, diz. “Minha obrigação de avisar sobre o risco se sobrepõe ao respeito a qualquer código de ética.” O psicólogo americano Dan McAdams, professor da Universidade Northwestern que tem estudado o perfil psicológico de Trump, também acha que ele representa um risco. “A combinação de sua extrema dominância social com sua baixa capacidade de fazer acordos resulta em um líder ousado e impetuoso, que quer ter grande impacto no mundo, mas não se preocupa muito com os efeitos colaterais”, afirma. Mas McAdams prefere recolocar a discussão no campo da política. Ele acha que os maiores problemas de Trump são de caráter e competência, e não transtornos mentais, e têm de ser combatidos pelas instituições democráticas.

Ainda que a saúde mental de Trump cause debate, não é nem remotamente

provável que ele seja removido do poder por isso. A Constituição americana prevê a possibilidade de afastar o presidente caso ele esteja “incapaz de exercer os poderes e deveres de seu gabinete”. A 25ª emenda, incorporada em 1967, permite que o presidente se declare incapaz ou que o vice-presidente e maioria do gabinete declarem o presidente incapaz. Apenas Ronald Reagan, em 1985, e George W. Bush, em 2002 e 2007, declararam-se incapazes – mas por poucas horas, para se submeter a anestesia. Um bom resultado dessa polêmica pode ser simplesmente discutir como avaliar a saúde mental de qualquer presidente. Afinal, há exemplos que sugerem que transtornos mentais podem ter levado líderes a tomar decisões ruins para todos.

Um levantamento com 37 presidentes americanos, que governaram entre 1776 e 1974, sugere que 50% sofreram com algum transtorno mental. Em ao menos dez casos, o distúrbio ficou evidente durante o mandato e pode ter prejudicado o trabalho. Um caso é o de Calvin Coolidge, que governou entre 1923 e 1929, quando começou a Grande Depressão.

Um ano após assumir, Coolidge perdeu o filho caçula, de 16 anos. Mergulhou em depressão profunda e se tornou um líder ausente. Nada foi feito para tirá-lo do governo. “Talvez a Grande Depressão não tivesse sido tão severa se Coolidge não tivesse sido esmagado pelo luto”, afirma o cientista político Robert Gilbert, professor da Universidade Northeastern, nos Estados Unidos.

Para evitar problemas assim, já houve propostas de instalar um comitê médico, encarregado de avaliar anualmente as condições do presidente. Seria preciso evitar que o comitê agisse politicamente para afastar o presidente. A solução que parece mais viável é incorporar um psiquiatra à equipe médica que já atende o presidente e sua família. Esses profissionais, mais próximos, teriam melhores condições de detectar problemas psiquiátricos e administrá-los. Com a polêmica em torno de Trump, essa proposta voltou a ser invocada por políticos da oposição, como o congressista Ted Lieu. Há poucas chances, porém, de o presidente aceitar a novidade. Ela continuaria revestida de significado político. ♦



INDENIZAR PRESOS É JUSTO?

O dinheiro a quem sofreu nas cadeias brasileiras pode perpetuar o problema, ao drenar recursos destinados à melhora dos presídios

Marcelo Moura

Anderson Nunes da Silva, condenado por latrocínio a 20 anos de prisão (oito deles em regime fechado), processou o Estado pelas condições desumanas da penitenciária de Corumbá, em Mato Grosso do Sul. Devido à superlotação das celas, afirmou no processo, ele foi obrigado a dormir com a cabeça apoiada num vaso sanitário. O caso chegou ao Supremo Tribunal Federal. No dia 17, por 7 votos a 4, a

Suprema Corte decidiu manter a decisão da primeira instância: o Estado deve indenizar o preso. Não apenas Anderson, que ganhará R\$ 2 mil pelos maus-tratos. Como a decisão tem repercussão geral, ela terá de ser seguida por todos os Tribunais que receberem demanda semelhante.

Justíssima, se olhada individualmente; a decisão do Supremo é temerária, se olhada coletivamente. O Brasil tem cerca de 622 mil presos, num sistema carcerá-

rio com 371 mil vagas. A grande maioria desses presos pode pedir indenização. Juízes podem decidir impor aos estados indenizações bem mais elevadas do que os R\$ 2 mil arbitrados pelo juiz de Mato Grosso do Sul. O valor total dessas futuras indenizações é imprevisível. O impacto delas sobre o orçamento é incontornável. Impostas por sentença judicial, elas furam a fila dos gastos públicos previstos em orçamento, elaborado e aprovado por representantes do povo.



MASMORRA
A Cadeia Pública
Desembargador
Raimundo
Vidal Pessoa,
em Manaus.
Criada em 1907,
continua em uso

mo, no dia 23 o deputado federal Roberto de Lucena (PV-SP) apresentou ao Congresso o Projeto de Lei nº 7.007/17. “Fica terminantemente proibida de forma irrevogável e irreversível a indenização pecuniária a ser paga pelo Estado, por danos morais ou materiais, na integralidade ou em parte, a detentos do Sistema Prisional Brasileiro”, diz o texto. Duro em sua proposta, o projeto não tem data para ser votado, e dificilmente será aprovado como está. Mas ele tem o mérito de levar o debate para a esfera mais adequada: a esfera política. “Precisamos ter prioridades. Precisamos ter a coragem de explicitar os problemas e enfrentá-los”, disse o senador Ronaldo Caiado (DEM-GO), na sabatina do futuro ministro do STF, Alexandre de Moraes.

A situação dos presos no Brasil é desumana, não é de hoje. “Temos um sistema prisional medieval”, disse em 2012 José Eduardo Cardozo, à época ministro da Justiça. “Se fosse para cumprir muitos anos em alguma prisão nossa, eu preferia morrer.” As rebeliões no início do ano, com mais de 130 mortos, reforçam a urgência do assunto. Nenhum preso deve ficar em condições desumanas. Ao mesmo tempo, ninguém deve passar fome. Nenhuma criança deve ficar fora da escola. Nenhum doente deve ficar sem atendimento médico, para listar apenas algumas necessidades urgentes e hoje mal atendidas. Entre tamanhas urgências, a escolha do que deve ser atendido antes, com qual empenho e com quais estratégias, cabe ao debate público. “A questão carcerária no Brasil é uma bomba-relógio. Pagar indenizações não ajuda a desarmar essa bomba”, diz Lucena (*leia mais na página 59*). “A indenização é ruim, como política pública, mas uma reparação legítima àquele que sofreu a lesão”, diz o jurista Oscar Vilhena (*leia entrevista na página 58*). ►

A depender do vulto que essas ações tomarem, as indenizações pela superlotação carcerária do passado podem impedir os investimentos para evitar crimes e melhorar os presídios no futuro. “Os estados não têm esse recurso. Se tivessem, seria para investir na melhoria do sistema”, disse o ministro Luís Roberto Barroso, voto vencido na decisão do Supremo. Há o risco de se repetir, na esfera da segurança pública, a judicialização observada na saúde

pública. Obrigadas a pagar tratamentos caros a poucos pacientes que exigem na Justiça o cumprimento do Artigo 196 da Constituição (que diz que “A saúde é direito de todos e dever do Estado”), prefeituras deixam de comprar remédios básicos, contra diabetes, que poderiam atender centenas de pessoas. Não se cobra do Judiciário, contudo, a sensibilidade exibida pelo ministro Barroso. Por definição, a Justiça é cega.

Contra os riscos da decisão do Supre-

SIM

“A indenização é ruim, como política pública. Mas é justa para reparar casos em que a política pública falhar”



Oscar Vilhena
é diretor do curso de
Direito da FGV-SP
e ex-procurador do
estado de São Paulo

ÉPOCA – Por que o Estado deve indenizar um preso mantido em condições desumanas?

Oscar Vilhena – A Constituição dá ao Estado o poder de aplicar penas de restrição da liberdade, mas não de impor tratamento desumano. É importante entender: o preso não está sendo indenizado por ser criminoso. É por estar sob a custódia do Estado e o Estado não garantir aquilo que a legislação determina.

ÉPOCA – O Estado também falhou com a vítima do criminoso. É justo indenizar o criminoso, e não a vítima?

Vilhena – Há casos em que a vítima de um crime também é indenizada pelo Estado. Acho muito correto. Isso é pouquíssimo usado, mas está previsto na legislação.

ÉPOCA – O Estado é mais responsável pela integridade de um preso do que pela integridade de um cidadão livre?

Vilhena – O Estado tem uma dupla responsabilidade sobre os que estão sob sua custódia. Seja o doente no hospital público, a criança na escola pública ou a pessoa que está presa. A responsabilidade do Estado sobre eles é direta, mais do que sobre aqueles que estão na rua.

ÉPOCA – Uma indenização de R\$ 2 mil é suficiente para reparar as condições desumanas encontradas por um detento?

Vilhena – De forma alguma. A indenização financeira é só uma tentativa de reparação. Inevitavelmente, não haverá paridade. Vamos supor que a pessoa foi violada sexualmente e contraiu HIV porque foi colocada com presos

mais perigosos. Quanto custa isso? Evidente que é difícil estimar. O valor é simbólico.

ÉPOCA – Esse dinheiro não seria mais bem empregado na prevenção ao crime ou na construção de presídios melhores?

Vilhena – A indenização é uma reparação legítima àquele que sofreu a lesão. Como política pública, a indenização é ruim. É evidente que esse dinheiro seria mais bem empregado em prevenção e em melhoria da estrutura.

ÉPOCA – Qual a melhor política pública para lidar com condições desumanas nos presídios?

Vilhena – É um sistema de tetos, nos moldes do teto para gastos públicos. Se você tem 1.000 vagas na cadeia, você prende os 1.000 mais perigosos. Se o 1.001º também for perigoso demais, você deve construir uma nova cadeia ou transferi-lo para outro estado. O que não pode é ter nessa cadeia os 1.000 mais perigosos e 3 mil de baixa periculosidade, porque, ao misturar, você passa a ter 4 mil perigosos.

ÉPOCA – É razoável indenizar os presos não com dinheiro, mas com redução de pena?

Vilhena – É. Mas isso mantém a lógica ruim de tratar caso a caso. O conceito do teto é mais amplo. Ele obriga a polícia a refletir sobre quem ela deve prender. Obriga o Judiciário a refletir sobre quem deve condenar. Obriga o Legislativo a refletir sobre quais crimes devem ser punidos com prisão. Prisões lotadas são desumanas com os presos e piores para a sociedade, ao funcionar como recrutamento de mão de obra para o crime organizado. ♦

NÃO

“Pagar indenizações a um ou outro preso não ajuda a desarmar a bomba que é nosso sistema carcerário”



Roberto de Lucena
é deputado federal (PV-SP) e pastor evangélico, formado em ciências da religião

ÉPOCA – Na apresentação do projeto, o senhor disse que “indenizar o preso por condições desumanas é uma afronta ao povo honesto”. O “povo honesto” deve ter mais direitos que o “povo desonesto”?

Roberto de Lucena – Não é questão de direitos, é questão de prioridades. Os corredores dos hospitais estão abarrotados de pacientes em condições muito parecidas, guardadas todas as proporções, às encontradas nas celas dos presídios. Se o Estado é chamado a indenizar quem cometeu um crime, por cumprir pena em condições inadequadas, antes disso é preciso o Estado indenizar também aquela pessoa que não cometeu crime e também está em condições inadequadas.

ÉPOCA – O preso não deve ser indenizado por uma questão de prioridade ou de princípios?

Lucena – Em minha opinião, o preso não deve ser indenizado por princípio. Não quero que ninguém, nem o presidiário, seja colocado em situações degradantes e desumanas. Mas, quando essa pessoa foi para a prisão, foi como resultado de suas escolhas. Ela decidiu cometer um crime.

ÉPOCA – As condições desumanas não estão previstas na lei nem na condenação do juiz. Ainda assim, elas são uma escolha do preso?

Lucena – Devemos repensar nosso sistema carcerário, mas o preso está lá por escolha própria.

ÉPOCA – Seu projeto de lei proíbe o Estado de pagar indenização a presos, em qualquer cir-

cunstância. Vítimas de violência policial, como a do Carandiru, não têm direitos?

Lucena – Realmente, vítimas de violência policial são um caso à parte.

ÉPOCA – Cerca de metade dos presos ainda não foi julgada ou já cumpriu pena. É escolha deles estar ali?

Lucena – Esses, não. Precisamos de mutirões no Judiciário para apressar julgamentos e liberar quem já cumpriu pena. Não dá para o Judiciário impor o custo da indenização à sociedade, que paga os impostos, como se não tivesse outra coisa a fazer para encarar o problema dos presídios. A questão carcerária no Brasil é uma bomba-relógio, prestes a explodir. Pagar indenizações não ajuda em nada a desarmar essa bomba.

ÉPOCA – Formas de indenização que não envolvam dinheiro são aceitáveis?

Lucena – São. Podemos conceder a redução da pena ou a aplicação de penas alternativas, como trabalhos comunitários.

ÉPOCA – A indenização em dinheiro pressiona o governante a agir, ao comprometer o orçamento. A indenização em redução de pena, ao contrário, reduz os gastos do governo. O gestor sentirá pressão de melhorar as condições carcerárias?

Lucena – Acredito que sim. A mera condenação do governo, por impor ao preso condições desumanas, já cumpre um papel simbólico. Já é um constrangimento. A indenização em dinheiro doeria no caixa do governante, mas doeria principalmente no bolso do contribuinte. ♦



HELIO GUROVITZ

Fé, fanatismo, “islamofobia” – e humor

Em 7 de janeiro de 2015, dois terroristas muçulmanos, os irmãos Chérif e Saïd Kouachi, invadiram a redação do jornal humorístico francês *Charlie Hebdo* e fuzilaram os participantes da reunião de pauta. Mataram nove deles, um policial, um funcionário da manutenção e, depois de fugir para a rua, outro policial (também muçulmano), além de deixar 11 feridos pelo caminho. Não foi o primeiro atentado contra a publicação, vítima de um incêndio criminoso em 2011. Desde 2006, quando reproduzira charges de Maomé antes publicadas na Dinamarca, o *Charlie* era alvo de ameaças. Em 2015, os irmãos Kouachi procuravam, aos gritos de “Allahu akbar”, o diretor de redação e cartunista Charb, pseudônimo de Stéphane Charbonnier – o primeiro a ser assassinado numa carnificina que atemorizaria Paris por dois dias.

Depois dos atentados, políticos e líderes religiosos reuniram-se às manifestações em homenagem às vítimas. Por ironia, aqueles que o *Charlie* desprezava e achincalhava adotaram o slogan *Je suis Charlie*. Mas houve uma ironia ainda maior: dois dias antes de ser assassinado, Charb concluía um ensaio em defesa da postura agressiva e virulenta do semanário. Publicada postumamente, ainda em 2015, sua *Carta aos escroques da islamofobia que fazem o jogo dos racistas* é uma análise lúcida, irônica e impiedosa de como a França e o mundo ocidental caíram na armadilha de fanáticos religiosos e militantes de políticas identitárias. Charb critica o termo “islamofobia”, que diz mascarar o verdadeiro problema – o racismo – para promover uma agenda de fanatismo religioso. “Se amanhã os muçulmanos da França se converterem todos ao catolicismo ou se renunciarem a qualquer religião, isso em nada mudará o discurso dos racistas”, escreve. “Os estrangeiros, ou franceses de origem estrangeira, serão sempre designados como responsáveis por todos os males.”

O discurso contra a “islamofobia”, afirma Charb, serve aos racistas, aos fanáticos e à consciência culpada de uma sociedade incapaz de integrar os imigrantes. A identificação das vítimas de preconceito étnico, social ou racial apenas pela religião muçulmana as torna presas da ideologia religiosa extremista, incompatível com valores liberais. O islã, diz ele, não é tão tacanho. “Em virtude de qual teoria distorcida o humor é menos compatível com o islã do que com qualquer outra religião?”, pergunta. E conclui com veneno: “Já passou da hora de acabar com esse paternalismo

nojento do intelectual burguês branco ‘de esquerda’, que procura existir ao lado de ‘pobres infelizes subeducados’. Eu, que sou educado, obviamente entendo que o *Charlie Hebdo* faz humor, mas, em respeito a vocês, que não descobriram a ironia, fustigarei solidariamente esses desenhos islamóforos que fingirei não entender. Me colocarei no nível de vocês para fingir que os amo...”

Pura hipocrisia. Nada há de errado, diz Charb, em temer o islamismo ou qualquer outra religião. “Ter medo do islã pode parecer cretino, absurdo e muitas outras coisas, mas não é um crime”, diz. “Da mesma forma, você pode manifestar temor ao cristianismo ou ao judaísmo sem acordar um juiz

e pôr em marcha a máquina judiciária.” Também não há problema algum com a blasfêmia. “Um fiel pode blasfemar, pois blasfemar faz sentido para ele. Um infiel, por mais que se esforce, não pode. Deus só é sagrado para quem tem fé.” Para considerar a blasfêmia uma forma de islamofobia e racismo, é preciso recorrer à lei islâmica. É aí que a sociedade liberal rende um valor cardeal – a liberdade de expressão – aos ditames não só de uma religião, mas de sua ala mais extremista. Charb considera absurdo ceder a tal chantagem. Zombaria e blasfêmia, diz ele, deveriam poder atingir a todos – muçulmanos, católicos, judeus ou comunistas.

A sociedade deve proteger tanto a blasfêmia humorística quanto os textos religiosos – para Charb, “romances soporíferos, incoerentes e mal escritos”. O problema está no fiel que lê o *Alcorão* ou a *Bíblia* como um “manual de instruções para montar uma prateleira” e defende ou pratica a violência. “A

blasfêmia procura ridicularizar uma ideologia; o discurso de ódio encoraja a violência contra indivíduos”, escreve o jornalista Adam Gopnik no prefácio da edição em inglês. “A distinção crucial que devemos defender é entre atos de imaginação e atos de violência. A imaginação vê, desenha e descreve muitas coisas desconfortáveis ou feias – pornográficas, eróticas, satíricas e blasfemas. Mas elas não acontecem de verdade. Atacar uma ideologia não é apenas diferente de ameaçar alguém – é o oposto disso. Toda a ideia da civilização liberal é substituir ataques às pessoas por críticas às ideias. A fé não é o inimigo. O fanatismo é o inimigo.” É o que Charb entendia perfeitamente – e apologistas do terrorismo e os próprios terroristas insistem em não entender. ♦



LIVRO DA SEMANA

**Carta aos escroques
da islamofobia
que fazem o jogo
dos racistas**
Charb

Leya
2015
96 páginas
R\$ 35

Helio Gurovitz é jornalista hgurovitz@edglobo.com.br (e-mail)
[@gurovitz](https://twitter.com/gurovitz) (Twitter) <http://g1.globo.com/mundo/blog/helio-gurovitz/> (web)

NOVO APP

EPÓCA **NEGÓCIOS**

INSPIRAÇÃO PARA INOVAR
na palma da sua mão

A qualquer hora do dia,
uma seleção das **notícias**
mais relevantes

Acesso à **edição mensal**
da revista, aos **especiais**
e **edições anteriores**

Reportagens organizadas
por assuntos

Uma **nova experiência**
de leitura e navegação
adaptada à sua tela



ENVIE UM SMS GRÁTIS COM A PALAVRA **NEGÓCIOS**
PARA 30133 E BAIXE O APLICATIVO

DISPONÍVEL PARA  

 **EDITORA GLOBO**

VIDA

CASO
EXTRAORDINÁRIO

A história da paciente
que morreu após passar
um mês entubada no
pronto-socorro revela
escolhas trágicas feitas pelos
médicos enquanto governo
e Justiça trocam ofícios

Cristiane Segatto

37 DIAS À ESPE



DESCASO
Durante semanas,
os médicos do
Hospital Dr.
Alexandre Zaio,
em São Paulo,
tentaram transferir
Maria Lucia (ao
lado). “Minha
mãe foi ignorada
pelo governo e
pela Justiça”, diz
a filha, Priscila



RA DE UMA UTI

CAPÍTULO 1

UM PEDIDO DE SOCORRO;
120 NEGATIVAS

Um corredor comprido, cercado por paredes que há tempos não recebem pintura, leva à entrada da casa alugada onde, até outubro, vivia a costureira aposentada Maria Lucia Machado, de 62 anos, na Vila Matilde, Zona Leste de São Paulo. Entra-se pela porta da cozinha. Era ali que ela mantinha apertados os laços de uma família cheia de necessidades. A sala havia sido transformada em quarto para um irmão desempregado. Para outro, que sofre de esquizofrenia, construiu-se um puxadinho nos fundos. Maria Lucia dividia o quarto original com dois sobrinhos acolhidos desde a infância: Leticia, de 23 anos, e Luan, de 13 – ambos portadores de deficiência intelectual.

À filha única, Priscila Machado Sambrana, de 37 anos, foi destinado o andar de baixo de um beliche ao lado da cama da mãe, que a criou sozinha. Esse arranjo frágil, mas funcional, entrou em colapso às 21 horas do dia 30 de novembro, quando Maria Lucia morreu no Hospital Municipal Dr. Alexandre Zaio, na Vila Nhocuné, a 2 quilômetros dali. A perda do ponto de equilíbrio de uma família especial não pode ser atribuída a uma fatalidade. O destino trágico fora antecipado pelos médicos que, semana após semana, assistiram à deterioração da saúde da paciente dentro do hospital. Durante 37 dias, eles tentaram conseguir uma vaga na Unidade de Terapia Intensiva (UTI) de algum outro hospital da maior capital do país. O pedido foi negado mais de 120 vezes por diferentes instituições municipais, estaduais e privadas que prestam serviço ao SUS. A maioria registrou num sistema oficial da prefeitura a mesma resposta peremptória: “sem vaga”. Outras detalharam o infortúnio dos doentes: “O hospital está com superlotação, pacientes internados sem disponibilidade de vagas de UTI. Estamos sem respirador na emergência e impossibilitados de receber novos casos”.

Esses registros, obtidos pela Defensoria Pública do Estado de São Paulo, são a confissão da insuficiência de leitos no Sistema Único de Saúde (SUS) e da fragilidade da gestão pública. Não só isso. A lentidão com que o pedido de socorro feito por Priscila circulou pelos escaninhos da Justiça é um sinal de que os procedimentos adotados pelos magistrados são incompatíveis com as urgências médicas. Quando a janela de oportunidade para salvar uma vida é medida em poucos dias ou em algumas horas, as instituições falham. O cidadão se vê transformado em um número mal digerido pela engrenagem burocrática. Um a mais. Por trás da sequência CROSS-SS-1228714-16, o registro de Maria Lucia na Central de Regulação de Vagas, havia uma história.

ESCASSEZ
Paciente monitorado
na disputada UTI
Central do Hospital
São Paulo, da
Unifesp. Na maioria
dos dias, alguém
fica sem vaga



* * *

Maria Lucia era hipertensa, diabética e fumante. Em setembro, sofreu um infarto e precisou colocar um stent (prótese para manter as artérias desobstruídas) no Instituto do Coração (InCor). Passou 15 dias internada depois de sofrer uma reação alérgica ao iodo, usado num dos exames. Foi liberada, com a condição de continuar o acompanhamento médico. Numa sexta-feira de outubro, ela passou mal em casa enquanto lavava a louça do almoço. Não haveria tempo de cruzar a cidade para chegar ao InCor. A família correu ao pronto-socorro mais próximo. Com grave falta de ar,



rosto arroxado e a pressão arterial nas alturas (20 por 12), Maria Lucia foi acomodada na sala de emergência do Alexandre Zaio. Os médicos detectaram também uma pneumonia e a necessidade de agir rápido. Em quatro dias, ela sofreu duas paradas respiratórias. Quando deixou de respirar pela segunda vez, os profissionais decidiram entubá-la. Ali mesmo, na sala de emergência, enquanto não surgia uma vaga na UTI. O tubo plástico colocado na boca descia pela traqueia para fazer chegar aos pulmões em sofrimento o oxigênio fornecido por um respirador artificial. Sem o auxílio mecânico, Maria Lucia não resistiria.

Manter pacientes entubados por longos períodos no pronto-socorro é uma daquelas práticas absurdas que, de tão repetidas nos hospitais públicos, parecem normais. Não são. Fora da UTI, o doente que precisa dela não conta com os mesmos equipamentos e insumos. Nem com a atenção, 24 horas por dia, de uma equipe multidisciplinar especializada em cuidados de pacientes críticos – aqueles que podem perder a vida a qualquer momento, sobretudo se houver um descuido dos médicos. Muito menos com o maior espaço entre os leitos e o ambiente asséptico que as Unidades de Terapia Intensiva são obrigadas a oferecer, de acordo com as exigências das autoridades sanitárias. ►

“O risco de erro médico é muito mais elevado quando o profissional atende o paciente fora do ambiente adequado”, diz Mauro Aranha, presidente do Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo (Cremesp). Um levantamento realizado pela entidade, no final do ano passado, com diretores clínicos de 15 hospitais públicos ou filantrópicos localizados na capital paulista, revelou que pacientes graves esperam, em média, até dois dias por um leito de UTI. “Isso é gravíssimo. Não tem perdão”, afirma Aranha. E estamos falando do estado mais rico do Brasil.

Essa média é bastante conservadora, como demonstra a história de Maria Lucia. Enquanto a saúde dela se deteriorava dia após dia na espera de mais de um mês e os médicos se viam de mãos atadas diante do sofrimento da família, o caso era tratado em arrastadas trocas de ofício entre órgãos públicos. Cumpriam o protocolo para chegar ao típico destino final: o do tudo registrado e do nada resolvido.

CAPÍTULO 2

UMA LOTERIA SEM VENCEDORES

Maria Lucia não era a única paciente entubada na emergência do Alexandre Zaio. Dividia o espaço com mais quatro pacientes em situação semelhante. Todos usavam equipamentos de monitoração, enquanto aguardavam uma vaga na terapia intensiva. Uma loteria sem vencedores. “Em todo o período em que minha mãe ficou naquela sala, cerca de nove pessoas morreram”, diz Priscila, a filha única. “Todas à espera de UTI.” Sem a perspectiva de conseguir um leito na própria instituição, os médicos inscreveram Maria Lucia no sistema da Central de Regulação de Urgências e Emergências (Crue), da prefeitura. Esse órgão centraliza as demandas dos moradores da capital, analisa a gravidade dos casos (de acordo com a breve descrição preenchida pelos profissionais solicitantes) e encaminha os doentes ao hospital capaz de atendê-lo. A central funciona 24 horas. Em cada turno, há apenas quatro médicos para regular todos os pedidos de UTI recebidos por computador ou telefone. Eles decidem quem será atendido e onde, numa estressante administração da escassez.

“Aqui está longe de ser o mundo ideal. Ninguém deveria ficar esperando, mas não há vagas para todos”, diz Sandro Garcia Hilário, coordenador de regulação da Secretaria Municipal de Saúde. Ele não trabalhava no órgão quando o caso da aposentada ocorreu, no final da gestão Fernando Haddad (PT-SP). “Conseguimos um leito de UTI em cerca de 50% dos pedidos que nos chegam. A outra metade dos pacientes não é transferida, mas isso não significa que todos morrem.” Nesse grupo, há pessoas que saem da fila porque melhoram ou porque o hospital consegue uma vaga internamente. Nem todos têm a mesma



sorte. “É muito frustrante saber da necessidade do paciente e não conseguir um leito hoje, amanhã, nem depois de amanhã”, diz Mônica Tormena de Campos, coordenadora de regulação inter-hospitalar da Crue.

O registro do primeiro pedido dos médicos de Maria Lucia é de 25 de outubro, o mesmo dia em que ela foi entubada. Os dias se passaram e as negativas dos hospitais se acumularam. Pelos funcionários do Alexandre Zaio, Priscila soube que familiares em desespero costumavam



EMPENHO
A defensora
pública Daniela
de Albuquerque.
“É triste perceber
que não estamos
conseguindo
garantir o direito
à saúde”

procurar a Justiça. Era sua única chance. Faltou várias vezes ao trabalho de estoquista numa empresa de alimentação para conseguir juntar a papelada necessária ao pedido de liminar judicial feito pela Defensoria Pública do Estado de São Paulo. Começava ali a cruel cronologia do adeus.

3 de novembro

A primeira providência da defensora pública Fernanda Dutra Pinchiaro foi tentar resolver o problema adminis-

trativamente. Ela envia um ofício aos gabinetes dos secretários de Saúde: David Uip, do governo estadual, e Alexandre Padilha, do município. Pede a transferência urgente da paciente para uma UTI. Segundo o relatório médico anexado, Maria Lucia apresentava trombose da veia porta, insuficiência cardíaca congestiva e fibrilação arterial. A resposta não chegou.

17 de novembro

Em desespero, Priscila volta a pedir socorro jurídico. A defensora pública Daniela Skromov de Albuquerque assume o caso. Na mesma data, entra com um pedido de tutela antecipada na esperança de que o poder público fosse obrigado a enviar Maria Lucia para uma UTI o mais rápido possível. No laudo anexado ao documento, o médico Fabio da Silva descreve a gravidade do quadro: “Paciente evolui em sala de emergência sob cuidados intensivos e uso de drogas vasoativas e respira com a auxílio de ventilador mecânico, com difícil desmame. Aguarda vaga de UTI que já foi solicitada previamente via Central de Regulação de Vagas (porém, ainda não disponível)”.

Por um triste engano, Daniela informa no pedido que a paciente fora internada na ala de emergência após sofrer um acidente vascular cerebral (AVC) hemorrágico. Essa é uma doença grave e, muitas vezes, incapacitante. A mesma que matou a ex-primeira-dama Marisa Letícia há poucas semanas. Maria Lucia não teve um AVC. Se tivesse sofrido uma hemorragia no cérebro e permanecido no pronto-socorro durante semanas, dificilmente um leito de UTI seria capaz de mudar sua história. O erro, observado durante a apuração desta reportagem, havia passado despercebido da família e da própria Defensoria Pública. Não se sabe se o desliz na descrição do caso teve alguma influência sobre a decisão judicial. Antes que o dia terminasse, a magistrada Alexandra Fuchs de Araujo, da 6ª Vara de Fazenda Pública, nega a liminar, sob o argumento de que a concessão do leito nessas condições poderia “gerar dano a terceiro por eventual alteração de fila”. Decide apenas intimar as secretarias de Saúde a prestar esclarecimentos em 48 horas com urgência.

21 de novembro

Quatro dias depois da decisão da juíza, a chefe do cartório do Tribunal de Justiça transmite a ordem para que um oficial intimasse a prefeitura e o governo estadual a prestar esclarecimentos em 48 horas. Não se sabe se a intimação chegou ao destino. A comprovação não está nos autos do processo. Maria Lucia continuou onde sempre esteve, mas cada dia pior.

22 de novembro

Depois de passar semanas entubada em ambiente inadequado, Maria Lucia contrai bactérias multirresistentes, micro-organismos que vencem a maioria dos ►

antibióticos. Uma grave ameaça ao ambiente hospitalar e à saúde pública. Era preciso enviá-la a uma UTI com isolamento – um recurso ainda mais escasso. A cada 12 horas, o hospital renovava o pedido à Central de Regulação. Sempre sem sucesso. Maria Lucia foi transferida para um isolamento improvisado: um antigo consultório. Ali ficaria até o fim.

30 de novembro

Inconformada, a defensora pública Daniela faz uma nova manifestação à juíza. Ressalta que a doente aguardava um leito havia mais de um mês, contraíra uma infecção hospitalar e, naquela data, encontrava-se à beira da morte. Ressalta que o processo continuava sem nenhuma resposta dos réus, apesar do prazo de 48 horas determinado pela juíza, 13 dias antes. Pede a ela que defira o pedido de liminar com a máxima presteza. E, mais uma vez, se frustra.

“Esse caso é a prova de que não estamos conseguindo garantir o direito à saúde administrativamente, nem judicialmente”, diz Daniela. “É muito triste.” Cada vez mais, a decisão sobre quem deve ocupar as raras vagas de terapia intensiva é tomada por juízes, muitas vezes sem considerar os critérios médicos de priorização. Ganha quem grita mais e com mais insistência. O fenômeno torna o aproveitamento dos leitos ainda mais ineficaz quando prioriza os pacientes menos graves. Ou quando obriga o Estado a reservar uma vaga ao doente que menos se beneficiaria dela (um paciente em fase terminal de câncer, por exemplo). Não deveria ser assim quando o que está em disputa é algo de valor inestimável: a própria vida.

A judicialização não é fruto de geração espontânea. É reflexo da carência e da má gestão de leitos na rede pública. Uma portaria do Ministério da Saúde preconiza a existência de um a três leitos de UTI por 10 mil habitantes. Os hospitais da rede privada tem 4,14. Enquanto isso, a média geral do SUS é de 0,99. Os dados fazem parte de um levantamento do Conselho Federal de Medicina (CFM), realizado a partir da análise de informações resgistradas no Cadastro Nacional de Estabelecimentos de Saúde (CNES), do governo federal. A pesquisa revela que o país tem cerca de 41 mil leitos de UTI – metade deles para atender apenas os 25% dos brasileiros que contam com planos de saúde. Brasília é uma das capitais mais carentes desse recurso no sistema público. Com 0,96 leitos para cada 10 mil habitantes, a cidade só não está pior que Macapá (0,57) e Boa Vista (0,94). Na quarta pior posição aparece o Rio de Janeiro (1,04). São Paulo (1,58) está distante da média mais elevada do país: Porto Alegre (4,04). Na comparação entre as regiões, o Sul e o Sudeste estão em melhor posição. Ainda que nesses estados o número de leitos seja próximo do recomendável (ou até supere essa marca), há problemas de gestão que impedem o acesso de grande





SELEÇÃO
Flavia Machado,
na UTI Central do
Hospital São Paulo.
“Devemos parar de
brincar de Deus e
dar a vaga a quem
pediu primeiro?”

parte dos doentes. Frequentemente, uma pessoa que já pode receber alta da terapia intensiva continua ali porque não há lugar para ela na enfermaria. Isso acontece até mesmo nos bons hospitais públicos. Enquanto isso, quem chega não consegue entrar.

“Faltam vagas de UTI no SUS e sobram nos hospitais privados”, diz Mirella Cristine de Oliveira, presidente da Associação de Medicina Intensiva Brasileira (Amib). A entidade está realizando um novo censo das vagas. É uma contracheragem dos dados registrados pelos próprios hospitais no CNES, o sistema oficial do Ministério da Saúde. Como a remuneração dos leitos de UTI é mais alta que a dos leitos comuns, a Amib resolveu confirmar se os leitos existem e se, de fato, funcionam. É um cuidado necessário para evitar fraudes dos gestores dos hospitais no preenchimento dos dados. “Talvez seja mais barato contratar leitos excedentes da rede privada em vez de construir hospital, mas para isso é necessário garantir a qualidade dos dados disponíveis”, diz Mirella. “Precisamos de uma política social sustentável, que seja consistente para sobreviver às mudanças de governo. A situação não pode continuar como está.”

CAPÍTULO 3

BRINCANDO DE DEUS

Quando os recursos são escassos, escolhas trágicas são feitas. A angústia provocada por essa rotina foi descrita pela médica Flavia Machado em um artigo publicado recentemente no *The New England Journal of Medicine*, uma das revistas médicas mais prestigiadas do mundo. Chefe da maior UTI do Hospital São Paulo, a instituição-escola da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), ela descreve a rotina dos intensivistas:

São 7 horas da manhã e, mais uma vez, precisamos decidir quem ocupará um leito na unidade de terapia intensiva depois de uma cirurgia eletiva. Uma avó de 55 anos com câncer de intestino? Um idoso com metástase no fígado? Uma jovem que sente dor e precisa de cirurgia numa articulação para continuar a trabalhar e sustentar a família? Deveríamos escolher ou recusar os pacientes que têm câncer? Deveríamos fazer escolhas baseadas na idade? Na qualidade de vida prévia? Ou no impacto social, se, por exemplo, o doente tem quatro crianças para criar? Devemos oferecer o leito a quem já o negamos antes? Ou devemos simplesmente deixar de brincar de Deus e conceder a vaga a qualquer pessoa que tenha pedido antes?

No dia da visita de ÉPOCA, a maioria dos doentes era mantida com algum nível de consciência na UTI de 35 preciosos leitos comandada por Flavia. Estavam lá vítimas de graves traumas provocados por acidentes ►

de trânsito ou pela violência, sobreviventes de infarto, recém-operados que precisavam de monitoramento constante. Jovens, velhos, homens e mulheres – 90% deles assistidos apenas pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Os doentes que ultrapassaram a porta daquele 6º andar venceram uma triste seleção. Passaram por todos os funis que limitam o acesso da população aos melhores recursos.

“Criamos ferramentas de priorização para tentar reduzir um pouco a injustiça que ocorre”, diz Flavia. No final do ano passado, ela participou da comissão do Conselho Federal de Medicina (CFM) que definiu regras de priorização. A Resolução nº 2.156 ampara os médicos, eticamente, em suas escolhas difíceis. O documento elenca cinco níveis de prioridade que devem ser respeitados. Em primeiro lugar, devem ser beneficiados os “pacientes que necessitam de intervenções de suporte à vida, com alta probabilidade de recuperação e sem nenhuma limitação de suporte terapêutico”. Ou seja: os indivíduos recuperáveis, nos quais se pretende investir com todas as alternativas possíveis de tratamento. Em último lugar, os doentes em fase terminal, sem possibilidade de recuperação. Por mais que existam protocolos médicos de escolha, os desempates sempre serão cruéis. “Todo mundo tem câncer, dois ou três já foram recusados uma vez... Nossa angústia é enorme”, diz Flavia.

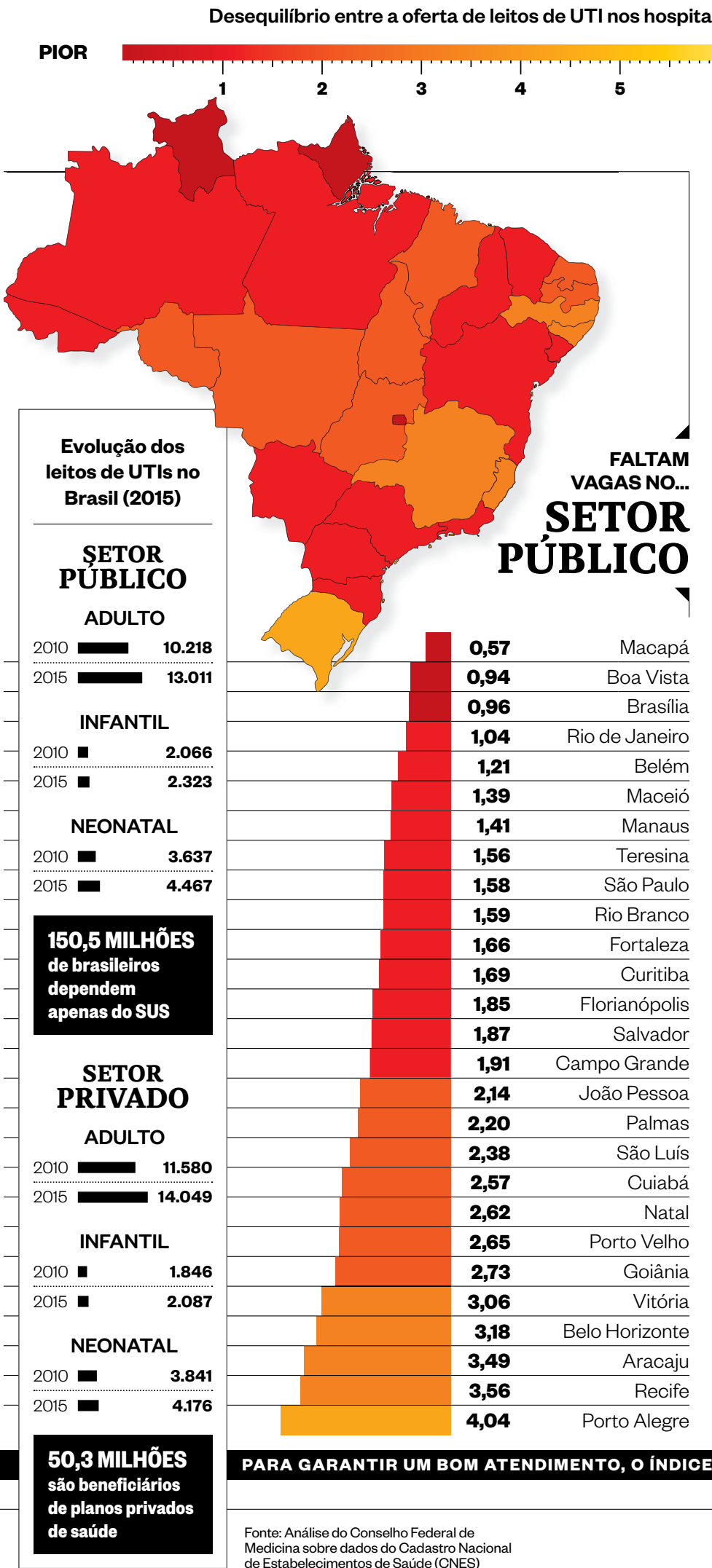
O ponto crucial nos critérios do CFM é o conceito de terminalidade. Se um paciente de 32 anos tem câncer terminal, não há por que colocá-lo numa UTI apenas porque ele é jovem. O que deve ser levado em consideração é a capacidade da UTI de restaurar a qualidade de vida que ele tinha antes. Um fator que contribui para a escassez e mau uso dos leitos é a dificuldade de aceitar a finitude da vida. “No Brasil, temos uma religiosidade forte que leva as famílias e os médicos a insistir em tentativas fúteis de evitar o curso natural da morte”, diz Flavia. Grande parte dos leitos fica ocupada por longo tempo por pessoas sem possibilidade de recuperação. Enquanto isso, um paciente que poderia ser salvo não consegue ser atendido.

O ato de postergar a morte por meio de tratamentos inúteis que apenas prolongam o sofrimento (conhecido como distanásia) é frequente até mesmo nos hospitais públicos que mais sofrem com falta de leitos. “Como há uma indefinição legal, não podemos deixar de tratar o doente se a família não estiver de acordo com isso”, diz Flavia. Quando os parentes entendem a situação, os médicos propõem a chamada extubação paliativa. O doente é retirado do ventilador mecânico com conforto, sem sentir dor, se a família aceita o fato de que ele vai morrer.

Muitos médicos, no entanto, se sentem inseguros em dar esse passo. A resolução do CFM é uma regra ética, criada com o objetivo de apoiar os médicos em suas decisões difíceis, mas não tem poder legal. A família sem-

O MAPA DE EXTREMOS

A maioria dos leitos de UTI está concentrada na
escassez de vagas na rede pública, exist



DA SAÚDE BRASILEIRA

as regiões Sul e Sudeste do país. Enquanto há em leitos ociosos nos hospitais privados

is públicos e privados – Taxa por 10 mil habitantes (2015)



...E SOBRA
LEITOS NO
SECTOR
PRIVADO

Macapá	4,13
Boa Vista	4,55
Brasília	8,22
Rio de Janeiro	8,10
Belém	10,17
Maceió	5,42
Manaus	3,14
Teresina	3,51
São Paulo	4,50
Rio Branco	1,01
Fortaleza	2,92
Curitiba	3,74
Florianópolis	5,24
Salvador	5,62
Campo Grande	3,56
João Pessoa	3,91
Palmas	9,14
São Luís	3,64
Cuiabá	10,23
Natal	6,29
Porto Velho	7,10
Goiânia	10,68
Vitória	8,54
Belo Horizonte	4,93
Aracaju	5,72
Recife	8,23
Porto Alegre	4,25

MÍNIMO RECOMENDADO DE VAGAS POR 10 MIL HABITANTES É DE 1 A 3 LEITOS

pre pode questionar a conduta dos profissionais. Enquanto os brasileiros resistem em discutir os dilemas do fim da vida, os pacientes que poderiam ser beneficiados por um leito de UTI perdem sua única chance.

A cada dia de improviso no pronto-socorro, a probabilidade de um paciente entubado conseguir uma transferência para a UTI de outro hospital diminui. “Se passar mais de 48 horas na emergência, um doente nessas condições corre risco elevado de contrair uma bactéria multirresistente e de infectar a UTI inteira, caso seja transferido”, afirma Sandro Garcia Hilário, coordenador da Regulação da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo. “Muitos hospitais se recusam a aceitar esses pacientes quando tentamos conseguir uma vaga.” É um espiral de desfavorecimentos da qual poucos escapam.

Alguns dias antes da morte da mãe, Priscila perguntou ao médico se ainda havia o que tentar. Consternado, ele respondeu: “Se fosse a Lucinha que vi chegar a esse hospital, eu ainda estaria otimista”. Maria Lucia já era outra. Na última vez em que viu a mãe, Priscila observou as mãos e os pés enfaixados. O inchaço fazia a água minar pelos poros. Em nota, o Hospital Alexandre Zaio afirma que “durante todo o período em que ficou na sala de emergência, a paciente recebeu os mesmos cuidados intensivos que receberia numa UTI, inclusive com acompanhamento multiprofissional”. A Secretaria Municipal de Saúde não explica por que Maria Lucia não foi priorizada. Em nota, afirma que “a atual gestão já determinou uma investigação interna do caso para averiguar os fatos e posterior apuração preliminar. No momento, a Pasta não dispõe de elementos para justificar a não transferência da paciente em questão para unidade com mais recursos por tão longo período de tempo”.

Priscila segue sem entender por que a mãe foi ignorada pelos gestores e pela lei. “A juíza estava preocupada em não prejudicar terceiros, mas não pensou que corria o risco de matar minha mãe.” Procurada por ÉPOCA, a juíza Alexandra Fuchs se recusou a dar entrevista. Mandou dizer que a Lei Orgânica da Magistratura a impede de se manifestar a respeito de votos ou sentenças. Apesar de ter negado a primeira liminar que beneficiaria Maria Lucia, ela acatou o pedido algumas semanas depois. No dia 1º de dezembro, Alexandra atendeu ao apelo da defensora Daniela e determinou que o estado e a prefeitura custeassem a internação da paciente em hospital particular, caso não conseguissem uma vaga em um hospital público. No mesmo dia em que ela assinava a decisão na 6ª Vara de Fazenda Pública, no centro de São Paulo, Maria Lucia era enterrada no Cemitério de Vila Formosa, na Zona Leste. Priscila voltou sozinha para a casa que, a partir dali, estaria sob sua responsabilidade. Naquela noite e nas seguintes dormiu na cama da mãe. A ausência de Maria Lucia é o que restou de mais sólido na família.

Bruno Astuto

brunoastuto@edglobo.com.br



A prefeita do Sambódromo



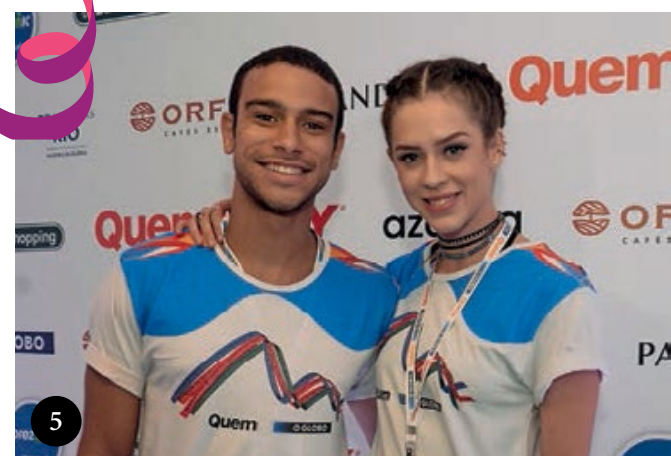
Com a ausência do prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, do evento mais importante da cidade, Ivete Sangalo foi apelidada por um grupo de seguranças na dispersão da Sapucaí “a prefeita do Sambódromo”. Graças ao fôlego da baiana, que correu toda a Avenida para estar tanto na comissão de frente como no último carro, a Grande Rio teve o maior “efeito especial humano” do Carnaval.

No corre-corre, Ivete foi incapaz de negar um pedido de selfie de um dos rapazes que empurravam a alegoria – ela juntou todos os empurradores para fazer a foto. “Ela é gente como a gente, muito humilde”, disse um deles.

Antes de entrar na Avenida, a cantora recebeu os membros da comissão de frente no trailer-camarim.

Agradeceu a disponibilidade de terem ido a Salvador ensaiar com ela e estabeleceu códigos para serem ditos, discretamente, durante a evolução, que a ajudassem a memorizar os passos da dança. Um dos movimentos, com os braços, foi batizado “boy magia”. “Se eu errar ou me perder nessa hora, falem baixinho ‘boy magia’ que eu me lembro o que fazer, tá?!”, pediu.

Juliana Paes desistiu, na última hora, de desfilar no carro dos amigos de Ivete. “Fiquei insegura. A dispersão é uma loucura, as pessoas querem pular em cima da gente”, explicou. Mas Juliana avisa que promete voltar com tudo no ano que vem à passarela do samba, depois de uma aposentadoria para se dedicar aos filhos. “Estou tomando coragem, mas em 2018 eu venho, sim.”





CAMAROTE

- 1. Ivete gastou energia na Sapucaí**
- 2. Grazi, da passarela da moda para a do samba**
- 3. De peruca, Giovanna Ewbank não foi reconhecida por muita gente**
- 4. Luciana e Lucas no camarote Quem/O Globo**
- 5. Sérgio Malheiros e Sophia Abrahão trocavam beijos sem fim**
- 6. Ludmilla foi uma das atrações do camarote**

Acostumado a entrevistar reis e príncipes para seus programas na TV francesa, o apresentador Stéphane Bern fez sua estreia no Sambódromo carioca num dos carros da São Clemente. “Foi uma emoção sem igual. Aqui todo mundo pode um dia ser rei”, festejava ele, que elegeu o camarote Quem/O Globo para gravar todas as chamadas de sua nova série, *Noite de festa*.

O espaço, um dos poucos realmente VIPs que não cobram ingresso dos frequentadores, contou com a graça de Grazi Massafera, que, no dia anterior, havia desfilado para a grife italiana Dolce & Gabbana, em Milão. “Fico pensando nas agências de modelo que visitava, em São Paulo, no início da carreira, e fechavam as portas para mim. Certa vez ouvi de uma booker que, com essa minha boca enorme, eu jamais faria uma campanha e que não tinha físico para sequer pisar em uma passarela”, lembrava. A vida é como as baianas das escolas de samba: dá muitas voltas.

Foi no camarote que, lá pelas tantas, um grupo de quatro meninas ficou alvoroçado com a presença de um rapaz de 17 anos. “É ele sim, olha a boca?! É igual à do Mick Jagger”, bradava uma delas diante de Lucas Jagger, filho do roqueiro com Luciana Gimenez. Ele topou posar para um selfie, mas desconversou quando pediram para adicioná-lo no Facebook.

O eclipse do Sol, ocorrido em pleno domingo de Carnaval, mexeu com as estruturas de todo o planeta Terra, segundo a astróloga e eterna Frenética Leiloca. Ela explica que os acidentes com carros das escolas Paraíso do Tuiuti e Unidos da Tijuca e também o equívoco na hora do anúncio do Oscar de Melhor Filme não são meras coincidências. “O eclipse no signo de peixes revela o desfoque nas situações, o equívoco. Peixes é ligado ao cinema, à poesia, a tudo que é lúdico, e traz uma conscientização maior quanto à vida. Antes e depois do eclipse, ficamos todos vulneráveis, fragilizados, e acidentes podem acontecer”, conta ela.

Em sua estreia como Rainha de Bateria da Portela, Bianca Monteiro vem sendo chamada de “pé-quente” pelos integrantes da escola, campeã do Carnaval carioca após um jejum de 33 anos. Apesar da vitória, ela ainda não sabe se continua no posto no ano que vem. “Gostaria de continuar, claro. Mas não depende de mim. Se eu não ficar, torço para que, assim como eu, também seja alguém da comunidade”, diz Bianca.

Em seu segundo ano na Portela, o carnavalesco Paulo Barros também desconversa sobre seu futuro na escola. “Ainda não é hora de pensar nisso, estamos comemorando nosso título e depois a gente vê”, avisa ele, do alto de seus quatro títulos no grupo especial carioca – três pela Unidos da Tijuca.

Podemos não ter Sabrina Sato no Carnaval de 2018. “Eu quero continuar, mas minha prioridade agora é engravidar”, conta ela. Mas não desfilaria de barrigão de fora? “Se eu ficar uma grávida maravilhosa como a Beyoncé, sairia de biquíni sem problemas. Minha agenda neste ano foi igual à de cantora de axé. Só que, em vez de ganhar, eu gasto.” Foram mais de R\$ 150 mil investidos nas fantasias para o baile da *Vogue*, para os desfiles da Vila Isabel e da Gaviões da Fiel, para o baile do Copacabana Palace e para um camarote da Sapucaí.

Namorado de Sabrina, o ator Duda Nagle brincou que estava feliz com sua estreia como “primeira-dama” no Carnaval. “Se dependesse de mim, a roupa dela teria dez vezes o tamanho que tem”, disse ele. O ator confirmou os planos de casório. “Estamos pensando e enrolando. É sempre aquilo: a mulher mais ansiosa e o homem querendo ganhar tempo. Mas o amor é isso: você tem de se esforçar e fazer concessões.”

Em São Paulo, Sabrina Boing Boing ainda tem marcas de sangue no pescoço, provocadas pela fantasia pesada que usou no desfile da Acadêmicos do Tatuapé, escola



VITORIOSOS

1. Bianca Monteiro, pé-quente
2. Paulo Barros, campeão com a Portela
3. Sabrina Boing Boing, ferida pelo peso da alegoria
4. Sabrina Sato e Duda Nagle. Pressão pelo casamento

que surpreendeu em sua primeira vitória. Apesar dos ferimentos e da grande quantidade de sangue, fez questão de terminar o desfile. Na chegada à dispersão, quando foi aplaudida pelo público e por integrantes da agremiação, Sabrina recebeu atendimento médico. “Quando terminou, estava tremendo de nervoso. Odeio ver sangue, mas valeu cada gota. Não me arrependo e faria tudo de novo.”

Nos blocos, o funk “Deu onda”, aquele do “meu p... te ama”, só não fez mais sucesso do que “Michael Douglas”, de João Brasil, cujo refrão diz “nunca mais eu vou dormir” – e que abre interpretações à droga MDMA, que causa euforia e tira o sono, utilizada por muitos para ajudar a encarar a maratona carnavalesca do início ao fim. E ainda tem gente que implica com as pobres das marchinhas...



WALCYR CARRASCO

Ovo choco

Passei o último Carnaval em pânico. Na quinta-feira anterior, queimou o portão automático da garagem. Fiquei preso. Até encontrar um bom coração para fazer funcionar no manual. Trabalho dobrado. Na sexta-feira, uma lagartixa entrou no quadro de energia. Provocou um curto-circuito que queimou a bomba responsável por enviar água para a caixa. Já pensou, ficar sem água no Carnaval? Nem para escovar os dentes? Pior, com capítulos da nova novela para escrever. Uma loucura. A duras penas encontrei um encanador que me prestou alguns serviços no passado. Tentou comprar uma bomba nova. Não achou, tudo fechado. Usou uma velha. Ligada provisoriamente, me salvou. (Sim, escovei os dentes!) Mas não parou por aí. A luz acabou no bairro. Fiquei olhando o computador no escuro, desesperado para escrever. O conserto demorou, óbvio. Carnaval!

Um amigo me visitou. Atravessou blocos inteiros de carro. Bêbados batiam na lataria. Mas saiu-se bem. Aqui na rua, vazia, bateu na moto do segurança. Sem ter bebido uma gota. Está pagando o prejuízo.

– Não era para eu ter saído de casa – lamentou-se.

Eu escrevo novelas, como sabem. O autor de novelas trabalha com prazos rígidos. Principalmente com a história no ar. É do meu texto que depende o trabalho de bem umas 300 pessoas. Quando envio o capítulo, a produção corre para ter os elementos necessários à cena. Se peço um cavalo branco, é preciso arrumar um. Se é uma toalha vermelha, os cenógrafos entram em cena para escolher a mais adequada ao perfil do personagem rico ou pobre. Os atores recebem o texto para decorar e destrinchar as intenções das falas. O diretor rege todas essas pessoas, decide tomadas de câmera, e mais tanta coisa que nem sei. Se não entrego o capítulo, toda essa gente fica parada. São seis capítulos por semana. Faço um por dia! No sétimo, eu revejo o bloco de seis capítulos. Quando perco um dia, dificilmente sou capaz de recuperar o tempo perdido. Cada capítulo são 30 páginas!

Quando, adivinhem quando o computador resolve dar pau? Na sexta-feira à noite, sempre. Ou sábado.

A emissora possui uma equipe contratada pela IBM para assessorar os autores. Tem sempre alguém de plantão. Mas, vamos combinar, nunca pode ser num dia diferente de sexta-feira ou sábado? Chamo alguém às pressas, perco no

mínimo uma noite em tensão. Dar errado é tão comum que já aprendi certas lições. Quando tenho uma reunião importante, no Rio de Janeiro, vou um dia antes, para não correr riscos. Atualmente, nem perco tempo indo ao aeroporto. Choverá, certamente. O voo adiado, o caos! Vou de carro. Não é a melhor alternativa. Mas, se algo der errado, ainda pego um ônibus no caminho e chego.

É a velha história daquela garota: disse ao namorado que ia fazer um retiro de Carnaval. Foi ao baile. A televisão estava lá. E deu um close nela. Justamente nela, um belo close, no momento exato em que o rapaz ligava a TV no canal. Parece mentira? Já sei de vários casos assim. Para eles, para elas. Ou é aquele amigo que nunca bebe. Uma noite insistem, toma um vinho no jantar. Lógico, é pego pela Lei Seca. Perde a carta. Eu mesmo perdi a habilitação certa

vez sem ter cometido uma única infração. Fiz uma reforma no Rio de Janeiro. Meu mestre de obras usou uma caminhonete velha, com caçamba, em meu nome. Foi uma multa atrás da outra. Pagou todas. Dei os papéis de transferência de multa para ele assinar em confiança. Perdi a carta. Fui bobo? Ele diz que mandou. Há quem diga que toda essa papelada ficou meses parada no Detran. Mas quem teve de fazer escolinha, exame, fui eu! Aprendi que, se confio, tenho de verificar. Exigir cada recibo do correio. Mas, ai de mim!

Não sou do tipo que gosta de viver em permanente estado de vigilância, desconfiando de todo mundo!

Nunca vou esquecer. Outro amigo, hospedado em casa, abriu a geladeira, pegou um ovo, fingiu que ia me atirar. Pura brincadeira. Eu agarrei sua mão e fechei sobre o ovo. Arreben-tou a casca. Estava choco. Ele ficou coberto pelo ovo cheiroso.

De todo o supermercado, certamente era o único choco!

É o que vivo aprendendo a duras penas. Os problemas acontecem no fim de semana, o trânsito congestionado quando a gente está louco para ir ao banheiro, a caixa-d'água estoura quando todo mundo foi viajar. Dor de dente aparece de sexta-feira à noite. No fim de semana em que o dentista foi à praia.

É assim a vida. A Lei de Murphy é verdadeira e genial. “Tudo o que pode dar errado, dá errado.” ♦

Walcyr Carrasco é jornalista, autor de livros, peças teatrais e novelas de televisão

Quando Tolstói quis se matar

Após ingressar na meia-idade, o conde russo Liev Nikoláievitch Tolstói (1828-1910) passou a ser atormentado por pensamentos suicidas. À noite, sozinho em seu quarto, temia cair em tentação e recorrer a uma corda para se enforcar na viga entre os armários. Retirou a corda do quarto por precaução. Parou de caçar. Temia que, ao perambular por Iásnaia-Poliana, sua propriedade rural, à procura de animais para abater, apontasse a espingarda para si mesmo e acabasse com a própria vida. Tolstói tinha pouco mais de 50 anos e já alcançara a glória literária. Nas décadas anteriores, publicara contos notáveis e romances monumentais, como *Guerra e paz* e *Anna Kariênina*. No entanto, não encontrava mais prazer na literatura. A felicidade conjugal também pertencia ao passado. Uma ideia martelava em sua cabeça: “Existe, em minha vida, algum sentido que não seria aniquilado pela morte que me aguarda de modo inevitável?”

Como tantos de seus personagens, Tolstói estava obcecado pela morte e buscava, a todo custo, dar algum sentido à vida. Esse episódio depressivo – e a jornada do escritor de volta à fé – é descrito no livro *Uma confissão* (Mundo Cristão, 128 páginas, R\$ 29,90), que volta às livrarias numa tradução assinada pelo escritor Rubens Figueiredo, que já verteu para o português os grandes romances e todos os contos escritos pelo russo. Mistura de

No filosófico *Uma confissão*, o escritor russo conta como os camponeses o ajudaram a recuperar a fé e encontrar o sentido da vida

Ruan de Sousa Gabriel

depoimento e reflexões filosófico-teológicas, *Uma confissão* sublinha vários dos temas que guiam as obras ficcionais de Tolstói: a morte, o contraste entre os salameques da nobreza russa e a virtude dos mujiques (os camponeses) e uma filosofia calcada no concreto do cotidiano.

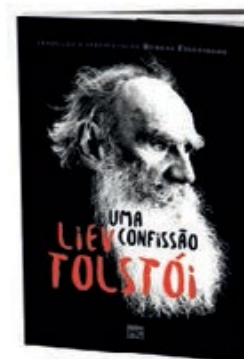
Escrito entre 1879 e 1882, *Uma confissão* conta como, aos 16 anos, Tolstói parou de rezar e frequentar as celebrações religiosas da Igreja Ortodoxa. Aos poucos, a fé metafísica que ele recebeu na infância foi substituída por uma crença iluminista na razão, no progresso e no poder redentor da arte. Ele não buscava mais a salvação da alma, mas o autoaperfeiçoamento. O jovem conde, porém, com frequência fracassava em cumprir o código de conduta que ele próprio formulara: vivia dissolutamente, sempre metido em farras, mentiras e duelos. Em 1857, em viagem à França, sua crença no progresso

foi abalada após assistir à execução de um homem na guilhotina. De volta à Rússia, a morte passou a visitá-lo insistentemente. Seu irmão Nikolai morreu de repente, aos 37 anos, e cinco de seus 13 filhos morreram ainda na infância. Tolstói tentou encontrar respostas na ciência e na filosofia. Interessou-se pelo budismo, leu os diálogos platônicos e os Evangelhos e chafurdou no pessimismo do filósofo alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860) e do *Eclesiastes*. A única conclusão era morrer.

Havia algo, porém, que impedia Tolstói de ceder à tentação do suicídio. “Tinha medo da vida, desejava livrar-me dela e, no entanto, ainda esperava dela alguma coisa”, confessou. Voltou-se para a Igreja Ortodoxa em busca do sentido da vida, mas viu que os mais religiosos eram também os mais hipócritas. Observou como a nobreza devota temia as privações materiais, o sofrimento e a morte. Apenas os mujiques não tinham medo da morte e, ao contrário da elite, sua religião não era etérea. Para os camponeses, uma vida piedosa consistia em “trabalhar, resignar-se, suportar e ser misericordioso”. Ao observar como as pessoas mais simples não se desesperavam diante da morte, Tolstói encontrou um significado para a fé que ultrapassava as definições oferecidas pela religião: “A fé é o sentido da vida humana, graças ao qual o homem não se destrói e vive. (...) a essência de qualquer fé consiste que ela dá à vida um sentido que a morte não destrói”. ►



FILÓSOFO
O escritor russo
Liev Nikoláievitch
Tolstói passeia por
sua propriedade
rural, para onde
acorrriam milhares
de peregrinos em
busca de sabedoria



MUJIKES
Camponeses
russos
retratados, no
início do século
XX, por Serguêi
Prokúdin-Górski,
pioneiro da
fotografia em cor.
Acima, a capa de
Uma confissão

No mesmo ano em que colocou o ponto final em *Uma confissão*, Tolstói iniciou a escrita de uma de suas obras mais sublimes, a novela *A morte de Ivan Ilitch*, na qual ele dá um tratamento ficcional às questões que quase o levaram ao suicídio. Ivan Ilitch é um juiz de meia-idade cuja saúde degradinga depois de uma queda. Desenganado pelos médicos, torna-se um estorvo para a família e os amigos, que se afastam dele quando a morte se aproxima. Entrevado na cama, sofrendo dores atrozes, o juiz se dá conta de que levou uma vida sem sentido, mas consegue encarar a morte com serenidade ao observar a fé de Guerássim, um mujique que trabalha em sua casa e cuida, sem repulsa, do patrão moribundo. “É a vontade de Deus. Para lá iremos todos”, diz o mujique. Assim como o narrador de *Uma confissão*, Ivan Ilitch descobre, na fé dos russos mais rústicos, um antídoto para a hipocrisia e a banalidade.

“As obras autobiográficas de Tolstói, como seus diários, sempre alimentaram sua ficção”, diz Elena Nikolaevna Vássina, professora do Departamento de Letras Orientais da Universidade de São Paulo (DLO-USP) que traduziu *Uma confissão* para uma coletânea de textos da velhice do escritor russo intitulada *Os últimos dias de Tolstói* e publicada pela Companhia das Letras em 2011. “Os temas de *Uma confissão* são desenvolvidos em *Anna Kariênina*, em que o personagem Liévin é um *alter ego* de Tolstói; em *Ressurreição*, seu último romance; e em contos como *Três mortes*.” Publicado em 1859, *Três mortes* narra o fim de uma dama da aristocracia, de um cocheiro e de uma árvore. A dama se desespera diante da morte; o cocheiro, não. Mesmo moribunda, a dama não abandona velhos hábitos. O cocheiro entrega suas botas a outro mujique, pois sabe que não precisará mais delas. Na obra de Tolstói, a morte aparece para alertar os persona-

gens dos perigos de se levar uma vida falsa e sem sentido. Quando Anna Kariênina vê Vrónski, seu futuro amante, pela primeira vez, um trem esmaga um vigia. “É um mau presságio”, diz ela. É o modo de Tolstói avisá-la que um romance frívolo e puramente carnal não pode acabar bem.

Tolstói planejava publicar *Uma confissão* ainda em 1882, mas a censura o impediu. O livro foi editado na Suíça em 1884, quando já circulava por todo o Império Russo em cópias manuscritas. Foi publicado oficialmente na Rússia apenas em 1906, após uma tímida abertura do regime czarista, assustado pelo ensaio revolucionário do ano anterior. *Uma confissão* foi o primeiro texto de Tolstói a ser traduzido para o inglês e contribuiu para que o escritor se transformasse numa espécie de profeta ou místico. Na velhice, Tolstói, de fato, desenvolveu uma filosofia moral baseada nos ensinamentos de Jesus, especialmente no Sermão do Monte.

O “tolstoísmo” pregava o pacifismo e o vegetarianismo, recusava a propriedade privada e desconfiava do Estado. A não violência de Mahatma Gandhi foi inspirada na prédica do conde, que recebia milhares de peregrinos em Iásnaia-Poliana. Aos olhos do Ocidente, Tolstói pregava um cristianismo livre de dogmas e promessas de vida eterna, semelhante às vertentes liberais e progressistas do protestantismo que se desenvolviam na Europa da época. A Igreja Ortodoxa Russa excomungou Tolstói em 1901. Cem anos depois, as autoridades ortodoxas ignoraram o pedido de seu bisneto, Vladimir Tolstói, e se recusaram a readmiti-lo. “Não foi a Igreja Ortodoxa que o afastou, e, sim, ele mesmo, ao escrever obras claramente antiortodoxas e anticristãs”, afirmou o patriarca ortodoxo.

Tolstói, porém, não era um místico, mas um pensador bastante racional, como uma leitura atenta de *Uma confissão* pode mostrar. Ele planejava que o texto servisse de introdução para *Investigação da teologia dogmática*, um livro no qual ele critica diretamente as doutrinas da Igreja Ortodoxa. “É preciso sublinhar o caráter racional do pensamento de Tolstói. Ele nada tem de místico, muito menos doutrinário ou evangelizador, como corre solto pela bibliografia crítica anglo-americana”, afirma Rubens Figueiredo, o tradutor. “Tolstói se voltou contra a tendência dominante entre os filósofos europeus de derivar, ou fugir, rapidamente para a abstração. Seu conceito de razão não era abstrato, mas sempre referido à história e à experiência concreta cotidiana.” Elena Nikolaevna afirma que o escritor russo tinha pendor de filósofo, não de místico. “Tolstói era homem radiante, mas não um desses místicos que têm revelações e levam uma vida de jejum e oração. *Uma confissão* se aproxima mais de um tratado filosófico”, diz. A fé de Tolstói prescindia daquele Deus onipotente, de Seu Filho sacrificado e Sua providência sempre vigilante. Ele aspirava pôr em prática os valores do cristianismo, mas queria distância de seus rituais. Para o velho e barbudo conde de Iásnaia-Poliana, a razão era uma aliada da fé na dura tarefa de separar as verdades espirituais dos enganos da religião. ♦



GUSTAVO CERBASI

Usar banco direito exige educação

Educação financeira é um tema onipresente em telejornais, revistas, páginas e canais de internet. Buscou informação, você encontra dicas para organizar suas finanças, declarar seu Imposto de Renda, investir melhor ou sair de dívidas. O abundante volume de informação sobre escolhas financeiras, disponível nos diferentes veículos de comunicação e mídia, pode nos fazer supor que os hábitos mudarão. Mesmo assim, ainda somos a pátria dos endividados, maus consumidores de serviços financeiros que aceitamos pagar juros superiores a 400% ao ano no cartão de crédito, sem contestação.

Seríamos maus aprendizes, como aquele aluno reprovado na escola mesmo sob os cuidados dos melhores professores? Talvez não. É preciso refletir sobre a importante diferença entre informar e capacitar.

É provável que nosso competente esforço de informar esteja esbarrando na limitada capacidade de entendimento da população. O fracasso escandaloso do nosso modelo educacional, a julgar pelos rankings internacionais de avaliação escolar, como o Pisa e similares, não deve ser visto apenas como vexame imediato, mas tratado com preocupação por seus efeitos no longo prazo. Uma população incapaz de interpretar textos jamais saberá identificar riscos em contratos que assina. Os incapazes de resolver questões básicas de aritmética receberão informações sobre melhores investimentos com a mesma clareza com que entenderiam uma novela falada em húngaro.

Mais do que educação financeira, o

Brasil carece de capacitação financeira básica. A terra dos maiores juros do mundo é habitada por um povo que não entende o conceito de juros e seus efeitos nas dívidas e na multiplicação de reservas. Contratos? Basta assinar, e depois chamar um advogado se tivermos algum problema. Aumentar a bancarização da população sem antes ensinar a usar os serviços dos bancos é tão irresponsável quanto dar o volante do carro a quem não tem habilitação para dirigir. O raciocínio mágico comum entre os não capacitados é “saquei dinheiro do banco porque estava a minha disposição – não sei de onde veio, quanto vai custar, nem se vão me cobrar”.

Ser financeiramente capaz é mais do que se manter informado. É aplicar o conhecimento na hora certa em escolhas cotidianas, saber estimar a hora de avançar e de parar quando dinheiro está envolvido. Enquanto não soubermos somar e subtrair, não saberemos fazer estimativas.

Uma sociedade com educação desigual resulta em desigual aproveitamento de oportunidades. Isso aumenta o terror da desigualdade econômica e social. Por mais que criemos políticas públicas de acesso, cotas e incentivo, elas exibirão pouco resultado enquanto não houver mobilização para mudar nossa educação de base – aquela mais simples, que nos permite absorver as oportunidades que nos são oferecidas. O Brasil é rico, mas a riqueza ainda não é para todos. ♦

Gustavo Cerbasi (www.gustavocerbasi.com.br)
é especialista em educação financeira.
Facebook: **Gustavo Cerbasi**

DOZE HORAS

TEMPO LIVRE? ESQUEÇA. EIS O QUE VOCÊ PRECISA FAZER NESTA SEMANA



CINEMA
3 horas

Para rezar em japonês

O diretor Martin Scorsese, finalmente, levou a cabo um projeto de mais de 20 anos. Com mais de duas horas e meia de duração, o filme **Silêncio** acompanha a perigosa jornada de dois padres jesuítas portugueses (Andrew Garfield e Adam Driver) em busca de um companheiro de batina (**Liam Neeson**) desaparecido no Japão feudal, num período de perseguição ao catolicismo. O roteiro, adaptado do romance escrito por Shusaku Endo em 1966, é assinado por Scorsese, que não tomava essa função para si desde 1995. O resultado de tamanha aventura é uma reflexão emocionalmente ressonante sobre a espiritualidade e a natureza humana. **Estreia no dia 9/3.**



LIVRO
2 horas

Xô, preguiça!

Para compor **Macunaíma – O herói sem nenhum caráter**, o modernista paulistano Mário de Andrade recriou lendas indígenas, amazônicas e afro-brasileiras. A ilustradora Mariana Zanetti adicionou muita cor a esse caldeirão. E a escritora Noemi Jaffe contribuiu com um posfácio e 520 notas explicativas para a nova edição do clássico modernista, que traz, ainda, um glossário com 706 verbetes. **FTD Educação, 248 páginas, R\$ 52.**



CD
1 hora

Remexemexe

Liderado pelo ex-líder da boyband Jonas Brothers, o grupo **DNCE** traz em seu primeiro álbum, homônimo, ritmos dançantes e letras que pegam fácil. Joe Jonas soube amadurecer a fórmula usada no passado: mescla banalidades com pop, adicionando pitadas provocativas para um público mais crescido. **Universal, R\$ 27,90.**



 **TV**
1 hora

Batalha de divas

As atrizes Joan Crawford e Bette Davis viveram uma rivalidade lendária. As duas divas do cinema competiam por papéis principais e viviam dando alfinetadas uma na outra. A hostilidade ficou ainda mais afiada quando ambas foram escaladas para estrear o thriller *O que aconteceu com Baby Jane?*, de 1962, indicado ao Oscar. O filme daria um novo fôlego para suas carreiras e se tornaria um clássico. A série **Feud: Bette e Joan**, protagonizada por **Jessica Lange** (à dir.) e **Susan Sarandon**, explora essa rixa histórica e mostra como a dupla suportou a discriminação por suas idades, o sexismo e a misoginia, tudo isso enquanto lutavam para manter o sucesso e a fama na reta final de suas carreiras. A série ainda conta com participações especiais de Catherine Zeta-Jones, Sarah Paulson e Kathy Bates. **Estreia no dia 12/3, às 22 h, FOX Premium.**

Fotos: divulgação

 **TEATRO**
2 horas

Qual a saída?

Da Escola Livre de Teatro de Santo André saíram expoentes da vanguarda transpaulistana, como Liniker e McLinn da Quebrada. E é de lá que vem uma potente reflexão sobre a turbulência política dos últimos meses. ***Impasse ou isso não é uma peça, é um golpe!*** é uma mistura de espetáculo teatral e performance inspirada nas linguagens artísticas de Hélio Oiticica e Glauber Rocha. A peça fala de política, mas não oferece respostas prontas para os impasses que vivemos. **Escola Livre de Teatro de São André, até 23/4.**



 **EXPOSIÇÃO**
2 horas

As cores de Robert Capa

A vasta produção fotográfica de Robert Capa não se limitou a imagens em preto e branco. Ele também fez registros em cor. A exposição ***Capa em cores*** faz uma retrospectiva inédita das imagens coloridas feitas a partir de 1941. O acervo de 140 fotografias inclui retratos de grandes nomes da arte, imagens de praias e resorts e até fotografia de moda em Roma e Paris. **Oi Futuro, Rio de Janeiro, até 9/4.**



 **LIVRO**
1 hora

É prosa? É poesia? É rock'n'roll?

Muito antes de receber o Prêmio Nobel, o cantor e compositor americano Bob Dylan já arriscava definições *sui generis* de literatura. “Romance”, por exemplo, era “tudo aquilo que eu não posso cantar ou que é longo demais para ser um poema”. Ou seja: é possível que ***Tarântula***, o primeiro dos dois livros publicados por Dylan, seja um romance. Ou um longo poema em prosa. Ou uma reunião de versos surrealistas. Publicado pela primeira vez em 1971 (embora circulasse em edições piratas desde 1966), o livro transpira a efervescência político-cultural dos anos 1960 e o experimentalismo de discos como *Highway 61 revisited*, de 1965. **Tusquets Editores, 136 páginas, R\$ 36,90.**





RUTH DE AQUINO

“Ninguém deve ser obrigado a fazer nada”

Essa foi a justificativa do prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, para sua ausência total da principal festa da cidade, o Carnaval. A frase sintetiza alguns dos piores defeitos num político: omissão e arrogância. Ele deixou todos em suspenso, inclusive sua equipe, e, quando a primeira escola de samba entrou na Avenida, Crivella assistia a uma partida de tênis na Gávea, Zona Sul do Rio. Na véspera, não cumpriu o ritual simbólico de entregar as chaves da cidade ao Rei Momo. Deixou Guarda Municipal, músicos, todo mundo esperando, sem saber se o prefeito daria o ar da graça.

Não apareceu na abertura nem no fechamento da folia. Disse que a mulher “estava com uma gripe forte”. Mas ela também estava no torneio de tênis. Sylvia Crivella reza pelo credo do marido. Em livro recente de sua autoria, ela compara a homossexualidade a uma tragédia como os tsunamis e os suicídios. O prefeito ignorou o manual de boas maneiras e deu uma de Trump tupiniquim ao dizer que o Carnaval pode ser “agenda da imprensa”, mas não dele, prefeito. A Igreja Universal é contra a participação de seus fiéis no Carnaval. A prefeitura carioca está longe de ser laica. Isso é só o começo. E é perigoso.

O vice de Crivella e secretário de Transportes do Rio, Fernando MacDowell, não é obrigado a pagar impostos. Ele deve R\$ 215 mil de IPTU desde 2001. Deve quase R\$ 235 mil de ISS. MacDowell não é obrigado a fazer nada. Crivella também não é obrigado a substituir seu vice para dar exemplo. Não é obrigado a desistir de nomear seu filho para o mais alto cargo de confiança na prefeitura. Não é obrigado a saber que nepotismo às claras se tornou muito impopular.

Crivella não está nem aí. E não está mesmo em lugar nenhum. Não revela sua agenda nem para seus assessores, que ficam boiando, constrangidos. No Carnaval, divulgou um vídeo dizendo que “a gente não sabe sambar, mas sabe trabalhar”. Até agora, o Rio não viu nem uma coisa nem outra. Mais fácil Crivella aprender a sambar.

“Me perguntaram por que não fui ao Sambódromo. Não fui porque no meu caso seria demagogia. E os malefícios da demagogia na vida pública são extensos. A demagogia é a máscara da democracia. E o povo do Rio rejeita um prefeito com máscara ainda que seja no Carnaval.” O povo do Rio votou em Crivella, elegeu-o prefeito. Mas seu discurso na campanha eleitoral era claro: prometia não misturar religião com política. O prefeito deve ser obrigado a cumprir

sua promessa. Na verdade, Crivella nem queria estar no Rio durante o Carnaval.

Estudiosos de comunicação religiosa, como Eduardo Refkalefsky, professor da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (ECO-UFRJ), acreditam que, ao abrir mão do papel tradicional de porta-voz e anfitrião no Carnaval do Rio, Crivella perdeu muito mais do que ganhou, num momento em que ainda precisa conquistar a boa vontade do eleitorado.

“Até quando a religião pode afetar o trabalho de um gestor? De um lado, ele deveria promover a cidade”, disse o professor. Mas, ao mesmo tempo, “ele tem a questão do conflito com o Carnaval: ou ele faria uma transição de sacerdote para a postura de gestor, que tem de representar toda a população, correndo o risco de perder eleitores, ou mantinha as atitudes de quando estava na igreja, com um discurso excludente”, afirmou Refkalefsky. Crivella preferiu a exclusão, a arrogância. Esse é um pecado capital.

Seria menos nocivo para o Brasil se somente Crivella, o pastor e bispo licenciado da Igreja Universal, agisse assim. Sua afirmação em tom de desafio remete a uma anarquia tropical que tem desmoralizado governantes, congressistas, juízes – e muitos cidadãos. Se ninguém deve ser obrigado a fazer nada que não queira, homens públicos e privados não devem assumir compromissos.

Policial não é obrigado a proteger, médico não é obrigado a atender, professor não é obrigado a ensinar, aluno não é obrigado a estudar, motorista não é obrigado a saber dirigir, pais e mães não são obrigados a educar, filhos não são obrigados a respeitar. Escolas de samba não são obrigadas a ter carros alegóricos seguros que não saiam desabando e atropelando foliões na Avenida. No fim, ninguém é punido mesmo.

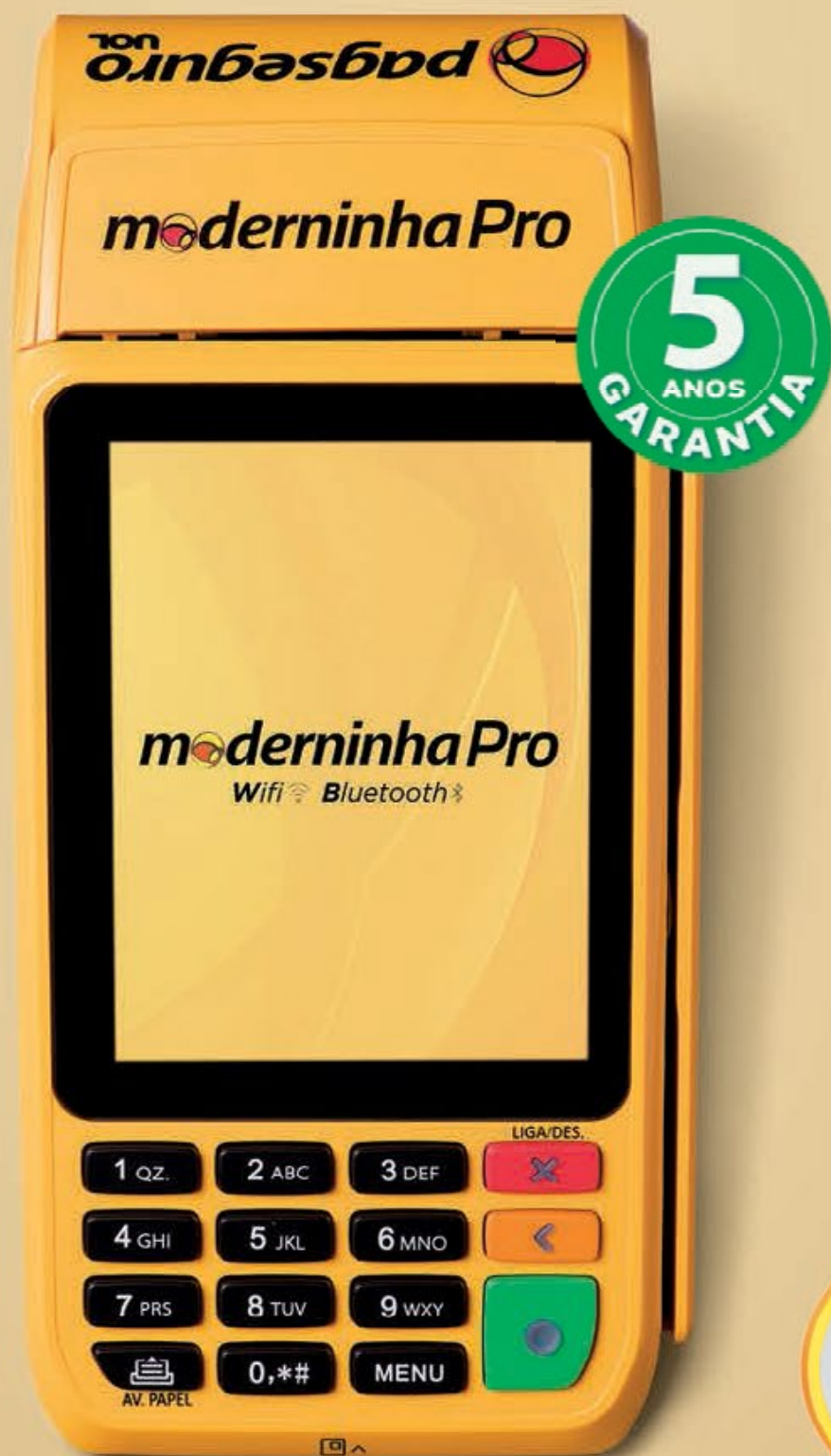
A Câmara e o Senado não devem ser obrigados a descontar o dia dos congressistas que passam por lá só para bater o ponto. Os empresários não são obrigados a agir com lisura quando políticos de todos os partidos passam o chapéu pedindo dinheiro. A chapa Dilma Rousseff-Michel Temer não era obrigada a se comportar com ética e evitar o caixa dois em plena Operação Lava Jato. Somos bobos da corte, nós que nos sentimos na obrigação de protestar. ♦

Ruth de Aquino é colunista de ÉPOCA raquino@edglobo.com.br

COM 6 MESES DE ALUGUEL
DAS OUTRAS, VOCÊ COMPRA A

moderninha Pro

A MAQUININHA SEM ALUGUEL
MAIS COMPLETA



RECEBA
SEU DINHEIRO
EM UM DIA**

- ✓ Sem aluguel e sem taxa de adesão
- ✓ Conexão por chip, Wifi e Bluetooth
- ✓ Chip e plano de dados inclusos
- ✓ Vem com Cartão Pré-Pago grátis
- ✓ Não precisa de conta bancária***
- ✓ Integração com o app PagSeguro Vendas grátis para gerenciar seu negócio
- ✓ Para pessoa física ou jurídica
- ✓ Envio de comprovante de venda por SMS ou impresso
- ✓ 6 bobinas inclusas
- ✓ Frete grátis

TUDO POR APENAS

12x
R\$ **69,90***

TOTAL À VISTA: R\$ 838,80



Moderninha Pro aceita as principais bandeiras:



PEÇA JÁ A SUA, ACESSE OU LIGUE:

PAGSEGURO.COM.BR | 4003-6624

ATENDIMENTO 24 HORAS, 7 DIAS POR SEMANA.

Consulte em pagseguro.com.br/pro os benefícios e as funcionalidades da Moderninha Pro. Preço total à vista da Moderninha Pro: R\$ 838,80, equivalente a 5,03 meses de custo médio mensal com taxa de adesão (R\$ 166,84) das máquinas de GPRS das principais concorrentes (Fonte: preços dos principais credenciadores em out/2016, coletados em sites, listas de preços e por telefone). Consulte condições da garantia em pagseguro.com.br. Wifi requer conexão banda larga para funcionar. Bandeiras Amex, Hipercard e Diners são aceitas mediante leitura de tarja. Bandeiras Mastercard®, Visa, Elo, Ticket, Sodexo e VR Benefícios mediante leitura de chip e uso de senha. Verificar bandeiras aceitas em pagseguro.com.br. Para sua Moderninha aceitar cartão refeição ou benefícios, você precisa ser conveniado à Ticket e/ou Sodexo e/ou VR Benefícios. Saiba mais em pagseguro.com.br. Cartão Pré-Pago: sujeito às condições de contratação. O Cartão Pré-Pago é grátis apenas para os novos clientes que comprarem a Moderninha Pro até 31/8/2017. A funcionalidade de gerenciamento comercial do app PagSeguro Vendas funciona apenas em tablets de 10 polegadas com sistema Android. O tablet não é vendido com a Moderninha Pro. *Parcelamento do preço da Moderninha Pro válido apenas para cartão de crédito. Consulte condições em pagseguro.com.br. **Observada a limitação do seu plano de recebimento, já escolhido. Verifique os prazos aplicáveis para sua Conta PagSeguro em "Meus Dados". ***Não precisa de conta bancária exceto para transações realizadas com cartão refeição ou benefícios.

DÊ BOAS-VINDAS

ao Emirates A380



Voe no mais moderno e confortável avião do mundo, saindo de São Paulo para Dubai, a partir de 27 de março. Aproveite o nosso bar a bordo*, o melhor da culinária gourmet em todas as classes e refresque-se em nosso shower spa**. Reserve a sua passagem em emirates.com/br

Hello Tomorrow



Emirates